



Este texto está disponível no site *Shri Yoga Devi*, <http://www.yogadevi.org/>

Katha Upanishad **Mandukya Upanishad**

texto em sânscrito, tradução para o português e comentários

Tradução, comentários e significados dados por
Shri Swami Krishnapriyananda Saraswati

As Upanishads são importantes textos indianos, considerados sagrados ("perfeitos") segundo a tradição da Índia. Eles contêm ensinamentos filosóficos e, às vezes, informações práticas sobre meditações e outros aspectos do caminho espiritual.

Estamos disponibilizando aqui as traduções comentadas, em português, de duas Upanishads importantes: *Katha* e *Mandukya*. Esses textos foram obtidos do site da "Sociedade Internacional Gita do Brasil", <http://www.gita.ddns.com.br/index/index.php>. A tradução e os comentários são de autoria de Shri Swami Krishnapriyananda Saraswati.

As Upanishads, como outros textos indianos, utilizam um vocabulário muito especial para descrever os conceitos espirituais que abordam. Muitas vezes, essas palavras não têm uma tradução exata, em nossos idiomas, exatamente por descreverem idéias que não fazem parte da cultura ocidental. Para o estudo das Upanishads e de outros textos indianos, é conveniente utilizar dicionários ou glossários. O texto aqui apresentado, da *Mandukya Upanishad*, tem no seu final um glossário dos principais termos utilizados. As pessoas interessadas em se aprofundarem nesse tipo de conhecimento podem consultar muitas fontes disponíveis na Internet, como estas:

<http://www.yoga.pro.br/artigos/331/3037/glossario-sanscrito>

<http://www.linguagensanscrita.pro.br/glossario.shtml>

<http://www.gita.ddns.com.br/glossario/glossario.php>

<http://www.tantrayoga.com.br/artigo05.shtml>

<http://www.espiritualismo.hostmach.com.br/orientalismo.htm>

http://www.espiritualismo.hostmach.com.br/glossario_indiano.htm

http://www.vraja.net/index.php?option=com_content&view=article&id=81:mini-dicionario-de-sanscrito&catid=38:filosofia-espiritual&Itemid=84

श्रीकठोपनिषद्

Śrī Kāthopaniṣad



Tradução, comentários e significados dados por
Śrī Swāmi Kṛṣṇapriyānanda Saraswātī

© Sociedade da Vida Divina Brasil



Guru Pūjā



*om ajñāna-timiraāndhasya jñānāñjana-śālākayā
cakṣur unmilitam yena tasmai śrī gurave namaḥ*

“Presto minhas humildes reverências ao mestre espiritual; nasci na mais absoluta ignorância, e Ele abriu os meus olhos com a tocha do conhecimento”.

Om śrī sad guru śivānanda swamine namaḥ

“Presto minhas humildes reverências a Swāmi Sivānanda, o grande Guru realizado”

Introdução



Śrī Yamarāja concede os pedidos para Naciketas, tendo junto um dos seus servos.

A tradução mais significativa para o termo *Upaniṣad* é “aos pés do mestre”, e este enfoque é dado aos textos desta categoria, porque dizem respeito às conversas entre o mestre e o discípulo, numa assembleia de Sannyasis ou renunciados. Os conteúdos destas instruções são de fácil compreensão para as pesso-

as nascidas dentro da vida e filosofias do Hinduísmo, mas de difícil entendimento para os ocidentais, acostumados a um pensamento maniqueísta, de fraca metafísica, e de formação fragmentária. Os *Upaniṣads* não são textos para as massas, mas para os sacerdotes que estão na ordem de vida renunciada, e que agora precisam aprofundar-se nos estudos sobre *Brahman* ou a Realidade Suprema

Dentro de um conjunto de cento e oito (108) mais importantes *Upaniṣads*, nove se destacam, tanto pela sua simplicidade e profundidade de exposição, como pelo conteúdo metafísico, são eles: *Īśa-Upaniṣad*, *Keṇa-Upaniṣad*, *Prāṣna-Upaniṣad*, *Mundaka-upaniṣad*, *Maṇḍukya-Upaniṣad*, *Taittirīya-Upaniṣad*, *Aitareya-Upaniṣad*, *Śvetāśvatara-Upaniṣad* e *Kāṭha-Upaniṣad*. Os *Upaniṣads* se desenvolvem dentro de uma harmonia e tranqüilidade literária que deixam o leitor (na realidade ouvinte e participante) muito a vontade, porque se está falando de algo que já se conhece, mas agora se esclarece. No caso específico do *Kāṭha*, ou *Kāṭhaka-Upaniṣad*, apesar de ser um clássico do *Vedānta*, é costume classificá-lo como sendo um dos primeiros *yoga-Upaniṣad*, ou seja, e um texto que influenciou até mesmo o *Yoga* do sábio Pātañjali, nos seus *Yoga-sūtras*, sendo que o Seu conteúdo é de uma profunda metafísica sobre o destino da alma após a morte. A palavra sânscrita “*kāṭha*”, na realidade, é uma forma interrogativa, que quer dizer “como?”. Portanto, o *Kāṭha ūpaniṣad* tem este nome devido a pergunta transcendental de Naciketās, que inquire sobre o *Brahman* Supremo para Śrī Yamarāja.

Por sua vez, sabe-se de uma escola védica chamada de *Kāṭhaka-yoga*, que também desenvolveu cinco classes de danças que reverenciam ao Senhor Kṛṣṇa – considerada 8ª encarnação de Deus, segundo os *Vedas* – e que seguem os ensinamentos do chamado *Yajurveda negro*, ou a parte *Kṛṣṇa-Yajurveda*, sendo, por isso, considerado o mais antigo dos *Upaniṣad* que conhecemos, atribuído-Lhe, usualmente, uma data original que varia entre 600 e 1.000 a.n.e., mas há referências ao Seu conteúdo que datam até mesmo antes de 20.000 anos antes da nossa era. O que é certo é o fato de que comparações de literaturas clássicas da Índia indicam que esta obra foi escrita antes do aparecimento do Senhor Buddha (563-483 a.n.e), mas não sabemos se data do ano 1.000, 6.000 ou mesmo 20.000 a.n.e.

É interessante notar que a palavra sânscrita “*gautama*”, que várias vezes aparece no presente texto é, sem nenhuma dúvida, alusiva aos sacerdotes *brāhmaṇas* que eram chamados daquele modo, porque lembra “vaqueiros”, do sânscrito, *go*= vaca + *utama*= vaqueiro; literalmente, “pastores de vacas”. Ainda que digam que este texto tenha sido escrito na época do Iluminado, conhecido como Buddha, de fato, este texto é bem anterior, e não é, portanto, um texto da época do Siddharta.

Nesta presente tradução do *Kāṭha-Upaniṣad* procuramos manter a originalidade da conversa entre o discípulo e o mestre espiritual, porque é este o resultado do que chamamos de *Upaniṣad*, que significa os ensinamentos “diante de”, ou “na frente de”, um *Guru*; “aos pés do mestre”, realizados numa forma de conversa, ou de instruções de conteúdo védico espiritual, de um mestre e um discípulo, em local diverso, podendo ser a sala da própria casa do devoto, ou mesmo na rua ou na floresta. No presente texto, o leitor irá se deparar com comentários de alguns *śloka*s (versos em forma de *mantra*) que pensamos necessários diante de uma explicação de um conteúdo que pudesse passar despercebido por uma leitura menos atenta, ou pelo desconhecimento filosófico, diante da enormidade dos conteúdos de natureza transcendental que são expostos em tão pouco espaço, mas, que são de uma grande riqueza de significados e que devem ficar aclarados.

Preferimos manter o texto original em sânscrito, em *devanagarī* - देवनागरी - com o seu correspondente em diacrítico (letras latinas), para que se possa apreciar a beleza poética e a linda grafia que esta língua sagrada nos fornece. O ato de ler este texto irá trazer ao leitor uma profunda compreensão sobre a vida e a morte, fatores inseparáveis neste mundo material, e irá remeter a uma busca mais aprofundada sobre a ciência dos *Vedas*.

Swāmi Kṛṣṇapriyānanda Saraswātī
Hari om tat sat

Preâmbulo

Por

Sua Santidade Swāmi Śivanānda
Fundador Achārya da The Divine Life Society

Um tesouro de conhecimento

Presto reverências a Satchidananda Parabrahman, que é o suporte, a base e a origem de tudo! Saudações a todos *Brahmavidya-gurus* ou os preceptores do conhecimento do *Brahman*!

Não há um livro no mundo inteiro que estremeça, sacuda o espírito, e que seja tão inspirador como os *Upaniṣads*. A filosofia ensinada pelos *Upaniṣad* é a origem do consolo para muitos, tanto no Ocidente como no Oriente. O intelecto humano não é capaz de conceber qualquer coisa mais nobre e sublime na história do mundo como os ensinamentos dos *Upaniṣad*.

Os *Upaniṣad* contêm a essência dos *Vedas*. Eles são a porção conclusiva dos *Vedas*, e a origem da filosofia *Vedānta*. Profundos, originais, elevados, sublimes pensamentos surgem de cada um dos seus versos. Eles contêm a experiência espiritual direta ou as revelações dos sábios ou profetas, os *Ṛsis*. Eles são o produto do mais elevado conhecimento, do Supremo e Divino Conhecimento. Portanto, eles mexem com o coração das pessoas e as inspiram.

As glórias ou as grandezas dos *Upaniṣad* não podem ser adequadamente descritas por palavras, por-

que as palavras são finitas e a linguagem é imperfeita. Os *Upaniṣads*, de fato, têm contribuído enormemente para a paz e o consolo da humanidade. Eles são altamente elevados e mexem na alma. Milhões de aspirantes têm traçado suas inspirações e se guiado pelos *Upaniṣads*; Eles São a nata dos *Vedas*. Eles são um tesouro de valor incalculável. Eles são ricos em pensamentos profundamente filosóficos. Os Seus valores intrínsecos são notáveis. Há uma profundidade imensa de significados nas passagens e nos versos. Sua linguagem é maravilhosa. Os *Upaniṣad* dão uma vívida descrição da natureza do *Ātman*, a Alma Suprema, numa variedade de caminhos, e dispõe os métodos adequados e o apoio para alcançar o *Brahman* Imortal, e o *Puruṣa*, o mais elevado.

Os tempos têm passado desde que Eles foram apresentados pela primeira vez para o mundo; mesmo hoje Eles são bastante doces e encantadores. O vigor dos *Upaniṣads* é único. Sua fragrância é penetrante. Nos dias de hoje, muitos não podem viver sem estudar os *Upaniṣads* diariamente.

É dito que Schopenhauer, um renomado filósofo do Ocidente, tinha sempre um livro dos *Upaniṣad* sobre a sua mesa, e tinha o hábito, antes de dormir, de realizar suas ações devocionais (orações) de Suas páginas. Ele dizia: “*Em todo o mundo não há estudo assim tão benéfico e tão elevado como aqueles dos Upaniṣad Eles têm sido o consolo para a minha vida, e eles irão consolar a minha morte*”.

Os *Upaniṣad* têm exercido, indubitavelmente, e irão continuar a exercer, uma influência considerável na religião e na filosofia da Índia. Eles apresentam uma visão da realidade da qual certamente satisfará o cientista, o filósofo, bem como as aspirações religiosas do homem.

A origem dos *Upaniṣad*

Os *Upaniṣad* são tratados metafísicos, os quais estão repletos com concepções sublimes do *Vedānta*, e com intuições da verdade universal. Os sábios indianos – *Ṛsis* – e os buscadores se esforçaram no passado distante para pegar as verdades fundamentais da existência. Eles buscavam resolver o problema da origem, da natureza, do destino do homem e do universo. Eles buscaram obter o significado, o valor do conhecimento e da existência. Eles se esforçaram para encontrar a solução para os problemas dos meios da vida e do mundo, e da relação do indivíduo com o Invisível ou a Alma Suprema. Eles procuraram séria e satisfatoriamente a solução de profundos questionamentos tais como: Quem sou eu? O que é este universo ou Samsara? De onde nascemos? Por sobre o que repousamos? Para onde nós iremos? Existe algo alguma coisa como imortalidade, liberdade, perfeição, eterna bem-aventurança, paz eterna, *Atman*, *Brahman*, ou o Ser, a Alma suprema, a qual é não-nascida, imortal, imutável, auto-existente? Como alcançar o *Brahman* ou a imortalidade?

Eles (os sábios) praticaram a forma correta de vida, *Tapas* (austeridades), introspecção, auto-análise, questionaram e meditaram, na pureza no Ser interno, e alcançaram a auto-realização. As Suas intuições das profundas verdades são sutis e diretas. Suas experiências internas, as quais são pontuais, em primeira mão, intuitiva e místicas, as quais nenhum conhecimento pode impedir, e as quais todas as filosofias declaram como a meta última dos seus esforços, estão expressas nestes sublimes livros chamados de *Upaniṣadḍ*

Alguns acadêmicos do Ocidente têm fixado o tempo dos *Upaniṣad* como de 600 a.n.e, apenas. Eles dizem que todos os textos pertencem ao período pré-budista. Realmente, isto é um grande engano. Os *Upaniṣad* são o conhecimento de uma parte ou porção, *Jñāna-kanda*, dos *Vedas*. Eles são eternos. Eles saíram da boca do *Hiranyagarbha* ou *Brahman*. Como pode alguém fixar a data dos *Upaniṣadḍ*? Eles existem mesmo antes da criação deste mundo.

Os *Upaniṣadḍ* são a origem do profundo e divino conhecimento místico, o qual serve como meio de liberdade deste formidável Samsara, cativo terrestre. Eles são escrituras mundiais. Eles atraem os amantes da religião e da verdade em todas as raças, e em todos os tempos. Eles contêm os profundos segredos do *Vedānta*, ou *Jñāna-yoga*, e dicas práticas e dão a pistas as quais jogam muita luz no caminho da auto-realização.

Existem quatro *Vedas*: *Rg*, *Yajur*, *Sama* e *Atharva*. Há muitos *Upaniṣad* para cada *Veda*, como há *Sakhas* ou ramos (subdivisões). Há 21, 109, 1.000, e 50 subdivisões, do *Rg*, *Yajur*, *Sama* e *Atharva Vedas*, respectivamente. Assim, Eles são um mil cento e oitenta *Upaniṣad* (1.180).

Importância e Ideal

O conhecimento dos *Upaniṣads* destrói a ignorância, a semente do *Samsāra*. “*Shad*” significa “romper” ou “destruir”. Pela obtenção do conhecimento dos *Upaniṣadḍ* ficamos aptos para sentarmos junto ao *Brahman*, i.e, para alcançarmos a auto-realização. Portanto, aí está o nome “*Upaniṣadḍ*”. O conhecimento do *Brahman* é chamado de “*Upaniṣad*”, porque ele conduz ao *Brahman*, e ajuda aos aspirantes a alcançar o *Brahman*. O termo “*Upaniṣad*” aplica-se tanto para os livros como também no seu sentido secundário como “com cortesia”.

As duas idéias seguintes predominam nos ensinamentos de todos os *Upaniṣad*: (1) a emancipação final pode ser alcançada apenas pelo conhecimento da Realidade Última, o *Brahman* (*Brahmajñāna*); (2) aquele que está equipado com os quatro meios de salvação, a saber: *Viveka* (diferenciação; discriminação); *Vairagya* (renúncia); *Shad-sampat* (tesouro de seis partes; autocontrole, etc.), e *Mumukṣutva* (sentimento por liberação), pode alcançar o *Brahman*. Os *Upaniṣad* ensinam a filosofia da unidade absoluta.

A meta dos homens, de acordo com os *Upaniṣad*, é a realização de *Brahman*. Somente a auto-realização pode dissipar a ignorância e conceder a imortalidade, bem-aventurança e paz eternas. Apenas o conhecimento do *Brahman* pode remover todas as sombras, ilusão e dor.

Os *Upaniṣad* são corretamente chamados de *Vedānta*, a finalidade dos *Vedas*, a qual está reservada para aqueles que têm se libertado a si próprios das amarras da religião formal.

Os *Upaniṣadḍ* não têm em vista as massas, uma vez que eles contêm uma investigação filosófica elevada. Eles se direcionam apenas para poucos selecionados, que estão aptos e dignos para receber as Suas instruções. Por conseguinte, o termo “*Upaniṣadḍ*” significa primeiramente “ensinamento secreto”, ou “doutrina secreta”. Conforme já declarado, *Sādhana-Chatuṣṭaya* (o meio quádruplo) é a qualificação primária para o aspirante de *Jñāna-yoga*, ou àquele que busca o conhecimento dos *Upaniṣadḍ*

Estudem os *Upaniṣad* sistematicamente. Adquiram os quatro meios de salvação. Meditem no *Atman* não-dual ou *Brahman*, e obtenham a eterna e permanente bem-aventurança.

Hari om tat sat

Guia da Pronúncia, Segundo a grafia utilizada neste texto

O alfabeto mais amplamente usado em toda a Índia chama-se *devanāgarī*, que literalmente significa, “a escrita usada nas cidades dos semideuses”. Este alfabeto consiste em 48 caracteres, 13 vogais e 35 consoantes. O sistema de transliteração usado no presente texto ajusta-se ao sistema que os estudiosos e acadêmicos têm aceitado nos últimos anos para indicar a pronúncia de cada som sânscrito.

Bh	como em inglês <i>rub-hard</i>	kh	como em inglês <i>Eckhart</i>
C	como em <i>tchau</i>	ki	como em quilo
Ch	como em inglês <i>staunch-heart</i>	ḷ	como em espanhol papel
	como em tarde (caipira)	ṁ	como em bem
Dh	como em inglês <i>red-hot</i>	ñ	como em lenha
G	como em antigo	n	como em carneiro (caipira)
Ge	como em guerreiro	ph	como em inglês <i>up-hill</i>
Gh	como em inglês <i>dig-hard</i>	r	como em caro
Gi	como em guitarra		como em carta (caipira)
H	como em inglês <i>home</i>	s	como em Sol
Ah	como em arrá	ṣ	como em inglês <i>sharp</i>
Ih	como em irri		como <i>sh</i> ou em alemão <i>sprechen</i>
J	como em adjetivo	t	com em carta (caipira)
Jh	como em inglês <i>hedgheg</i>	th	como em inglês <i>light-heart</i>
K	como em cavalo	y	como em alfaiate
Ke	como em querido		

Nota sobre as vogais

As vogais em sânscrito se pronunciam de uma forma muito parecida como as nossas na língua portuguesa. Diferenciando-se, apenas, quando levam um traço em cima (**ā**, **ī**, **ū**), então elas têm o dobro de duração

da pronúcia de uma vogal comum, pois, na realidade, o traço por sobre a vogal é um sinal semelhante ao somatório de duas vogais, “*a + a*”, “*i + i*” ou “*u + u*”, etc., ou então de duas palavras diferentes associadas que começam ou terminam com a mesma vogal. Por exemplo, a união da palavra *śaṅkara* + *acarya*, resulta em *śaṅkarācarya*, assim por diante.

No apêndice, no final do texto, o leitor poderá ver os principais símbolos e grafismos do *devanagarī* utilizados neste livro.



Śrī Kāṭhopaniṣad

Por

Śrī Swāmi Kṛṣṇapriyānanda Saraswātī

ॐ

॥ अथ कठोपनिषद् ॥

ॐ सह नावतु । सह नौ भुजु । सहवीर्यं करवावहै ।

तेजस्वि नावधीतमस्तु । मा विद्विषावहै ॥

ॐ शान्तिः शान्तिः शान्तिः ॥

om

|| *atha kaṭhopaniṣad* ||

*om saba nāvavatu | saba nau bhunaktu |
sahavīryam karavāvahai | tejasvi nāvadhītamastu |*

mā vidviṣāvahai ||

om śāntiḥ śāntiḥ śāntiḥ ||

“om, agora o *Kaṭhopaniṣad*”

“OM, que o Supremo nos proteja; que nos conceda a iluminação e a energia do conhecimento para que nos possa ser revelada a verdade, Nos aproximando cada vez mais d’Ele; OM paz paz paz”

ॐ

Primeiro ADHYAYA

Primeiro Valli

śloka 1

ॐ उशन! ह वै वाजश्रवसः सववेदसं ददौ ।

तस्य ह नचिकेता नाम पुत्र आस ॥ १ ॥

*om uśan ha vai vājaśravasaḥ sarvavedasam dadau |
tasya ha naciketā nāma putra āsa*

1. Om - Vājaśravasa, desejando recompensas celestiais, entregou num sacrifício todas as suas posses. Ele tinha um filho chamado Naciketās.

Comentário do śloka

É tradição védica oferecer-se as melhores coisas num sacrifício. As flores mais bonitas, as frutas mais perfeitas, etc., são dadas em primeiro lugar quando oferecidas para uma divindade; deve-se entregar tudo o que há de melhor para os semideuses (anjos), visando, de algum modo, alcançar algum tipo de *darshan*, ou recompensa, ainda que seja pretendendo liberar-se no ciclo infundável de nascimentos e mortes, ou um nascimento num planeta celestial.

Um *brāhmaṇa* que deseja ingressar na ordem de *sannyāsa*, na vida de mendicante retirado, deverá ofertar tudo o que tem antes de receber esta iniciação. Vājaśravasa quer realizar um sacrifício de tudo o que

possui. Sendo um *brāhmaṇa* pobre, tudo o que ele tem são velhas vacas que nem mais leite fornecem. Naciketās teme pelo triste destino de seu pai, também chamado de Auddālaki Aruṇi, em homenagem a sua determinação de dar tudo que tinha.

śloka 2

तँ ह कुमारं सन्तं दक्षिणासु

नीयमानासु श्रद्धाविवेश सोऽमन्यत ॥ २ ॥

taṁ ha kumāraṁ santam dakṣiṇāsu

nīyamānasu śraddhāviveśa so'manyata ||2||

2. Quando as oferendas foram dadas pelo sacerdote uma profunda fé penetrou no coração de Naciketās, que ainda era menino, e ele pensou:

śloka 3

पीतोदका जग्धत्तुणा दुग्धदोहा निरिन्द्रियाः ।

अनन्दा नाम ते लोकास्तान! स गच्छति ता ददत! ॥ ३ ॥

pītodakā jagdhatṛṇā dugdhadohā nirindriyāḥ |

anandā nāma te lokāstān sa gacchati tā dadat

3. “Certamente, não são abençoados os mundos os quais um homem vai pela entrega, como fruto das suas oferendas prometidas num sacrifício, de vacas que tenham (há muito) bebido água, comida feno, dado seus leites, e que estão estéreis (vacas velhas)”.

Comentário do śloka

De acordo com as injunções védicas as oferendas de um sacrifício devem ser feitas com produtos frescos, novos, nunca usados, e sem nenhuma contaminação. O “melhor do melhor” deve ser oferecido ao Senhor. Uma vez que toda a natureza material é corruptível, deve-se oferecer o que há de melhor, porque assim minimiza as imperfeições. Mas o pai de Naciketās não possui nenhuma posse que possa ser considerada de grande qualidade para ser oferecida. Naciketās está preocupado com o destino de alguém diante de oferendas tão simples e tão pobres. Por isso, oferece-se para ser dado em sacrifício.

śloka 4

स होवाच पितरं तत कस्मै मां दास्यसीति ।

द्वितीयं तृतीयं तँ होवाच मृत्यवे त्वा ददामीति ॥ ४ ॥

sa hovāca pitaram tata

kasmai mām dāsyasīti |

dvitīyam tṛtīyam taṁ hovāca

mṛtyave tvā dadāmiṭi ||4||

4. Ele, sabendo que seu pai tinha prometido dar tudo que possuía e, portanto, sendo seu próprio filho, e que seria também sacrificado. Disse ao seu pai: “Querido pai, para quem tu me darás?” Ele perguntou por três vezes. Então, o seu pai, irritado, respondeu: “Eu te darei para o senhor da morte, Mṛtyu (Yama)!”. O pai, uma vez tendo dito isso precipitada e inconscientemente, pensou na verdade das suas palavras sacrificando seu filho.

Comentário do śloka

A insistência neste *mantra*, da pergunta feita de Naciketās para seu pai, demonstra a natural ansiedade dos jovens, como, de fato, este pequeno *brāhmaṇa* o tinha. O pai, para se livrar do incômodo do filho respondeu apressadamente, mas como a sua posição é uma posição superior, não teve como voltar atrás. Isto também é muito significativo pelo fato do valor da palavra ser irrevogável, principalmente se for dita por um sacerdote da alta casta *Brāhmīnica*. Desta forma, o enredo, ao mesmo tempo, adverte sobre a seriedade de dizermos algo, e da grande responsabilidade que devemos ter quando fazemos perguntas.

śloka 5

बहूनामेमि प्रथमो बहूनामेमि मध्यमः ।
किं स्वद्यमस्य कर्तव्यं यन्मयाऽद्य करिष्यति ॥ ५ ॥

bahūnāmemi prathamam
bahūnāmemi madhyamaḥ |
kiṃ svīdyamasya kartavyam
yanmayā'dya kariṣyati ||5||

5. O filho disse: “Na frente de muitos outros que possuem tranqüilidade para morrer, eu vou por primeiro; dos que agora morrem eu estou entre eles. Qual será o trabalho de Yamarāja, o senhor da morte, que ele terá que fazer hoje para mim?”

Comentário do śloka

Como percebemos, Nanciketās demonstrou não possuir medo da morte; dizendo que entre os que irão morrer quer ser o primeiro, e que entre os que morrem quer engajar-se, demonstrando não possuir o temor que a morte causa a todos. Contudo, ele está curioso em saber o que o senhor da morte, Yamarāja, pensa em fazer com ele, uma vez que Mṛtyu, sendo o senhor quem controla o corte da vida, e o destino para os transgressores para os planetas infernais, ele deve saber tudo sobre como isto acontece. Este *śloka* salienta o fato de que todos vão morrer; sendo assim, Nanciketās demonstra muita curiosidade para com os trabalhos de Yamarāja feitos com os que morrem.

śloka 6

अनुपश्य यथा पूर्वे प्रतिपश्य तथाऽपरे ।
सस्यमिव मर्त्यः पच्यते सस्यमिवाजायते पुनः ॥ ६ ॥
anupaśya yathā pūrve pratipaśya tathā'pare |
sasyamiva martyaḥ pacyate sasyamivājāyate punaḥ
|| 6 ||

6. Recorde como foram os que já chegaram antes (ao reino de Yama), e para frente, olhe como será com aqueles que irão no futuro. Um mortal amadurece como o milho, que na primavera cresce de novo.

Comentário do śloka

Ainda que aparentemente um pé de milho morra, ele deixa seus frutos, ou suas sementes, numa espiga para nascer de novo. Esta visão cíclica de nascimentos e mortes contínuas é básica para o fato da compreensão da reencarnação da alma, segundo o Sanātana-dharma. Esta é, também, uma referência ao renascimento da vida, do eterno ciclo de mortes e nascimentos deste mundo material, onde os que já foram na nossa frente para o reino de Yamarāja nos mostram qual será o nosso destino no final da vida.

śloka 7

वैश्वानरः प्रविशत्यतिथिर्ब्राह्मणो गृहान् ।
तस्यैतां शान्तिं कुर्वन्ति हर वैवस्वतोदकम् ॥ ७ ॥

vaiśvānaraḥ praviśatyatithirbrāhmaṇo gṛhān |
tasyaitāṃ śāntim kurvanti hara vaivasvatodakam
|| 7 ||

7. Após dizer isto, Nanciketās penetrou na morada de Yama Vaivaśvāta, e ali o senhor da morte não estava para recebê-lo. Um dos servos de Yama, supostamente, disse-lhe: “O fogo penetra numa casa quando um *brāhmaṇa* entra nela como convidado. Que o fogo seja dissipado por esta oferenda de paz; servindo-lhe água, Ó Vaivaśvāta!”

Comentário do śloka

Yamarāja, o filho de Vīvasvān, é o Yama-Manu da era atual. Ele também é o semideus da morte, que foi salvo do dilúvio por Matsya, uma encarnação de Viṣṇu na forma de um peixe, preservando os textos védicos. Por sua vez, Nanciketās não viu o desejo apressado do pai como sendo uma maldição, mas uma bênção, uma vez que a oferenda de um sacrifício de um *brāhmaṇa* alcança a liberação na ocasião em que ele é feito. Um *brāhmaṇa*, na condição de *brahmacāry*, celibatário, veste-se na cor alaranjada como a cor do fogo. A fé e a paixão do *brāhmaṇa*, que ocupa a mais elevada das posições na sociedade védica, compara-se ao fogo que destrói a ignorância. Em todo o caso, a ira de um sacerdote é considerada a ira divina, assim como o se-

nhor Śiva transforma toda a criação numa dança de fogo, um *brāhmaṇa* é visto como um fogo que destrói toda a ignorância do mundo material. Servir um pouco d'água, algum alimento e dar um local para sentar para um *brāhmaṇa*, faz parte da etiqueta védica.

śloka 8

आशाप्रतीक्षे संगतं सूनृतां

चेष्टापूर्ते पुत्रपशूँश्च सर्वान् ।

एतद्वृङ्क्ते पुरुषस्याल्पमेघसो

यस्यानश्नन्वसति ब्राह्मणो गृहे ॥ ८ ॥

āśāpratīkṣe saṅgataṁ sūnṛtāṁ

ceṣṭāpūrte putrapaśūṁśca sarvān |

etadvṛṅkte puruṣasyālpamedhaso

yasyānaśnanvasati brāhmaṇo grhe || 8 ||

8. Um brāhmaṇa que penetra na casa de um homem tolo, sem receber alimento para comer, destrói todas as suas expectativas e esperanças, suas posses, a sua retidão, suas boas e sagradas ações, todos os seus filhos e gado, toda a sua gr̥ha (coisas pessoais)”.

Comentário do śloka

A tradição védica diz que nunca devemos menosprezar um *brāhmaṇa*, mesmo que ele seja caído e muito fraco no serviço devocional. Mesmo um inimigo, ensina a tradição védica, deve receber um copo d'água, um local para sentar-se, e deve ser tratado com dignidade. Um chefe de família, segundo o *vārṇāś rāma* (posição da vida e social da pessoa), dito *gr̥hāstha*, jamais deverá negar-se a alimentar um *brāhmaṇa*, sob a maldição de ficar miserável e perder tudo o que tem. Chanakya Pāṇḍita, sábio que escreveu o *Vṛddha Chanākya*, (*Máximas de Chanākya*), diz um verso, “*Ofendendo-se a um parente se perde a vida. Ofendendo-se aos demais se perde a riqueza, e ofendendo a um rei se perde tudo; ofendendo-se a um Brāhmaṇa toda a família se extinguirá.* VC. X,11”. Esta máxima revela a grande importância de ofender as coisas para um *brāhmaṇa*, e todos devem, de alguma maneira, desculpar-se ou prestar serviço a um *brāhmaṇa* para purificar-se de *karmas* futuros e passados.

śloka 9

तिस्रो रात्रिर्यदवात्सीर्गृहे मे

अनश्नन्! ब्रह्मन्नतिथिर्नमस्यः ।

नमस्तेऽस्तु ब्रह्मन्! स्वस्ति मेऽस्तु

तस्मात्प्रति त्रीन्वराण्वृणीष्व ॥ ९ ॥

tisro rātrīryadavātsīrgrhe me

anaśnan brahmannatithirnamasyah |

namaste'stu Brahman svasti me'stu

tasmātprati trīnvarāṇvṛṇīṣva || 9 ||

9. Yama retornou para a sua casa após três noites de ausência; durante este tempo, Naciketās não recebeu nenhuma hospitalidade dele; Yamarāja disse a Naciketās: “Ó brāhmaṇa, vós sois um venerável convidado que se hospedou em minha casa por três noites sem comer, portanto, faça três pedidos. Saúdo a Ti! E que nenhum mal recaia sobre mim!”.

Comentário do śloka

O significado neste *śloka* é importante. A espera de três noites é significativa na tradição védica antes para cremar ou enterrar uma pessoa que morreu. Devido que alguém pode entrar em *samādhi* (estado de transe profundo de meditação) e aparentar que está como morto, cremar ou enterrar alguém, sem esperar este tempo, pode ser apressado. Naciketās fôra, de certa maneira, oferecido num sacrifício de fogo, feito por seu pai ao senhor da morte Yamarāja, de tal maneira que ele se encontra como se estivesse morto. Logo, se compreende que os ensinamentos contidos neste *śloka* pressupõem o entendimento que se deve esperar por três dias antes de se iniciar os rituais fúnebres finais, como o de cremar ou de enterrar uma pessoa. No ocidente, até faz bem pouco tempo, e em alguns locais ainda o é, há o costume de se velar um morto por três dias, e que alguns fazem menção a este fato como sendo em memória da ressurreição do Senhor Jesus Cristo, ocorrida no terceiro dia depois de Ele ter sido crucificado e retirado da cruz. Mas a tradição é bem mais antiga e remonta os tempos védicos, sendo que, se neste período, não manifestar nenhum sintoma típico de vida, então, faz-se o ritual fúnebre final do desenlace.

Ainda que tivesse um servo na casa de Yamarāja este não agiu conforme deveria, porque deixou o *brāhmāṇa* sem comer durante todo o tempo. No entanto, um servo não deve intrometer-se na casa do seu amo, devendo seguir suas ordens. Desta forma, o proprietário de uma casa é quem fica responsável pela hospitalidade dela, e deve instruir a seus servos como agirem nestes casos. Contudo, conforme reza a tradição védica, se o *brāhmaṇa* não recebe comida e água deve permanecer em jejum até que apareça uma alma piedosa para oferecer-lhe um pouco de água e comida. Mesmo o senhor da morte, Yamarāja teme a maldição de um *brāhmaṇa*, de tal maneira que concede a Naciketās três pedidos para poder livrar-se da maldição que recai por sobre aquele que maltrata um sacerdote, ou *brāhmaṇa*.

śloka 10

शान्तसंकल्पः सुमना यथा स्याद्

वीतमन्युर्गौतमो माऽभि मृत्यो ।

त्वत्प्रसृष्ट माऽभिवदेत्प्रतीत
 एतत! त्रयाणां प्रथमं वरं वृणे ॥ १० ॥
 śāntasaṅkalpaḥ sumanā yathā syād
 vītamanyurgautamo mā'bhi mṛtyo |
 tvatprasṛṣṭa mā'bhivadetpratīta
 etat trayāṇāṃ prathamam varam vṛṇe || 10||

10. Naciketās disse: “Ó senhor da morte, como primeiro dos três desejos eu escolho que meu pai, um gotama, seja pacífico, generoso e livre da ira para comigo; e que ele me reconheça e me receba quando eu tiver sido liberado por ti”.

Comentário do śloka

A expressão “gautamo”, colocada neste śloka, levou alguns estudiosos dizerem que se tratava do Sr. Buddha, mas, na realidade, trata-se de uma referência a um sábio puro, um go-tamo, um pastor de vacas, ou aquele que é muito respeitado pelo Senhor Indra. Na realidade desta expressão Naciketās refere-se ao seu pai como sendo um āṅgira munī, ou seja, um homem santo e devotado, de muito bom coração.

Naciketās pede que seu pai lhe reconheça porque senão seria muito difícil ver alguém, teoricamente morto, voltar do mundo dos mortos e agir como se estivesse vivo. Os fantasmas são realidades para os Hindus, de um modo em geral, então o pai de Naciketās poderia fazer algum ritual de sacrifício para exorcizar o próprio filho, o que seria, certamente, muito desagradável.

śloka 11

यथा पुरस्ताद् भविता प्रतीत
 औद्दालकिरारुणिर्मत्प्रसृष्टः ।
 सुखं रात्रीः शयिता वीतमन्युः
 त्वां ददृशिवान्मृत्युमुखात! प्रमुम! ॥ ११ ॥
 yathā purastād bhavitā pratīta
 auddālakirāruṇirmatprasṛṣṭaḥ |
 sukhaṃ rātrīḥ śayitā vītamanyuḥ
 tvāṃ dadṛśivānmṛtyumukhāt pramuktam || 11||

11. Yamarāja respondeu: “Através de meu favor, Auddālaki Aruṇi, teu pai, irá te reconhecer, e irá dirigir-se a ti como antes. Ele irá dormir tranqüilamente à noite, e estará livre da ira, após ter-te visto livre da boca da morte”.

śloka 12

स्वर्गे लोके न भयं किञ्चनास्ति
 न तत्र त्वं न जरया बिभेति ।
 उभे तीर्त्वाऽश्नायापिपासे
 शोकातिगो मोदते स्वर्गलोके ॥ १२ ॥

svarge loke na bhayaṃ kiñcanāsti
 na tatra tvam na jarayā bibheti |
 ubhe tīrtvā'śnāyāpipāse
 śokātigo modate svargaloke || 12||

12. Naciketās disse: “Nos mundos celestes não há medo; lá não há tua arte, ó Morte, e ninguém têm medo pela causa da velhice. Deixando de lado fome e sede, e onde o sofrimento está fora do alcance; todos se regozijam no mundo celestial”.

Comentário do śloka

O mundo superior ou celestial é o Svargaloka, a morada definitiva, onde está o Supremo. Uma vez que o mundo eterno é sempre existente não há que temer-se a morte, a velhice e a doença, fatores inevitáveis neste nosso mundo material. Neste śloka, Naciketās está fazendo uma ode ao mundo do Senhor Kṛṣṇa, o Supremo controlador.

śloka 13

स त्वमग्निं स्वर्ग्यमध्येषि मृत्यो
 प्रब्रूहि त्वं श्रद्धानाय मह्यम! ।
 स्वर्गलोका अमृतत्वं भजन्त
 एतद् द्वितीयेन वृणे वरेण ॥ १३ ॥

sa tvamagniṃ svargyamadhyeṣi mṛtyo
 prabrūhi tvam śraddadhānāya mahyam |
 svargalokā amṛtatvam bhajanta
 etad dvitīyena vṛṇe vareṇa || 13||

13. “Vós conheceis, ó Senhor da Morte, o sacrifício de fogo o qual nos conduz aos céus; diga-o para mim, para encher-me de fé. Aqueles que vivem no mundo celestial alcançam a imortalidade, este é o meu segundo pedido que te faço”.

śloka 14

प्र ते ब्रवीमि तदु मे निबोध
 स्वर्ग्यमग्निं नचिकेतः प्रजानन! ।
 अनन्तलोकाप्तिमथो प्रतिष्ठां
 विद्धि त्वमेतं निहितं गुहायाम! ॥ १४ ॥

pra te bravīmi tadu me nibodha
 svargyamagniṃ naciketah prajānan |
 anantalokāptimatho pratiṣṭhām
 viddhi tvametam nihitam guhāyām || 14||

14. Yamarāja disse: “Eu o contarei para Ti; aprenda-o de mim, e quando tiveres compreendido este sacrifício, o qual conduz ao céu, entendas, ó Naci-

ketās, que ele é a realização dos mundos infinitos, e o suporte firme nele esconde-se na escuridão”.

Comentário do śloka

A colocação de que a luz do fogo está dormente na escuridão é muito importante, porque faz referências à nossa luz interior que adormece pela poeira da ignorância. Em outras palavras, Yamarāja está dizendo para Naciketās que o que ele lhe pede está, de certa forma, dentro dele mesmo, oculto por *Avidya* o ou ignorância.

śloka 15

लोकादिमग्निं तमुवाच तस्मै

या इष्टका यावतीर्वा यथा वा ।

स चापि तत्प्रत्यवदद्यथो

अथास्य मृत्युः पुनरेवाह तुष्टः ॥ १५ ॥

lokādimagniṁ tamuvāca tasmai

yā iṣṭakā yāvātīrvā yathā vā |

sa cāpi tatpratyavadadyatho

athāsya mṛtyuḥ punarevāha tuṣṭaḥ || 15 ||

15. Yama, então, disse para ele o sacrifício de fogo, que é o começo de todos os mundos; quais os tijolos requeridos para o altar, as suas quantidades, e como eles devem ser colocados. E Naciketās repetiu tudo o que havia sido dito para ele. Então Mṛtyu (senhor da morte), estando satisfeito com ele disse:

Comentário do śloka

Todos os rituais de sacrifícios realizados pelos *brāhmaṇas* devem ser feitos em altares que possuam as dimensões corretas, o número certo de tijolos, bem como o formato e a altura adequados para cada ocasião. Também, existe a exigência dos *mantras* para cada evocação específica, além de desenhos de mandalas com as cores que correspondam a cada um dos semideuses, ou aos objetivos pretendidos, que fazem parte inseparável do altar, apesar de variarem conforme a ocasião. Conhecer a arte do sacrifício requer muitos anos e estudo, e talvez uma vida não possa ser suficiente para poder aprender todos eles; contudo, é uma arte que requer muita dedicação por parte de um *brāhmaṇa*, e rendição ao Guru ou mestre espiritual.

śloka 16

तमब्रवीत! प्रीयमाणो महात्मा

वरं तवेहाद्य ददामि भूयः ।

तवैव नाम्ना भविताऽयमग्निः

सृङ्गां चेमामनेकरूपां गृहाण ॥ १६ ॥

tamabravīt priyamāṇo mahātmā

varam tavehādya dadāmi bhūyaḥ |

tavaiva nāmnā bhavitā'yamagniḥ

sṛṅgāṁ cemāmanekarūpām grhāṇa || 16 ||

16. O generoso (senhor da morte), estando satisfeito, disse para ele: “Eu dou a ti, agora, outra dádiva: este sacrifício de fogo será chamado pelo teu nome: Naciketās; pegue, além disso, esta multicolorida guirlanda”.

Comentário do śloka

Yamarāja, além de conceder os dois pedidos que Naciketās fez para ele, deu um *dārśana* especial para o jovem *brāhmaṇa*, ou seja, deu o nome de *naciketās* ao sacrifício de fogo. Também notamos que o senhor da morte deu uma guirlanda multicolorida para o seu convidado, como sinal de respeito e benquerença, sendo este um costume muito antigo e tradicional na Índia, para diminuir a ofensa que fez ao *brāhmaṇa*, além de ser um sinal de boas vindas.

śloka 17

त्रिणाचिकेतस्त्रिभिरेत्य सन्धिं

त्रिकर्मकृत्तरति जन्ममृत्यू ।

ब्रह्मजज्ञं देवमीड्यं विदित्वा

निचाप्येमां शान्तिमत्यन्तमेति ॥ १७ ॥

triṇāciketastribhiretya sandhiṁ

trikarmakṛttarati janmamṛtyū |

brahmajajñam devamīdyam viditvā

nicāpyemāṁ śāntimatyantameti || 17 ||

17. Aquele que realiza por três vezes esta cerimônia Naciketā, e que há reunido pai, mãe e educador, e que há realizado as três obrigações (ou atividades, karma): estudo, sacrifício e caridade, supera o nascimento e a morte. Quando ele tiver aprendido e entendido este sacrifício de fogo, o qual sabe que tudo é nascido de Brahman (Brahmajajñam), que é venerável e divino, então ele obtém a paz perpétua.

Comentário do śloka

Este verso diz claramente que há determinadas regras que um estudante buscador da Verdade Suprema deve empreender para adquirir o conhecimento sobre a vida e a morte. Mesmo um *yogī* possui atividades (*karma*) das quais não pode prescindir. Sendo assim, *Svādhyāyā*, estudo; *Tapasa*, austeridades e *Dānam*, caridade, fazem parte do processo de desenvolvimento do praticante *yogī*, tendo em vista a possibilidade dele alcançar a liberação, *mokṣa*.

śloka 18

त्रिणाचिकेतस्त्रयमेतद्विदित्वा

य एवं विद्वांश्चिनुते नाचिकेतम ।

स मृत्युपाशान! पुरतः प्रणोद्य
शोकातिगो मोदते स्वर्गलोके ॥ १८ ॥

*triṅāciketastrayametadviditvā
ya evaṁ vidvāṁścinute nāciketam |
sa mṛtyupāśān purataḥ pranodya
śokātigo modate svargaloke || 18||*

18. “Aquele que conhece os três fogos Naciketā, e conhece os três empilhamentos do sacrifício Naciketā; ele, tendo primeiro se livrado das correntes da morte, regozija-se no mundo celeste, muito longe do sofrimento”.

Comentário do śloka

O āra de sacrifício *naciketās* é de três andares, dispostos ao redor de um quadrado feito de tijolos coloridos, conforme o ritual para o semideus Agni. O *brāhmaṇa* que realiza o sacrifício neste altar deverá ser dedicado ao estudo, ao sacrifício e à caridade, considerados os três degraus fundamentais para o desenvolvimento espiritual.

śloka 19

एष तेऽग्निर्नचिकेतः स्वर्ग्यो
यमवृणीथा द्वितीयेन वरेण ।
एतमग्निं तवैव प्रवक्ष्यन्ति जनासः
तृतीयं वरं नचिकेतो वृणीष्व ॥ १९ ॥
*eṣa te'gnirnaciketah svargyo
yamavṛṇīthā dviṭīyena vareṇa |
etamagniṁ tavaiva pravakṣyanti janāsaḥ
tṛṭīyaṁ varam naciketo vṛṇīṣva || 19||*

19. Este ó Naciketās, é o teu fogo que conduz ao céu, e no qual levou vosso nome, escolhido como o teu segundo pedido. Todos os homens irão proclamar este fogo no teu nome. Escolha agora, ó Naciketās, teu terceiro pedido”.

śloka 20

येयं प्रेते विचिकित्सा मनुष्येः
अस्तीत्येके नायमस्तीति चैके ।
एतद्विद्यामनुशिष्टस्त्वयाऽहं
वराणामेष वरस्तृतीयः ॥ २० ॥
*yeyaṁ prete vicikitsā manuṣyeh
astītyeke nāyamastīti caike |
etadvidyāmanuśiṣṭastvayā'haṁ
varāṇāmeṣa varastrīyaḥ || 20||*

20. Naciketās disse: “Tenho dúvidas: quando um homem morre, alguns dizem que ele ainda é, outros que não. Isto eu gostaria de conhecer por teu intermédio; este é o terceiro dos meus pedidos”.

Comentário do śloka

O fato de alguém morrer, no Hinduísmo e na filosofia védica como um todo, não encerra a verdadeira existência dele. Porque o que morre é o corpo e não a alma, que é eterna e sempre existente. Neste sentido, o Ser sempre é, mas alguns dizem que com a morte tudo deixa de existir. Naciketās está desvelando seu coração dizendo para Yamarāja que não está 100% seguro do destino do Ser após a morte do corpo. Se, por um lado, tem-se a identificação com o mundo material e grosseiro, por outro, o desejo de libertar-se do ciclo de nascimentos e mortes também é evidente. Contudo, pelo fato de Naciketās estar no mundo do Senhor da Morte, deixa o ouvinte muito à vontade, uma vez que se percebe que o mundo após a morte é muito semelhante ao mundo material.

śloka 21

देवैरत्रापि विचिकित्सितं पुरा
न हि सुविज्ञेयमणुरेष धर्मः ।
अन्यं वरं नचिकेतो वृणीष्व
मा मोपरोत्सीरति मा सृजैनम! ॥ २१ ॥
*devairatrāpi vicikitsitam purā
na hi suvijñeyamaṇureṣa dharmah |
anyam varam naciketo vṛṇīṣva
mā moparotsīrati mā sṛjainam || 21||*

21. Yamarāja disse: “Sobre este ponto mesmo os semideuses tiveram dúvidas; isto não é fácil de entender. Este assunto é sutil. Escolha outro pedido, ó Naciketās, não me pressione, e livre-me deste pedido”.

śloka 22

देवैरत्रापि विचिकित्सितं किल
त्वं च मृत्यो यन्न सुज्ञेयमात्थ ।
वा चास्य त्वाद्गन्यो न लभ्यो
नान्यो वरस्तुल्य एतस्य कश्चित! ॥ २२ ॥
*devairatrāpi vicikitsitam kila
tvam ca mṛtyo yanna sujñeyamāttha |
vaktā cāsya tvādyanyo na labhyo
nānyo varastulya etasya kaścit || 22||*

22. Naciketās disse: “De fato, sobre este ponto mesmo os semideuses possuem dúvidas, e vós, Yama, há declarado que não é de fácil entendimento, e ou-

tro mestre como vós não é fácil de ser encontrado; certamente, não há outro pedido como este”.

Comentário do śloka

A tradução apressada da palavra sânscrita “*deva*”, levou a má interpretação de que o *Sanātana-dharma* ou popularmente chamado Hinduísmo, trata-se de uma religião “politeísta”, o que não é verdade. Somente há um único e mesmo Deus com muitos nomes, formas e passatempos. Nós colocamos esta palavra como “se-mideus”, ou pessoas como o Senhor Brahmā que está numa plataforma muito elevada na criação, mas está sujeito a morte. Deus não está sujeito ao tempo, nem mesmo a morte. Ele está além de tudo, e está em tudo. Esta compreensão é muito transcendental.

śloka 23

शतायुषः पुत्रपौत्रान्वृणीष्व
बहून्पशान! हस्तिहिरण्यमश्वान! ।
भूमेर्महदायतनं वृणीष्व
स्वयं च जीव शरदो यावदिच्छसि ॥ २३ ॥
śatāyusaḥ putrapautrānvṛṇīṣvā
bahūnpāśān hastihiranyamaśvān |
bhūmermahadāyatanaṁ vṛṇīṣva
svayaṁ ca jīva śarado yāvadicchasi || 23||

23. O senhor da Morte disse: “Escolha filhos e netos que possam viver milhares de anos, rebanhos e castelos, elefantes, ouro e cavalos. Escolha a mais ampla morada por sobre a Terra, e viva você mesmo muitas colheitas conforme teu desejo”.

śloka 24

एतत्तुल्यं यदि मन्यसे वरं
वृणीष्व वित्तं चिरजीविकां च ।
महाभूमौ नचिकेतस्त्वमेधि
कामानां त्वा कामभाजं करोमि ॥ २४ ॥
etattulyaṁ yadi manyase varam
vṛṇīṣva vittaṁ cirajīvikāṁ ca |
mahābhūmau naciketastvamedhi
kāmānāṁ tvā kāmabhājaṁ karomi || 24||

24. “Se tu podes pensar algum pedido semelhante a este, escolha riqueza e vida longa. Seja um rei por sobre a Terra toda, Naciketās, e desfrute de todos os desejos”.

śloka 25

ये ये कामा दुर्लभा मर्त्यलोके
सर्वान! कामाँश्छन्दतः प्रार्थयस्व ।

इमा रामाः सरथाः सतूर्या
न हीदृशा लम्बनीया मनुष्यैः ।

आभिर्मत्प्रत्ताभिः परिचारयस्व
नचिकेतो मरणं माऽनुप्राक्षीः ॥ २५ ॥

ye ye kāmā durlabhā martyaloke
sarvān kāmāṁśchandataḥ prārthayasva |
imā rāmāḥ sarathāḥ satūryā
na hīdṛśā lambhanīyā manuṣyaiḥ |
ābhirmatprattābhiḥ paricārayasva
naciketo maraṇaṁ mā'nuprākṣiḥ || 25||

25. “Qualquer que seja o desejo, difícil de ser obtido pelos mortais, peça de acordo com teu desejo; estas virgens leais com suas carruagens e instrumentos musicais - algo semelhante não é, de fato, obtido pelos homens – são servidos, as quais dou para ti, mas não me perguntes sobre a morte”.

Comentário do śloka

Quando Yamarāja faz referências as “essas coisas, isso ou aquilo”, é provável que os estivesse mostrando a Naciketās com o seu poder místico, de materializar imagens no ar. Dizem os videntes que na hora da morte os sofrimentos físicos são mitigados por belas imagens, sons agradáveis e aromas sutis. A queima de incenso, e o cultivo de ouvir boa música auxilia na hora da morte, porque quanto mais apegados se estiver ao corpo, mais difícil será para abandoná-lo, devido ao gozo dos sentidos grosseiros. É dito que um dos últimos sentidos que se desliga da matéria é o da audição, e que permanece um bom tempo junto ao corpo já falecido, podendo levar três dias de duração. Śrī Yamarāja ofereceu o que há de mais desejado por todos os homens por sobre a Terra. Mas Naciketās estava resoluto na sua posição de descobrir os mistérios da morte. Nada do que era material o atraía, porque, com certeza, já havia realizado que o que importa: o Eterno e sempre existente Ser Supremo, e não as coisas que são apenas fruto de Māya ou da energia externa do Senhor.

śloka 26

श्रोभावा मर्त्यस्य यदन्तकैतत!
सर्वेन्द्रियाणां जरयति तेजः ।

अपि सर्वं जीवितमल्पमेव
तवैव वाहास्तव नृत्यगीते ॥ २६ ॥

śvobhāvā martyasya yadantakaitat
sarvendriyāṇāṁ jarayanti tejah |
api sarvaṁ jīvitamalpameva
tavaiva vāhāstava nṛtyagīte || 26||

26. Naciketās disse: “Estas coisas permanecem até o dia de amanhã, ó Morte, por eles se gasta todo o vigor dos sentidos. Assim como toda a vida é curta. Fique com teus cavalos, fique com a dança e o som para ti mesmo”.

Comentário do śloka

As coisas materiais estão sujeitas as qualidades materiais, como tempo, início, meio e fim. Os objetos materiais e aqueles que agradam os sentidos materiais são passageiros, temporários, portanto, são opostos do que é eterno e sempre existente. Naciketās está dizendo para Yamarājā que nada disso lhe interessa, porque ele está ocupado em saber do eterno e sempre existente Ser o *Brahman*.

śloka 27

न वित्तेन तर्पणीयो मनुष्यो
लप्स्यामहे वित्तमद्राक्ष्म चेत्त्वा ।
जीविष्यामो यावदीशिष्यसि त्वं
वरस्तु मे वरणीयः स एव ॥ २७ ॥

*na vittena tarpaṇīyo manuṣyo
lapsyāmahe vittamadrākṣma cettvā |
jīviṣyāmo yāvadiśiṣyasi tvam
varastu me varanīyaḥ sa eva || 27||*

27. “Nenhum homem pode ser feliz pela riqueza. Nós possuiremos riqueza quando virmos a ti? Nós possuiremos vida longa como vossa autoridade? Há somente um pedido, o qual eu escolhi, que é preferido por mim”.

Comentário do śloka

Para que serve um bem material, se ele é sempre temporário, passageiro e sujeito a corrupção, morte e a degeneração? Talvez alguns bens materiais durem mais do que outros, mas todos estarão condenados ao mesmo fim, isso é, desaparecer com o tempo. Nada do que for material terá valor diante da morte. Não levamos nada de material aos pés de Yamarājā, mas apenas a realização Superior do Ser Supremo. Portanto, Naciketās não abre mão do pedido sobre aquilo que é eterno e sempre existente. Ele quer saber a verdade do que é que permanece depois da morte do corpo, e que está além dos bens materiais e coisas transitórias.

śloka 28

अजीर्यताममृतानामुपेत्य
जीर्यन्मर्त्यः क्वघःस्थः प्रजानन! ।
अभिध्यायन! वर्णरतिप्रमोदान!
अतिदीर्घे जीविते को रमेत ॥ २८ ॥

ajīryatāmamṛtānāmupetya

*jīryanmartyaḥ kvadhahsthaḥ prajānan |
abhidhyāyan varṇaratipramodān
atidīrghē jīvite ko rameta || 28||*

28. “Qual mortal inteligente, decaindo nesta vida, e, após ter se aproximado da morte, imune da decadência desfrutada pelos mortais, poderá deleitar-se com vida longa, após ele ter ponderado sobre os prazeres, os quais surgem da efemeridade da beleza e da paixão mundana?”

Comentário do śloka

Quem realiza a Verdade Suprema, de fato, realiza a essência de todo o conhecimento. Isso quer dizer que quando um buscador da Verdade encontra a realização no Ser Supremo, alcança a bem-aventurança. Uma vez que se experimenta algo de um gosto superior, não haverá mais interesses por coisas de um gosto inferior. Desta forma, todos os prazeres mundanos são um nada perto de quem realizou a Verdade Suprema.

śloka 29

यस्मिन्निदं विचिकित्सन्ति मृत्यो
यत्साम्पराये महति ब्रूहि नस्तत! ।
योऽयं वरो गूढमनुप्रविष्टो
नान्यं तस्मान्नचिकेता वृणीते ॥ २९ ॥

*yasminnidam vicikitsanti mṛtyo
yatsāmparāye mahati brūhi nastat |
yo'yaṁ varo gūḍhamanupraviṣṭo
nānyam tasmānnaciketā vṛṇīte || 29||*

29. “Não, ó Mṛtyo (morte)! Conte-nos o que há sobre o qual existe esta grande dúvida do mundo vin-douro”. Naciketās não fez outro pedido, mas o qual penetrou dentro do mundo oculto.

॥ इति काठकोपनिषदि प्रथमाध्याये प्रथमा वल्ली ॥

|| *iti kāṭhakopaniṣadi prathamādhyāye prathamā
vallī ||*

“Assim se encerra a primeira parte do Canto 1 do Kāṭhōpaniṣad”



Segundo Valli

Comentário introdutório

A síntese dos *ślokas* deste *valli* diz respeito as importantes instruções recebidas pelo guerreiro Arjuna no campo de batalha de *Kurukṣetra*, embate relatado com minúcias no *Mahābārātha*. O *Bhagavad-gītā*, o sexto canto do *Mahābārātha*, denominado de *Bhīṣma Pārva*, desta milenar obra da literatura sagrada da Índia

dia védica, trata do momento que antecede o combate derradeiro, uma vez que Kṛṣṇa dá instruções de lembrança para o Seu primo Arjuna, o arqueiro dos Pāṇdavās, que vendo seus parentes e conhecidos sentiu-se muito perturbado em ter que lutar contra eles.

A posição de liderança e de um grande *ksātriya*, que Arjuna ocupava como guerreiro chefe, não lhe permitia agir da maneira que estava agindo. Sendo assim, o Senhor Kṛṣṇa mostrou que ele estava agindo motivado por uma consciência puramente materialista, ditando o conhecimento dos textos védicos para ele, fazendo com que rememorasse os conhecimentos transcendentais da vida e da morte. Os aspectos da reencarnação, das atividades do *dharma* e do *karma*, bem como os conhecimentos do *Yoga* são passados para o guerreiro neste curto espaço de tempo que antecedia o inevitável.

O *Kāṭha-Upaniṣad* resume neste *valli* o conhecimento a cerca da condição necessária para atingir-se o *Ātma*, o Ser, ou a Verdadeira Realidade – *Brahman* -, citando muitas partes, senão versos que aparecem por inteiro no *Bhagavad-gītā*. Para não tornarmos este texto cansativo em demasia para o leitor, colocamos os versos mais significativos do *Bhagavad-gītā* para ilustrar e ampliar o contexto destes importantes ensinamentos, sempre que se achou necessário. Contudo, deve-se procurar ler os capítulos correlacionados do *Bhagavad-gītā* para poder-se compreender a amplitude do tema tratado.

O *Bhagavad-gītā* é um importante *śmṛti*, ou seja, texto escrito posteriormente aos *Vedas* originais, considerado um *samhitā*, um texto que contém a essência de todos os quatro *Vedas* a saber: *Ṛg-Veda*, *Yajur-Veda*, *Sāma-Veda*, e *Atharva-Veda*. O *Kāṭha-Upaniṣad* é também um texto védico, porque está dentro do *Yajurveda*, o segundo *Veda* depois do *Ṛg-veda*, ou *Veda* original. Alguns autores, inclusive, dizem que o *Yajurveda* é o *Veda* original, mas o estudo das Escrituras tem desvelado a originalidade do *Ṛg-veda*, antecedendo todos os outros 3 (três) *Vedas* subsequentes.



śloka 1

अन्यच्छ्रेयोऽन्यदुतैव प्रेयः

ते उभे नानार्थे पुरुषं सिनीतः ।

तयोः श्रेय आददानस्य साधु

भवति हीयतेऽर्थाद्य उ प्रेयो वृणीते ॥ १ ॥

anyacchreyo'nyadutaiva preyah

te ubhe nānārthe puruṣaṁ sinītaḥ |

tayoḥ śreya ādadānasya sādhu

bhavati hīyate'rthādya u preyo vṛṇīte || 1 ||

1. Mṛtyu – Yamarāja - disse: “O bom é uma coisa, e o agradável é outra; estes dois, tendo objetos diferentes, acorrentam um homem. Ele é o bem para aquele que une-se ao bom; aquele que escolhe os prazeres, perde-se no fim”.

Comentário do śloka

A entidade viva sente-se atraída por várias espécies de coisas que lhe causam prazer. Neste sentido, um porco sente grande atração por locais úmidos e onde possa comer suas próprias fezes. Para um porco, estas condições são agradáveis. Os homens, de diferentes maneiras, sentem-se atraídos por coisas diferentes. Para um, o bem pode ser aquilo o que lhe é bom, para outro, pode ser o oposto. Contudo, como salienta Yamarāja, tanto um como o outro acorrentam-se na busca do gozo dos sentidos. Todos, igualmente, na ilusão dos sentidos, estão aprisionados. No *Bhagavad-gītā* há a seguinte instrução:

*yatato hy api kaunteya
puruṣasya vipāścitaḥ
indriyāṇi pramāthīni
haranti prasabhaṁ manaḥ*

“Apesar de todo o conhecimento, certamente, se não há controle dos sentidos, ó Kaunteya, se é arrastado pelo estímulo da força da mente” (*B.gītā*, Canto 2, 60). Sem controle dos sentidos não haverá controle da mente, e sem controle da mente não haverá meditação ou *Dhyana*, e sem meditação, tampouco, haverá *Samādhi* ou união com o Ser Supremo.

śloka 2

श्रेयश्च प्रेयश्च मनुष्यमेतः

तौ सम्परीत्य विविनिधीरः ।

श्रेयो हि धीरोऽभि प्रेयसो वृणीते

प्रेयो मन्दो योगक्षेमाद्वृणीते ॥ २ ॥

śreyaśca preyāśca manuṣyametaḥ

tau samparītya vivinakti dhīraḥ |

śreyo hi dhīro'bhi preyaso vṛṇīte

preyo mando yogakṣemādvṛṇīte || 2 ||

2. “O bom e o agradável aproximam o homem: o sábio vai na direção contrária deles e os diferencia. Certamente, o sábio prefere o bom ao agradável, mas o tolo escolhe o agradável por intermédio da ambição e da avareza”.

Comentário do śloka

Uma pessoa que não sabe distinguir o bom do agradável é uma pessoa presa ao gozo dos sentidos. Um sábio prefere o bom, o *Dharma*, ainda que isto não lhe seja “prazeroso” no sentido grosseiro dos sentidos, porque sabe que as conseqüências serão diferentes.

Muitas pessoas que se intoxicam com qualquer tipo de droga, e relatam que isto lhes é “muito agradável”, mas todos sabemos que isto não lhes é bom. Bom e agradável são coisas distintas, e um sábio pensa no aspecto ético e moral, mais do que simplesmente render-se aos apelos dos sentidos grosseiros. Um vidente da Verdade contemplou o sereno e sempre existe Ser eterno ou Brahman, portanto, ele pode afirmar as diferenças entre o que é eterno e sempre existe, e o que é efêmero, temporário e que está sujeito a degradação. Isso chama-se *Viveka*, ou discernimento superior.

śloka 3

स त्वं प्रियान्प्रियरूपांश्च कामान्!

अभिध्यायन्नचिकेतोऽत्यस्त्राक्षीः ।

नैतां सुङ्कां वित्तमयीमवाप्तो

यस्यां मज्जन्ति बहवो मनुष्याः ॥ ३ ॥

*sa tvam priyānpriyarūpāṁśca kāmān
abhidhyāyannaciketo'tyasrākṣīḥ |
naitāṁ sṛṅkāṁ vittamayīmavāpto
yasyāṁ majjanti bahavo manuṣyāḥ || 3 ||*

3. “Vós, ó Naciketās, após teres ponderado todos os prazeres que são, ou parecem ser, agradáveis, tendes despedido de todos eles. Vós não tendes penetrado neste caminho que conduz para a riqueza, e no qual muitos homens perecem”.

Comentário do śloka

Yamarāja reconhece que Naciketās não deseja os prazeres mundanos, nem riquezas, ou qualquer coisa da natureza na qual a grande maioria dos homens se perde na sua busca, pois esquecem que o destino de todos neste mundo é a inevitável morte. A busca pelo efêmero, passageiro e temporário é típico da entidade viva corporificada e identificada corporalmente. Naciketās tem a consciência de que é uma alma espiritual, portanto, jamais pode morrer.

śloka 4

दूरमेते विपरीते विषूची

अविज्ञा या च विद्येति ज्ञाता ।

विद्याभीप्सिनं नचिकेतसं मन्ये

न त्वा कामा बहवोऽलोलुपन्त ॥ ४ ॥

*dūramete viparīte viṣūcī
avijñā yā ca vidyēti jñātā |
vidyābhīpsinam naciketasam manye
na tvā kāmā bahavo'lolupanta || 4 ||*

4. “Longe e aparte destes dois pontos diferentes, há estes outros dois: avijñā (ignorância), e o que é conhecido como jñāna (conhecimento; sabedoria). Eu

acredito que tu, Naciketās, possuis desejo de conhecimento; mesmo que haja muitos prazeres - kāmā - não haverá lágrimas neste caminho para ti”.

Comentário do śloka

De fato há muito prazer puro na via do conhecimento, mas é um prazer transcendental, e que está além do gozo dos sentidos grosseiros. O conhecimento que liberta é aquele que diz respeito ao Ser Supremo ou ao Brahman. Naciketās desvelou para Yamarāja que deseja conhecer sobre os mistérios da morte, e os da vida após a morte material. Ainda que estas questões inquietem muitas pessoas elas continuam agindo como se não fossem morrer. Os sentidos materiais, ainda que imperfeitos e sujeitos a enganos, acorrentam as pessoas como se eles fossem a última e única realidade. De um certo modo, este tipo de apego que ocorre com os sentidos grosseiros estabelece uma espécie de âncora, que mantém os seres atados ao mundo, no eterno ciclo de nascimentos e mortes. Este retorno ao mundo material chama-se *Samsāra*, e durará enquanto alguém não se liberar da busca do gozo dos sentidos, e agir puramente tendo em vista o resultado das ações.

śloka 5

अविज्ञायामन्तरे वर्तमानाः

स्वयं धीराः पण्डितमन्यमानाः ।

दन्द्रम्यमाणाः परियन्ति मूढा

अन्धेनैव नीयमाना यथान्धाः ॥ ५ ॥

*avijñāyāmantare vartamānāḥ
svayaṁ dhīrāḥ paṇḍitamanyamānāḥ |
dandramyamānāḥ pariyanti mūḍhā
andhenaiva nīyamānā yathāndhāḥ || 5 ||*

5. “Os tolos moram na escuridão (da ignorância), crenes dos seus próprios conceitos, e inflados com os seus conhecimentos vãos, ficam dando voltas, vacilantes para lá e para cá, como homens cegos conduzidos por cegos”.

Comentário do śloka

Muitos são os aspirantes do conhecimento transcendental. Tal como os que perseguem o gozo dos sentidos e o acúmulo de riquezas, estes aspirantes procuram aqui e ali alguma coisa que atenda sua curiosidade e se dão por satisfeitos com isto. Então, vão em busca do conhecimento e da realizada como uma forma objetiva de realizar alguma gratificação. Crendo possuírem um conhecimento perfeito, se autodenominam mestres, e se auto-ilustram com títulos e uma série de atributos que os afastam do verdadeiro caminho. O conhecimento não deve ser acumulado assim como se acumulam riquezas. O conhecimento perfeito é algo subjetivo, ou seja, está desvinculado dos objetos. Ele deve ser compartilhado, levado adiante, porque é um

dever, de quem sabe, instruir ao que não sabe. O aspirante da Verdade deve ser humilde como uma palha da rua, porque assim poderá receber o autêntico conhecimento, livre do desejo e da ambição.

No *Śrīman-Bhagavad-gītā*, Canto 7, 3, o Senhor Kṛṣṇa dita para Arjuna o seguinte *śloka*:

*manuṣyāṇāṃ sahasreṣu
kaścīd yatati siddhaye
yatatām api siddhānām
kaścīn mām vetti tattvataḥ*

“Dos muitos milhares de homens, poucos se esforçam pela perfeição; destes que se empenham, e realmente a alcançam, poucos Me conhecem de fato”.

Muitos se preocupam em exagero com preceitos, princípios e regras, perdendo-se num rigorismo “mentalóide” que não leva ninguém ao desenvolvimento espiritual. Apesar de todas as preocupações de alguém com estas regras eles não conseguem purificar seus corações. Estritas regras e regulações, realizadas de forma compulsiva, não tornam ninguém melhor que os outros. Quando se fala em controle da mente isto também significa que os exageros de regras e regulações fazem parte deste controle. A verdadeira renúncia deve ser aquela que livra alguém da busca do gozo do resultado das ações. Esta busca é que ata alguém ao *Karma*. Enquanto a entidade viva está condicionada às leis materiais de causa e efeito sofrerá reações. Isso é inevitável. Ir para o fundo da caverna, afastar-se do mundo para realizar Deus é uma busca refinada do gozo dos sentidos. A Verdadeira renúncia é saber usar tudo para a satisfação de Deus. Assim tudo deverá ser feito na verdadeira retidão.

śloka 6

न साम्परायः प्रतिभाति बालं
प्रमाद्यन्तं वित्तमोहेन मूढम।
अयं लोको नास्ति पर इति मानी
पुनः पुनर्वशमापद्यते मे ॥ ६ ॥

*na sāmparāyaḥ pratibhāti bālaṃ
pramādyantaṃ vittamohena mūḍham |
ayaṃ loko nāsti para iti mānī
punaḥ punarvaśamāpadyate me || 6||*

6. “O mundo vindouro (mundo espiritual) jamais se eleva diante dos olhos de uma pessoa desatenta, enganada pela ilusão da riqueza, tal qual a uma criança. ‘Isto é o mundo’, eles pensam, ‘Não há outro’; e assim eles caem sempre e sempre sob a minha influência”.

Comentário do śloka

A palavra *bālaṃ* tanto pode ser entendida como criança ou como visão infantil. Uma criança atraindo-se por

aquilo que lhe desperta curiosidade, sendo que poderá deixar-se levar por um ladrão por um simples doce. A força que atrai a criança é o seu próprio desejo e da sua ingênua ignorância. De modo semelhante, uma pessoa deixa-se atrair por coisas muito vulgares, mas que a afastam do verdadeiro caminho do desenvolvimento espiritual. Convencidos de que o mundo é acúmulo de riquezas, e gozo dos sentidos, a vida passa, levando-lhes toda a vitalidade, caindo no infundável ciclo de nascimentos e mortes.

śloka 7

श्रवणायापि बहुभिर्यो न लभ्यः
शृण्वन्तोऽपि बहवो यं न विद्युः।
आश्चर्यो वा कुशलोऽस्य लब्धा
आश्चर्यो ज्ञाता कुशलानुशिष्टः ॥ ७ ॥

*śravaṇāyāpi bahubhiryo na labhyaḥ
śṛṇvanto'pi bahavo yaṃ na vidyuh |
āścaryo vaktā kuśalo'sya labdhā
āścaryo jñātā kuśalānuśiṣṭaḥ || 7||*

7. “Muitos não são capazes de ouvir o Ser, e muitos, mesmo que O ouçam não O compreendem; maravilhoso é o homem quando O encontra, que é capaz de ser ensinado por Ele (o Ser); maravilhoso é aquele que o compreende, quando é ensinado por um hábil professor”.

Comentário do śloka

Aqui está expresso que é importante que as instruções sobre os mistérios da vida e da morte sejam transmitidas por uma pessoa que já teve esta realização espiritual ou *Guru*. Aquele que conhece a Verdade Suprema não apenas ensina o que sabe, mas como se deve fazer para saber, em outras palavras, enaltece o método pelo qual alcançou a compreensão do *Ātmān*, ou a alma Suprema, e assim libera o discípulo. A associação com uma pessoa sábia, e que realizou o Ser, é de grande e inestimável valia, sendo um importante instrumento na auto-realização de alguém. Nada há de melhor do que a companhia dos Santos e Sábios ou *Satsanga*. Quem atinge a compreensão da Realidade Suprema ou do Ser Supremo, ou de *Brahman* - Śrī Kṛṣṇa -, de fato, compreende o que há de mais elevado e sublime para ser conhecido. Uma vez tendo contemplado a Verdade Suprema, não haverá mais nada para contemplar. Mas apenas a companhia, sem nenhuma realização, não será possível a liberação do *Samsāra*. Todo o processo nasce do auto-esforço, e ninguém poderá fazer a revolução do Ser para outro. Contudo, é pela Graça do Senhor que atingimos a Sua compreensão. Eis porque o devoto deve prestar serviço ao templo e ao mestre espiritual, como forma de desenvolvimento espiritual.

śloka 8

न नरेणावरेण प्रो एष
सुविज्ञेयो बहुधा चिन्त्यमानः ।
अनन्यप्रो गतिरत्र नास्ति
अणीयान! ह्यतर्क्यमाणुप्रमाणात् ॥ ८ ॥

*na nareṇāvareṇa prokta eṣa
suvijñeyo babudhā cintyamānaḥ |
ananyaprokte gatiṛatra nāsti
aṇīyān hyatarkyamāṇupramāṇāt || 8||*

8. “O Ser, quando é ensinado por um homem inferior, não é fácil de ser conhecido, mesmo que pense n’Ele; a menos que ele seja ensinado por outro (que O tenha realizado) não há nenhuma forma de compreender o Seu inconcebível pequeno tamanho.

Comentário do śloka

A alma não é possível de se medir por parâmetros mundanos; ela é imensamente pequena apesar da sua imensa magnitude superior. O ensinamento sobre a sua magnitude não deve ser feito por uma pessoa que está apegada ao gozo dos sentidos ou a simples colheita dos frutos do seu trabalho, achando-se causador das coisas. O fato de alguém aprender sobre o Inefável, e de isto ser possível somente para quem já O realizou, afasta a especulação materialista de que é possível conhecer a Verdade sem se experimentar ou sem se vencer as coisas do espírito. Sem realização não há Verdade Suprema.

śloka 9

नैषा तर्केण मतिरापनेया
प्रोान्येनैव सुज्ञानाय प्रेष्ठ ।
यां त्वमापः सत्यधृतिर्बतासि
त्वाहङ्गनो भूयान्नचिकेतः प्रष्टा ॥ ९ ॥

*naiṣā tarkeṇa matirāpanyā
proktānyenaiva sujñānāya preṣṭha |
yām tvamāpaḥ satyadhṛtirbatāsi
tvāḍṅgano bhūyānnaciketaha praṣṭā || 9||*

9. “Esta doutrina não pode ser obtida através dos argumentos (intelectuais), mas, quando ela é declarada por outro modo, então, ó querido, ela é fácil de ser entendida. Vós ireis obterdes isto agora; Vós sois verdadeiramente um homem determinado na verdade. Que tenhamos sempre um investigador como Tu!”

Comentário do śloka

A expressão sânscrita *satyadhṛtiṣbarāsi* pode ser traduzida por “vidente buscador da verdade”, porque a realidade só pode ser vista a partir da “lente da verda-

de”, e sob um árduo processo de inquirição sincera, e realização no *Samādhi*. Aquele que busca a verdade não deve desistir facilmente. O apelo externo ao gozo dos sentidos é muito forte, de modo que uma pessoa age das formas mais perigosas possíveis, e sequer se dá conta que poderá morrer a qualquer momento. Sendo assim, é perfeitamente compreensível que haja algum sofrimento para aquele que busca a Verdade, e como aqui está dito, ela não pode ser obtida na sua essência por intermédio da especulação intelectual seca e superficial. É necessário renunciar aos desejos, até mesmo ao desejo de obter a Verdade, para que se possa compreender a realidade sem a inferência dos objetos dos sentidos. A Verdade Suprema está além dos objetos, por isso a motivação tem de ser de desenvolvimento subjetivo, ou seja, diferentemente dos objetos materiais grosseiros, e de simples especulações sem nenhuma realização.

śloka 10

जानाम्यहं शेवधिरित्यनित्यं
न ह्यध्रुवैः प्राप्यते हि ध्रुवं तत! ।
ततो मया नाचिकेतश्चितोऽग्निः
अनित्यैर्द्रव्यैः प्राप्तवानस्मि नित्यम् ॥ १० ॥

*jānāmyahaṁ śevadhirityanityam
na hyadhruvaiḥ prāpyate hi dhruvaṁ tat |
tato mayā nāciketāścito'gñiḥ
anityairdravyaiḥ prāptavānasmi nityam || 10||*

10. Naciketās disse: “Eu sei que o que é chamado um tesouro é transitório diante do que é eterno, e não pode ser alcançado por aquelas coisas das quais não são eternas. Por conseguinte, o Naciketāgni (sacrifício de fogo com o nome de Naciketā) foi primeiro guardado por mim; então, por meio de coisas transitórias, eu tenho obtido o que não é transitório (os ensinamentos de Yamārāja)”.

Comentário do śloka

Aqui se enfatiza que o que é eterno é atraído por coisas do Eterno. As coisas mundanas, por mais ricas e belas que sejam, são sempre temporárias, uma vez que toda a criação material, ainda que seja algo proveniente do divino, sempre terá começo, meio e fim. O que permanece, enfatiza Naciketās, é o conhecimento a cerca do que é eterno e sempre existente, como o conhecimento da alma e do Supremo *Brahman*, fatos que recebe dos ensinamentos de Yamarāja.

Observamos que Naciketās refere-se ao fato de que por intermédio de coisas transitórias, como a compreensão de um sacrifício de fogo, chega-se ao que é permanente e sempre existente. Na realidade, a criação material veio a ter existência a partir de um sacrifício de fogo realizado pelo Senhor *Brahmā*, no início da criação. Os versos que consagram este sacrifício cha-

mam-se *Puruṣa-sūkta*,¹ e estão no *Rg-veda*. Contudo, ao observarmos um sacrifício de fogo, vemos coisas materiais como grãos, leite, vacas, *Ghī*, etc. Mas o objetivo são coisas Supremas e Espirituais. O importante é o transcendente, e não o que é aparente, transitório e passageiro. Mesmo um sacrifício de fogo se extingue depois de um certo tempo. Então, o que permanece é a realização metafísica e transcendental, que está além do simples aparente.

śloka 11

कामस्याप्तिं जगतः प्रतिष्ठां
 क्रतोरानन्त्यमभयस्य पारम! ।
 स्तोममहदुर्गायं प्रतिष्ठां दृष्ट्वा
 धृत्या धीरो नचिकेतोऽत्यस्त्राक्षीः ॥ ११ ॥
kāmasyāptim jagataḥ pratiṣṭhām
kratorānantyamabhayasya pāram |
stomamahadurgāyam pratiṣṭhām dr̥ṣṭvā
dhṛtyā dhīro naciketo'tyasrākṣīḥ || 11||

11. Yama disse: “Apesar de vós terdes entendido a plenitude de todos os desejos, os fundamentos do mundo, a recompensa final das boas ações, a praia onde não há mais medos, a qual é ampliada pelo louvor, a morada distante, e o resto, apesar disto, por vossa sabedoria, com firme resolução, vos despedis de todos eles”.

Comentário do śloka

Śrī Yamarāja está mais uma vez reforçando a idéia de que não adianta alguém entender as causas e fundamentos do mundo material, e também saber que a busca pelo gozo dos sentidos e pelos frutos dos resultados são as causas do Saṁsāra, não renunciar, e não realizar. O simples conhecimento de algo, sem realização, não confere a ninguém a liberação. A sabedoria Suprema está em saber das coisas que atam alguém no mundo material, e realizar na resolução de liberar-se delas.

śloka 12

तं दुर्दर्शं गूढमनुप्रविष्टं
 गुहाहितं गह्वरेष्ठं पुराणम! ।
 अध्यात्मयोगाधिगमेन देवं
 मत्वा धीरो हर्षशोकौ जहाति ॥ १२ ॥
taṁ durdarśam gūḍhamanupraviṣṭam
guhāhitam gahvareṣṭham purāṇam |
adhyātmayogādhigamena devam
matvā dhīro harṣaśokau jahāti || 12||

12. “O sábio que através da meditação no seu Ser reconhece o Preceptor Antigo (Ātman), que é difícil de ser visto, que há penetrado dentro da escuridão, que é escondido na caverna, que reside na profundidade do Adhyātma (Deus), ele realmente deixa o prazer e o sofrimento para trás”.

Comentário do śloka

O sábio é aquele que penetrou na profundidade do seu coração e encontrou-se em união ou Samādhi com o Supremo, o Ser primordial ou Adhyātma, chamado de “purāṇa” ou antigo, porque é o mais velho de todos, e que não há ninguém antes d’Ele. O processo de clarear o Ser Supremo ou Paramātma, no interior do coração, está muito bem orientado no *Rāja-Yoga-Pradipika*,² que consiste no Canto 3, capítulo 28, do *Śrīmad-bhāgavatam*. A meditação que é descrita naquele belo texto do *Bhagavata-purāna*, é de suma importância para a realização do *Saṁgṇa-brahman*, ou *Brahman* com qualidades ou atributos.

śloka 13

एतच्छ्रुत्वा सम्परिगृह्य मर्त्यः
 प्रवृह्य धर्म्यमणुमेतमाप्य ।
 स मोदते मोदनीयं हि लब्ध्वा
 विवृतं सद्म नचिकेतसं मन्ये ॥ १३ ॥
etacchrutvā samparigrhya martyaḥ
pravṛhya dharmyamāṇumetamāpya |
sa modate modanīyaṁ hi labdhvā
vivṛtaṁ sadma naciketasam manye || 13||

13. “Um mortal que há escutado e adotado isto, que está desapegado de todas as obrigações (Dharma), e assim possui o alcance do Ser sutil, regozija-se, porque ele recebeu o que é a causa para o regozijo. A casa de Brahman lhe é aberta, eu creio, ó Naciketās”.

Comentário do śloka

Quem bebe da fonte que origina todo o prazer não deve mais se preocupar com os prazeres secundários. Kṛṣṇa, ou *Brahman*, é o Ser Supremo, a fonte inesgotável de todo o prazer. Sendo assim, Yamarāja realiza uma ode a *Brahman*, o Absoluto, neste verso.

O *Dharma* é um dos quatro pilares do *Sanātana-dharma* ou Hinduísmo, sendo *artha*, *kāma* e *mokṣa* os outros. A palavra “*dharma*” possui muitas traduções, mas o seu significado mais usual é o de “reto agir”, ou o de “ação conforme o dever-ser” de cada um. Todos nós estamos atados a algum tipo de atividade, chamadas em sânscrito de *karma*. Cada um possui seu tipo de ação específica, de tal modo que a reta execução desta ação chama-se *dharma*. Um *yogī* regulado na

¹ Texto completo sobre o Śrī Puruṣa-sūkta, está disponível nesta editora.

² Versão em português, com comentários deste belo texto, estão disponível nesta editora.

prática de meditação, com ação mediada para o Supremo, supera os três modos ou qualidades da natureza material, que são fatores predeterminantes para a ação (*karma*) e o seu dever (*dharma*). Uma vez que o praticante elevado de *Yoga* supera as qualidades materiais da Natureza Material ou *Prakṛti*, a saber: *rajas*, modo da ação e da paixão, *tamas*, modo da passividade ou da ignorância, e *sāttwa*, modo do equilíbrio ou da bondade, logo, ele deve liberar-se de todas as regulações e regras.

Śrī Kṛṣṇa, após ter cantado todo o *Śrīmad-Bhagavad-gītā* para Arjuna, conclui no Canto 18, verso 66:

*sarva-dharmān parityajya
mām ekam saraṇam vraja
aham tvām sarva-pāpebhyo
mokṣayiṣyami mā sucaḥ*

“Abandone todos os *dharmas* - deveres e obrigações-rendendo-se somente a Mim; Eu irei te libertar de todas as reações negativas. Não temas!”. Regras e regulações servem durante um certo tempo, mas depois elas passam a escravizar o devoto. Como podemos perceber, este śloka refere-se a esta bela passagem do *Bhagavad-gītā*, uma vez que estão subentendidas todas as instruções daquele *sāmhita* e que todos os *brāhmaṇas* têm que aprender na sua fase de estudantes celibatários.

śloka 14

अन्यत्र धर्मादन्यत्राधर्मात्।

अन्यत्रास्मात्कृताकृतात्।।

अन्यत्र भूताच्च भव्याच्च।य

यत्तत्पश्यसि तद्वद ॥ १४ ॥

anyatra dharmādanyatrādharmāt

anyatrāsmātkṛtākṛtāt |

anyatra bhūtācca bhavyāccya

yattatpāśyasi tadvada || 14||

14. Naciketās disse: “Que conhecerdes Vós do quê e do não quê; além da causa e do efeito, e além do passado ou futuro, diga-me isso?”.

Comentário do śloka

No mundo material as coisas se estabelecem e se relacionam pelas leis de causa e efeito, porque estão subentendidas a três aspectos importantes: *deśa*, *kala* e *pātra*, ou seja, o tempo, o lugar e suas circunstâncias. Cada um dos aspectos materiais da *prakṛti* possui vínculo inevitável com estes três aspectos. Por isso é que se enfatiza a necessidade de conhecer além do simples aspecto fenomênico, ou seja, é necessário realizar além das aparências, para que se possa penetrar no numênico ou no mundo do Ser.

śloka 15

सर्वे वेदा यत्पदमामनन्ति

तपांसि सर्वाणि च यद्वदन्ति ।

यदिच्छन्तो ब्रह्मचर्यं चरन्ति

तत्ते पदं संग्रहेण ब्रवीम्योमित्येतत् ॥ १५ ॥

sarve vedā yatpadamāmananti

tapāṁsi sarvāṇi ca yadvadanti |

yadicchinto brahmacaryam caranti

tatte padam saṅgrahena bravīmyomityetat || 15||

15. Yamarāja disse: “A palavra ou situação a qual todos os Vedas testemunham, a qual todos os brahmacaris (estudantes e Brāhmaṇas celibatários) aclamam, bem como os homens que vivem a vida como investigadores religiosos, conto a ti brevemente: é o OM”.

Comentário do śloka

Diz-se que o *mantra Gāyatrī* contém o resumo de todos os *Vedas* num só verso, e que o *prānava om* ॐ os contém em duas sílabas. É dito que o *yogī* que medita regularmente neste som e no seu significado alcança a liberação do mundo material.

No *Bhagavad-gītā*, 7.8, Kṛṣṇa diz para Arjuna:

*raso 'ham apsu kaunteya
prabhāsmi śasi-sūryayoḥ
praṇavaḥ sarva-vedeṣu
śabdaḥ khe pauraṣam nṛṣu*

“Ó filho de *Kuntī*, Eu sou o sabor da água, a luz do Sol e da Lua, o *Praṇavaḥ om* de todos os *Vedas*, a vibração do som no éter e a coragem nos homens”. Kṛṣṇa ocupa a posição de *pūrṇa-avatāra*, ou seja, de um *avatāra* completo do Senhor Viṣṇu, descido para este mundo com a finalidade de restabelecer o *dharma*, o reto agir, corrompido pela ganância de *Duryodhana*. Ao dizer que É “a origem de todas as coisas”, e do sagrado *praṇava-om*, Kṛṣṇa diz que Ele é o mais sutil e o mais grosseiro de tudo que existe, ou seja, o próprio *Brahman*. Logo, entende-se que os *Vedas* são a parte literária e sutil de Deus, não havendo diferença entre o que Eles pregam e a própria Personalidade de Deus.

śloka 16

एतद्ध्येवाक्षरं ब्रह्म एतद्ध्येवाक्षरं परमम् ।

एतद्ध्येवाक्षरं ज्ञात्वा यो यदिच्छति तस्य तत् ॥ १६ ॥

etaddhyevākṣaram brahma

etaddhyevākṣaram param |

etaddhyevākṣaram jñātvā yo

yadicchati tasya tat || 16||

16. “Esta imperecível sílaba significa Brahman, que é o mais elevado (Ser Supremo); aquele que conhece esta sílaba, qualquer coisa que deseje será dele”.

Comentário do śloka

Nada há além de Brahman. Śrī Kṛṣṇa é o próprio om personificado, por isso quem realiza Śrī Kṛṣṇa realiza a Verdade Suprema. Como é que alguém pode fazer isso? Simplesmente prestando serviço devocional ou Seva para o mestre espiritual, Sua missão, e ao próprio Senhor através da adoração dos Seus Santos Nomes. Há uma união fundamental entre os nomes de Deus e Deus em si mesmo. Portanto, quando dizemos o nome de Deus pelo sagrado Mantra om estamos colocando Deus em nossa língua, nossos lábios, e o corpo inteiro vibra. A alma se regozija no som do Eterno. Portanto, é muito auspicioso o canto dos Seus Santos Nomes. Nesta era de *Kali-yuga*, as Escrituras dizem que não há nada mais aprazível do que cantar os Santos Nomes do Senhor, Hari, Rāma e Kṛṣṇa, através do *Māha Mantra*:

*Hare Rāma Hare Rāma Rāma Rāma Hare Hare
Hare Kṛṣṇa Hare Kṛṣṇa Kṛṣṇa Kṛṣṇa Hare Hare*

O canto continuado deste Mantra remove a poeira que cobre o coração da Verdade Suprema, tal qual uma esponja retira a sujeita de um vidro embaçado, esquecido no tempo do gozo dos sentidos.

śloka 17

एतदालम्बनं श्रेष्ठमेतदालम्बनं परमम् ।

एतदालम्बनं ज्ञात्वा ब्रह्मलोके महीयते ॥ १७ ॥

*etadāmbanam śreṣṭhametadāmbanam param |
etadāmbanam jñātvā brahmaloke mahīyate ||
17||*

17. Este é o melhor suporte, ele é o mais elevado suporte; aquele que conhece este suporte é magnífico no Brahmaloaka (mundo de Brahman).

Comentário do śloka

O canto dos Santos Nomes atua como um poderoso colírio, que remove toda a ignorância. Ele é o suporte da compreensão, porque sustenta a Verdade Suprema. Como não há diferenças entre os Santos Nomes e o próprio Brahman, a pessoa realiza o Brahman sendo resplandescendo no *Brahma-loka*.

śloka 18

न जायते म्रियते वा विपश्चिनः
नायं कुतश्चिन्न बभूव कश्चित् ।
अजो नित्यः शाश्वतोऽयं पुराणो
न हन्यते हन्यमाने शरीरे ॥ १८ ॥

*na jāyate mriyate vā vipāścin
nāyaṁ kutaścinna babhūva kaścit |
ajo nityaḥ śāśvato'yaṁ purāṇo
na hanyate hanyamāne śarīre || 18||*

18. “O conhecedor sabe que o Ser é não nascido, e que nunca morre; Ele não se origina de nada, e nada tem a sua origem nele. O Ancião é não-nascido, eterno e sempre existente; Ele não pode ser morto, mesmo que o corpo seja morto”.

Comentário do śloka

Como todo *Upaniṣad*, o *Kāṭha-Upaniṣad* é um texto anterior ao *Mahābhārātha*, livro de onde foi retirado o *Bhagavad-gītā*, por isso se compreende que haja tantas citações daquela epopéia milenar, e desta breve pregação de Kṛṣṇa para seu primo Arjuna. O texto no *Śrīmad-Bhagavad-gītā*, Canto 2, 20, diz:

*na jāyate mriyate vā kadācin
nāyaṁ bhūtvā bhavitā vā na bhūyaḥ
ajo nityaḥ śāśvato 'yaṁ purāṇo
na hanyate hanyamāne śarīre*

“Em qualquer tempo, nunca se nasce ou se morre; mesmo vindo-a-ser, nunca se deixa de existir, e mesmo que não nascidos, continua-se a ser. O Ser é eterno, não nascido, sempre existente, nunca morre mesmo quando o corpo é morto”. Isso significa que a alma é eterna, sempre existente. O Brahman Supremo, neste verso aparecendo com a expressão “ancião” ou antigo, é a origem de todas as coisas, é Uno sem um segundo. A natureza material ou *Prakṛti* é de qualidades ou Guṇas, que são uma manifestação da energia externa do Senhor. Assim como uma lâmpada, manifestação material, emite luz ou brilho, e o brilho não é a lâmpada, apesar de estar intimamente ligada a ela, a fonte de energia ou eletricidade é a verdadeira causa da luz. Há uma relação íntima entre lâmpada, luz e eletricidade, mas todas estas três coisas são de natureza diferente. A alma não pode ser destruída porque é de natureza não material. O que nasce é o corpo material. Somente as coisas materiais estão sujeitas às leis materiais. O que é da natureza da alma não está sujeito às leis materiais; ainda que o sofrimento seja uma realidade no mundo material, a sua origem deve-se a identificação da entidade viva com a matéria, e não com a alma.

śloka 19

हन्ता चेन्मन्यते हन्तुं हतश्चेन्मन्यते हतम् ।
उभौ तौ न विजानीतो नायं हन्ति न हन्यते ॥ १९ ॥
*hantā cenmanyate hantum hataścenmanyate hatam
| ubbau tau na vijānīto nāyaṁ hanti na hanyate
|| 19||*

19. “Se o matador pensa que mata alguém, e se quem morre pensa que é morto, eles não compreendem; porque ninguém mata e ninguém é morto”.

Comentário do śloka

Tal como o śloka anterior, este verso é citado no âmagdo do Canto 2, śloka 21 do *Bhagavad-gītā*, que diz:

*vedāvināsinam nityam
ya enam ajam avyayam
katham sa puruṣaḥ pārtha
kaṁ ghātayati hanti kam*

“Conhecendo que o Ser é indestrutível, que é não nascido, eterno e imutável, ó Pārtha, como poderás causar ferimentos ou matar alguém?”. Arjuna se encontrava num grande dilema, porque diante dele estavam seus parentes, e muitos dos quais foram companheiros de brincadeiras e aprendizado na infância, e durante o desenvolvimento das qualidades inerentes aos *Kṣātriyas*, de guerreiro, de lutador. Primos, avós, tios, etc., eram os oponentes que Arjuna deveria matar para que a paz e o verdadeiro *dharma*, a justiça, fosse restabelecido. Kṛṣṇa instruiu Arjuna para que ele compreendesse que seu raciocínio estava preso a conceitos materiais e não espirituais, uma vez que aqueles princípios são efêmeros e temporários, enquanto estes últimos são eternos e indestrutíveis, pois pertencem a alma, ao verdadeiro ser.

śloka 20

अणोरणीयान्महतो महीयान!

आत्माऽस्य जन्तोर्निहितो गुहायाम् ।

तमक्रतुः पश्यति वीतशोको

घातुप्रसादान्महिमानमात्मनः ॥ २० ॥

*aṇoraṇīyān mahato mahīyān
ātma'sya jantornihito guhāyām |
tamakratuḥ paśyati vītaśoko*

dhātuprasādānmahimānamātmanaḥ || 20 ||

20 “O Ātma (o Ser interno), é menor do que é o menor, e maior do que é o maior, e está escondido no coração das criaturas. Um homem que está livre do desejo e livre do sofrimento, vê a magnificência do Ser pela graça do Criador”.

Comentário do śloka

No *Sanātana-dharma*, e conseqüentemente no *yoga*, se fala que há dois “tamanhos”³ de alma: A grande alma, ou Alma suprema, da qual tudo emana, *Vibhu-ātmā*, que é o *Paramātmā*, e a alma individual,

Aṇu-ātmā, ou a diminuta partícula subatômica chamada de *Jīvātmā*, ou de alma individual das criaturas viventes, é uma fagulha da Alma Suprema. Apesar disto, tanto uma como outra estão situadas em unidade no coração das entidades vivas, em diferentes graus de consciência. Contudo, apenas a forma de vida humana tem consciência da sua finitude e pode desenvolver a compreensão de Deus, e poder unir-se com Ele.

śloka 21

आसीनो दूरं व्रजति शयानो याति सर्वतः ।

कस्तं मदामदं देवं मदन्यो ज्ञातुमर्हति ॥ २१ ॥

āsīno dūraṁ vrajati śayāno yāti sarvataḥ |

kastaṁ madāmadam devam

madanyo jñātumarhati || 21 ||

21. “Apesar de permanecer estacionário, Ele se afasta para lugares distantes; apesar de estar em repouso, Ele vai para qualquer lugar. Quem, salvo eu, é capaz de conhecer Deus, quer se regozije ou não?”.

Comentário do śloka

O Senhor da morte *Yamarāja*, diz para *Naciketās* que conhece pessoalmente Deus. De fato, Ele está a serviço do Supremo, porque faz parte da roda de nascimentos e mortes realizar o processo por sua égide. Vida e morte fazem parte do mundo material, mas a alma é sempre eterna. Também, aqui está escrito que além do que é permanente e imutável poder afastar-se para lugares distantes, se não há consciência disto não há a compreensão desta qualidade do ser. De modo semelhante que uma pessoa não conhece uma matéria prima até que lhe seja dada às instruções para reconhecê-la, e o que fazer com ela, fica-se sem conhecer o Ser até que nos seja apresentado como a realidade última. A alma condicionada na natureza material passa por três estágios, a saber, o estado de vigília, o de sono com sonhos, e o de sono profundo. Durante os dois primeiros estágios a alma está identificada com a matéria e os fenômenos, mas no estágio de sono profundo, sem sonhos, a alma está mergulhada no âmago do Ser, e é tal qual o Ser Supremo em unidade. A separação do Senhor Supremo forma a falsa idéia de “eu” e “meu”, etc., uma vê que está condicionada ao mundo de pares de opostos, característica do mundo material qualificado.

śloka 22

अशरीरं शरीरेष्वनवस्थेष्ववस्थितम् ।

महान्तं विभुमात्मानं मत्वा धीरो न शोचति ॥ २२ ॥

aśarīraṁ śarīreṣv anavastheṣvavasthitam |

mahāntam vibhumātmānam

matvā dhīro na śocati || 22 ||

³ Quando falamos “tamanho” não estamos nos referindo às dimensões materiais de comprimento, largura e espessura, mas de dimensões transcendentais do Ser.

22. “O sábio que conhece o Ser como sendo sem corpo dentro dos corpos, como imutável no meio das coisas mutáveis, como imenso e onipresente, ele jamais sofre”.

Comentário do śloka

Quem tem o conhecimento da Realidade Suprema, ou do Ser Supremo, como sendo a causa de todas as causas, a origem de todas as origens, incondicionada apesar de estar no interior do coração de todos, tem conhecimento da Verdade última, e por conseguinte não sofre, porque saberá discernir o que é de natureza eterna e o que é de natureza temporária.

śloka 23

नायमात्मा प्रवचनेन लभ्यो

न मेधया न बहुना श्रुतेन ।

यमेवैष वृणुते तेन लभ्यः

तस्यैष आत्मा विवृणुते तनुं स्वाम् ॥ २३ ॥

nāyamātmā pravacanena labhyo

na medhayā na bahunā śrutena |

yamevaiṣa vṛṇute tena labhyaḥ

tasyaiṣa ātmā vivṛṇute tanuṁ svām || 23||

23. “O Ātmā não pode ser alcançado pelo estudo dos Vedas, nem pelo entendimento, nem por muito estudo. Aquele quem o Ātma escolhe por ele, o Ātma pode ser conquistado. O Ātma escolhe-o como algo particular Seu”.

Comentário do śloka

Não é possível conhecer a natureza transcendental do Ātman através da especulação mental. Apesar do Ātmān estar em todos, ele só se manifesta para aqueles que são puros de coração e que estão livres do falso-ego, ou seja, da falsa noção de “eu” ou *Ahāṅkara*. Assim como uma chama só consegue manifestar-se plenamente quando envolve todo o objeto que está queimando, o Ātma só consegue se manifestar na plenitude quando é destruída a falsa noção de “meu” e “teu”, que é típico fenômeno de identidade material do ego. Logo, fica perfeitamente claro que não é possível compreender pelo intelecto, pura e simplesmente, àquilo que é inefável e transcendental. A compreensão da Realidade Última é uma Graça do Supremo, é um *Darāna* da Sua Pessoa Suprema, e da Sua Realidade Suprema.

śloka 24

नाविरतो दुश्चरितान्नाशान्तो नासमाहितः ।

नाशान्तमानसो वाऽपि प्रज्ञानेनैनमाप्नुयात् ॥ २४ ॥

nāvīrato duścāritānnāśānto nāsamāhitaḥ |

nāśāntamānaso vā'pi prajñānenainamāpnuyāt ||

24||

24. “Mas aquele quem por primeiro não se afastou do caminho da maldade, quem não é tranqüilo e controlado, ou que sua mente não está serena, ele não pode conquistar o Ātman, mesmo tendo conhecimento d’Ele”.

Comentário do śloka

Ahimsā ou não violência é o primeiro passo para atingir o *Samādhi* ou união com o supremo. O controle dos sentidos ou *Prathyahāra* é igualmente necessário para a devida concentração do *Dhāraṇa* na alma Suprema. Uma mente agitada não poderá direcionar-se para as coisas supremas que estão além da imediatidade material. No *Bhagavad-gītā*, Canto 16, *ślokas* 1-3, são dadas as características de uma pessoa com qualidades virtuosas ou *daivīm* (divinas). Em síntese, estes versos dizem *ahimsa satyam akrodhas*, ou seja, a não violência, a verdade e sem ira, são características de uma pessoa que se encontra no caminho da espiritualidade. Apesar de que houve uma grande batalha, conforme o *Mahābhārata* narra, a ira ou *krodha*, que é descrita neste verso é a ira da maldade, que não tem uma razão de ser a não ser a de destruir e machucar uma outra pessoa, sem nenhum propósito a não ser causar sofrimentos deliberadamente. É evidente que se uma pessoa possui um comportamento que cause sofrimentos nos outros, que não age com veracidade, e está cheia de ira, não poderá ter um mente serena, uma vez que ela fica plena de movimentos nocivos ao desenvolvimento espiritual. Este ensinamento não se trata de uma colocação puramente moral, mas é prático e existencial, e que deve ser entendido na profundidade. Assim como um copo cheio de um líquido não poderá ser enchido por outro enquanto não for esvaziado, uma mente repleta de atividades negativas não abre espaço para as positivas e libertadoras.

śloka 25

यस्या ब्रह्म च क्षत्रं च उभे भवत ओदनः ।

मृत्युर्यस्योपसेचनं क इत्था वेद यत्र सः ॥ २५ ॥

yasyā brahma ca kṣatrarṇi ca ubhe bhavata odanaḥ

|

mṛtyuryasyopasecanam ka itthā Veda yatra saḥ ||

25||

25. “Quem conhece onde Ele está, Ele para os quais os Brāhmaṇas e os Kṣātriyas são como comida, e a morte em si mesma é como condimento?”

Comentário do śloka

O buscador da Verdade Suprema tem três perguntas as quais fomentam outras três. Estas três perguntas fundamentais são: quem somos? De onde viemos? Para onde iremos? Estas são perguntas que podem ter dois tipos de respostas possíveis, uma materialista, e outra espiritualista. Para um materialista somos simples corpos, portanto, estamos sujeitos ao nascimento, doença, velhice e morte, e tudo termina com a morte do corpo. Para um espiritualista, buscador da Verdade Suprema, a resposta materialista não é suficiente. Contudo, a partir do momento que compreendemos que somos almas espirituais num corpo material, então compreendemos que somos de origem espiritual, que viemos do Mundo Espiritual, e que retornaremos ao Mundo Espiritual, a morada do Senhor Supremo, no final. Portanto, estas três perguntas para o espiritualista buscador da Verdade Suprema geram outras três perguntas que é: Quem é Deus? Onde Ele está? Como poderemos chegar até Ele? Nome, forma, posição, etc., são apenas alimento para o Brahman. A morte junta todos num mesmo e único princípio, porque faz parte do ciclo do Saṁsāra, portanto, a morte condimenta o ciclo de nascimentos e morte, porque com a morte do corpo, uma vez perfeitamente realizados na Verdade Suprema, não se tem mais nada e não mais se retorna a este mundo material.

इति काठकोपनिषदि प्रथमाध्याये द्वितीया वल्ली ॥

iti kāthakopaniṣadi prathamādhyāye dvitīyā vallī

||

“Assim se encerra a Segunda parte intermediária, segundo vallī, do Kāṭhaopaniṣad”



Valli 3

Comentário introdutório do terceiro vallī

Neste terceiro canto da parte primeira do Kāṭhopeniṣad, Yamārāja continua a conversa com Naciketās, mostrando-lhe as diferenças entre os “dois habitantes do corpo”, bem como reforçando a questão do buddhi, o intelecto acertado, e o Ātmam, que é o Ser ou a alma corporificada. Mais uma vez, neste texto, vê-se a forte influência de textos védicos como o Bhagavad-gītā, característica dos Upaniṣads.

śloka 1

ऋतं पिबन्तौ सुकृतस्य लोके

गुहां प्रविष्टौ परमे परार्धे ।

छायातपौ ब्रह्मविदो वदन्ति

पञ्चाग्नयो ये च त्रिणाचिकेताः ॥ १ ॥

ṛtaṁ pibantau sukṛtasya loke
gubhāṁ pravīṣṭau parama parārdhe |
chāyātapaubrahmavidovadanti

pañcāgnayo ye ca triṇāciketāḥ || 1 ||

Diz Yamārāja:

1. “Existem dois (seres), bebendo suas recompensas no mundo de suas próprias ocupações, dentro da caverna do coração, residindo no mais alto pico, no éter do coração. Aqueles que conhecem o Brahman chamam-nos de luz e sombra; de modo semelhante aos chefes de família que realizam os sacrifícios dos cinco fogos no sacrifício Triṇāciketā (três vezes o sacrifício Naciketās)”.

Comentário do śloka

No Ṛg-Veda, e nos Vedas que o seguiram, há a mesma menção destes dois pássaros. A mesma citação analógica aparece no Muṇḍaka Upaniṣad e no Śvetāśvatara Upaniṣad.

Por exemplo, lemos no Muṇḍaka Upaniṣad, 3.1-2, e igual citação no Śvetāśvatara Upaniṣad 4.6-7, que diz textualmente o seguinte:

dvā suparnā sayujā sakhāyā
samānaṁ vṛkṣaṁ pariśasvajāte |
tayoranyaḥ pippalaṁ
svādvattyanasṅnannanyo abhicākaśiti || 4.6 ||
samāne vṛkṣe puruṣo
nimagno'niśayā śocati muhyamānaḥ |
juṣṭaṁ yadā paśyatyanyamīśamasya
mahimānamiti vītaśokaḥ || 4.7 ||

“4.6. Dois pássaros, amigos de inseparável companhia, estão pousados numa mesma árvore. Um deles agarra os doces frutos, e o outro os olha sem comer 4.7. Na mesma árvore um homem (ani a) senta-se pesarosamente, submerso, confuso por sua própria impotência. Mas quando ele vê o outro senhor (i a), contentando-se com Sua glória, então sua tristeza se vai”. A síntese deste śloka é que dentro de todos há o divino Ātman, que simplesmente fica observando tudo, porém sem participar quando é ofuscado pelo gozo dos sentidos da alma condicionada, envolta pelo ego. Quando a entidade viva percebe que no gozo dos sentidos está o irremediável sofrimento decorrente da ação, dá-se conta que somente o eterno, o Ātman, é que permanece, dissipando o ego ou Ahaṁkara, e assim alcançando a liberação.

śloka 2

यः सेतुरीजानानामक्षरं ब्रह्म यत! परम! ।

अभयं तितीर्षतां पारं नाचिकेतं शक्रेमहि ॥ २ ॥

yaḥ seturījānānamakṣaraṁ brahma yat parama |
abhayaṁ titīrṣatāṁ pārāṁ nāciketam śakremahi ||

2 ||

2. “Que sejamos capazes de adquirir habilidade no rito Naciketā, o qual é como uma ponte para os que O realizam (aos sacrificadores, Brāhmaṇas); também a esse que é o mais elevado e imperecível Brahman, para aqueles que desejam cruzar para a outra margem sem medo”.

Comentário do śloka

O sacrifício Naciketā não se trata apenas do ritual e do cerimonial de fogo ou *Agni Hotra*. Isso porque *Svādhyāyā* ou estudo; *Tapasa* ou austeridade e *Dānam* ou caridade, são tal qual uma ponte que leva para o Ser Supremo ou *Brahman*. Quando cruzamos a barreira da ilusão, tornamo-nos indiferentes a tudo o que se ouviu ou há de ouvir (*Bhagavad-gītā*, 2.52). Devemos entender que *Tapasia* não diz respeito as coisas que mitigam o corpo. Trata-se da *Tapasia* subjetiva, além dos objetos, ou da submissão do egoísmo para o Supremo. A simples caridade em dar esmolas, tendo em vista receber algo em troca, tampouco é um conceito elevado, porque tem em vista algum resultado. As ações devem ser feitas sem ter em vista o resultado ou *Karma*. Todas as ações geram algum tipo de Karma ou reação. Somente aquelas ações que são feitas como oferendas para Deus estarão livres das reações do *Karma*.

śloka 3

आत्मानं रथितं विद्धि शरीरं रथमेव तु ।
बुद्धिं तु सारथिं विद्धि मनः प्रग्रहमेव च ॥ ३ ॥
ātmanam rathitam viddhi
śarīraṁ rathameva tu |
buddhim tu sārathim viddhi
manah pragrahameva ca || 3||

3. “Conhecei o Ātmān que está sentado na carruagem; o corpo é a carruagem, o intelecto (buddhi), o cocheiro, e a mente (manah), as rédeas”.

Comentário do śloka

Śrī Kṛṣṇa foi o quadrigueiro de Arjuna na Batalha de *Kurukṣetra*. Ele é o Ātmān Supremo ou *Brahman* quem conduz a carruagem ou o corpo, conduzido pelos cavalos dos sentidos. Quando se deixa o Senhor conduzir esta carroça da alma que é o corpo, então não haverá quaisquer riscos. Pelo contrário, seremos conduzidos fatalmente ao abismo do eterno nascimento e morte no *Samsāra*.

śloka 4

इन्द्रियाणि हयानाहुर्विषयां स्तेषु गोचरान् ।
आत्मेन्द्रियमनोयुं भोत्याहुर्मनीषिणः ॥ ४ ॥
indriyāṇi hayānāhurviṣayāṁ steṣu gocharān |

ātmendriyamanoyuktam bhoktetyāhurmanīṣiṇaḥ ||

4 ||

4. “Os sentidos são chamados de cavalos, os objetos dos sentidos sua estrada. Quando o Ātmān está em união com o corpo, os sentidos e a mente, então, por uma pessoa sábia, é chamado de Desfrutador”.

Comentário do śloka

Aquele que se deixa conduzir pelos sentidos grosseiros é levado sem rumo pela roda do *Samsāra*, ou do eterno nascimento e morte. O verdadeiro desfrutador é o Supremo. A falsa identidade corporal faz com que a entidade viva pense ser o desfrutador e o causador do desfrute. Contudo, há uma relação de reciprocidade no prazer mundano, porque o plano material está composto por pares de opostos. Por isso, prazer e dor estão lado a lado no mundo material. Quem está liberto das amarras do Karma, e que não se deixa conduzir pelos cavalos dos sentidos, que caminham na estrada da gratificação grosseira, são perfeitamente liberados. Este śloka é um perfeito exemplo que ilustra com muita propriedade a quadriga do Senhor Krishna no campo de batalhas de *Kurukṣetra*. A realização de que somos almas espirituais, tendo experiências corporais, sendo controlas pelos sentidos grosseiros, é muito importante, e faz com que sejamos liberados do ciclo infundável de nascimentos e mortes.

śloka 5

यस्त्वविज्ञानवान्भवत्ययुने मनसा सदा ।
तस्येन्द्रियाण्यवश्यानि दुष्टाश्वा इव सारथेः ॥ ५ ॥
yastvavijñānavānbhavatyayuktena manasā sadā |
tasyendriyāṇyavaśyāni duṣṭāśvā iva sārathēḥ || 5||

5. “Aquele que não entende (isso) e que a sua mente (rédeas) nunca estão firmemente seguras, seus sentidos (cavalos) são insaciáveis, assim como os cavalos viciados da carruagem”.

Comentário do śloka

Os cavalos que puxam uma carroça, estando em dupla, habitua-se a puxá-la de um lado, de modo que quando se troca de lado as suas posições eles sempre tendem a puxar para aquele lado do qual estavam acostumados. Deste modo, diz-se que os cavalos estão “viciados” na sua posição. E é provável que quando um dos cavalos de um lado não possa trabalhar, por estar doente ou machucado, o outro também não poderá fazer seu trabalho, porque não consegue executar a sua função, que já está habituada com o outro cavalo, seu companheiro de ação. Sabe-se muito bem que um cavalo acostuma-se com o trajeto que faz, e não é incomum muito destes animais carregarem seus donos até suas casas, mesmo que fiquem dormindo por sobre eles. É muito freqüente o fato de um dono de um cava-

lo embebedar-se e depois ser levado pelo animal até a sua casa, mesmo que esta fique muito distante do local onde ele estava. De modo semelhante, quando ficamos escravos dos sentidos somos conduzidos pelos cavalos dos sentidos nesta estrada que é percorrida por eles. De modo infundável percorre-se esta via do sofrimento, até que as rédeas da carroça sejam tomadas por controle da vontade e dos sentidos, e sejam dirigidas pelo Supremo.

śloka 6

यस्तु विज्ञानवान्भवति येन मनसा सदा ।

तस्येन्द्रियाणि वश्यानि सदश्वा इव सारथेः ॥ ६ ॥

*yastu vijñānavānbhavati yuktena manasā sadā |
tasyendriyāṇi vaśyāni sadaśvā iva sārathēḥ || 6||*

6. “Mas, aquele que entende isso, e de quem a mente está sempre firmemente segura, e seus sentidos sob o seu controle, é como bons cavalos de uma carroagem”.

śloka 7

यस्त्वविज्ञानवान्भवत्यमनस्कः सदाऽशुचिः ।

न स तत्पदमाप्नोति संसारं चाधिगच्छति ॥ ७ ॥

*yastvavijñānavānbhavatyamanaskaḥ sadā'suciḥ |
na sa tatpadamāpnoti saṁsāraṁ cādhigacchati ||
7||*

7. “Aquele que não entende isso, que é precipitado e sempre impuro, nunca alcança esse lugar, mas penetra dentro do ciclo de nascimentos ou Saṁsāra”.

Comentário do śloka

A causa do eterno retorno ou nascimento no mundo material é a busca insaciável pelo gozo dos sentidos. As pessoas vão até a morte tendo em vista realizar o gozo dos sentidos. Como no mundo material tudo é passageiro e efêmero, então o sofrimento é inevitável. Mas como a entidade viva possui o livre arbítrio, ela e quem decide pelo próximo nascimento. A palavra “*saṁ*= próprio + *sāra*= vontade ou querer”, quer dizer “vontade própria”, ou seja, retornamos ao mundo material por nosso próprio querer. A busca pelo gozo dos sentidos é infundável, porque os sentidos são finitos e limitados, por isso não são possíveis de ser realizados na plenitude. Há um gosto superior, experimentado na comunhão com o Supremo. Quem experimenta este gozo superior não mais se sente atraído pelos sentidos grosseiros.

śloka 8

यस्तु विज्ञानवान्भवति समनस्कः सदा शुचिः ।

स तु तत्पदमाप्नोति यस्माद्भूयो न जायते ॥ ८ ॥

*yastu vijñānavānbhavati samanaskaḥ sadā śuciḥ |
sa tu tatpadamāpnoti yasmādbhūyo na jāyate ||
8||*

8. “Porém, aquele que compreende, que é diligente e sempre puro, alcança verdadeiramente este lugar, de onde ele não nasce novamente”.

Comentário do śloka

A morada celeste, o mundo espiritual, quando é atingido pela alma individual, é o local ou morada permanente, do qual não há retorno. Deste modo, quem alcança o verdadeiro mundo espiritual fica livre dos repetidos sofrimentos do nascimento e da morte, neste e em qualquer outro mundo material. No *Bhagavad-gītā*, 8.16, lemos:

*ābrahma-bhuvanāl lokāḥ
punar āvartino 'rjuna
mām upetya tu kaunteya
punar janma na vidyate*

“De todos os sistemas planetários, mesmo do planeta de *Brahmā*, (as pessoas) retornam, ó *Arjuna*. Mas quem a *Mim* chega, nunca volta a nascer no mundo material”. Neste *śloka* do *Bhagavad-gītā* é conveniente referirmo-nos a *Kṛṣṇa* e Seus ensinamentos para *Arjuna* com sendo instruções de libertação do infundável ciclo de nascimentos e mortes, no qual todas as entidades vivas estão como que atadas numa repetição infundável, até que por suas próprios vontades compreendem que a meta da vida é atingir o *Brahman*, ou *Kṛṣṇa*.

śloka 9

विज्ञानसारथिर्यस्तु मनः प्रग्रहवान्नरः ।

सोऽध्वनः पारमाप्नोति तद्विष्णोः परमं पदम ॥ ९ ॥

*vijñānasārathiryastu manaḥ pragrahavānnaraḥ |
so'dhvanah pāramāpnoti tadviṣṇoḥ
paramaṁ padam || 9||*

9. “Mas aquele que teve o entendimento para o seu cocheiro, e que controla as rédeas da mente, ele alcança o final de sua jornada, a qual é a alta morada de Viṣṇu.

Comentário do śloka

Quem compreende que *Śrī Kṛṣṇa* é a Suprema Personalidade de Deus, que é o Supremo controlador, a origem e o fim de tudo, então compreende perfeitamente a Verdade Suprema, e alcança a Sua morada ou *Vaikuntha*, onde não há ansiedade, e tampouco de onde não há retorno ao mundo material.

śloka 10

इन्द्रियेभ्यः परा ह्यर्था अर्थेभ्यश्च परं मनः ।

मनसस्तु परा बुद्धिर्बुद्धेरात्मा महान्परः ॥ १० ॥

*indriyebhyaḥ parā hyarthā
arthebhyaśca param manah |
manasastu parā buddhirbuddherātmā
mahānparah || 10||*

10. “Além dos sentidos há os objetos; além dos objetos há a mente; além da mente há o intelecto; além do intelecto o Mahānparaḥ – o grande Ser”.

Comentário do śloka

Cada órgão do sentido possui seu objeto do sentido. Os olhos vêem, o nariz cheira, etc. A mente é o resultado de um intrincado conjunto de associações, formando as idéias de “eu” e “meu”, etc. Mas além das coisas atreladas aos objetos, ou “objetivas”, há o subjetivo e transcendente, que está além do mundo das formas e fenômenos, este é o Brahman Supremo.

śloka 11

महतः परमव्यमव्यात्पुरुषः परः ।

पुरुषान्न परं किञ्चित्सा काष्ठा सा परा गतिः ॥ ११ ॥

*mahataḥ paramavyaktamavyaktātpuruṣaḥ paraḥ |
puruṣānna param kiñcitsā kāṣṭhā sā parā gatih ||
11||*

11. Além do Grande Imanifesto há o Puruṣa. Além do Puruṣa não há nada, esta é a meta (final), a estrada (ou portão) principal”.

Comentário do śloka

Puruṣa ou Brahman é o Ser Supremo. Além do Ser supremo não há mais nada, porque Ele é sem segundo.

śloka 12

एष सर्वेषु भूतेषु गूढोऽऽत्मा न प्रकाशते ।

दृश्यते त्वग्राचया बुद्ध्या सूक्ष्मया सूक्ष्मदर्शिभिः ॥ १२ ॥

*eṣa sarveṣu bhūteṣu gūḍho'ātmā na prakāśate |
dṛśyate tvagrayā buddhyā
sūkṣmayā sūkṣmadarśibhiḥ || 12||*

12. “O Ser (Ātmān) está oculto em todos os seres e não brilha externamente, mas Ele é visto pela sutil visão dos videntes, pelos seus acurados e sutis intelectos”.

Comentário do śloka

O Ātman, Puruṣa, ou Brahman não é visto pela visão ordinária, porque não é fenomênico. Contudo, pode ser “visualizado” na câmara interna do coração, no Samādhi.

śloka 13

यच्छेद्वाङ्मनसी प्राज्ञस्तद्यच्छेज्ज्ञान आत्मनि ।

ज्ञानमात्मनि महति नियच्छेत्तद्यच्छेच्छान्त आत्मनि ॥ १३ ॥

*yacchedvānmanasī prājñastadyacchejjñāna ātmani |
jñānamātmani mahati
niyacchettadyaccheccchānta ātmani || 13||*

13. “Um homem sábio deve manter sossegadas a sua fala e mente; ele deve mantê-las dentro do Ser (Ātmān), naquilo que é conhecimento; ele deve manter o conhecimento no Ser (Ātmān), o qual é o mais importante; e ele deve manter esse Ātmān dentro do Ser o qual é o silêncio”.

śloka 14

उत्तिष्ठत जाग्रत

प्राप्य वरान्निबोधत ।

क्षुरस्य धारा निशिता दुरत्यया

दुर्गं पथस्तत्कवयो वदन्ति ॥ १४ ॥

*uttiṣṭhata jāgrata
prāpya varānnibodhata |
kṣurasya dhārā niśitā duratyayā
durgam pathastatkavayo vadanti || 14||*

14. “Levantai! Despertai! Alcançai vossos pedidos; entendei-os!”. A fina margem de uma navalha é difícil de saltar; desse modo os sábios dizem que o caminho é duro”.

Comentário do śloka

O caminho que leva ao Ātmān, ao conforto final do Ser Supremo é difícil de ser traspassado, uma vez que se é escravo do gozo dos sentidos. O Ātmān, o ser Supremo que habita no interior dos corações das entidades vivas compara-se ao pássaro que somente observa àquele outro que desfruta do mundo material.

śloka 15

अशब्दमस्पर्शमरूपमव्ययं

तथाऽरसं नित्यमगन्धवच्च यत ।

अनाद्यनन्तं महतः परं ध्रुवं

निचाय्य तन्मृत्युमुखात् प्रमुच्यते ॥ १५ ॥

*aśabdamaśparśamarūpamavyayam
tathā'rasam nityamagandhavacca yat |
anādyanantaḥ mahataḥ param dhruvam
nicāyya tanmṛtyumukhāt pramucyate || 15||*

15. “Ele quem é percebido como Esse que é sem som, intangível, sem forma, sem decadência, sem sabor, eterno, sem cheiro, sem começo, sem fim, além do que é grande, e imutável, é liberado das mandíbulas da morte”.

Comentário do śloka

Quem realiza o Ser Supremo realiza a Verdade Suprema, portanto, libera-se do infundável ciclo de nascimentos e mortes ou Saṁsāra.

śloka 16

नाचिकेतमुपाख्यानं मृत्युषौ सनातनम! ।

उक्त्वा श्रुत्वा च मेधावी ब्रह्मलोके महीयते ॥ १६ ॥

nācīketamupākhyānaṁ mṛtyuṣṭhau sanātanam |
uktvā śrutvā ca medhāvī brahmaloke mahīyate ||
16||

16. “Um homem sábio que há escutado ou repetido esta antiga história de Naciketās, contada por Yamarāja, é engrandecido no mundo de Brahman”.

śloka 17

य इमं परमं गुह्यं श्रावयेद् ब्रह्मसंसदि ।

प्रयतः श्राद्धकाले वा तदानन्त्याय कल्पते ।

तदानन्त्याय कल्पत इति ॥ १७ ॥

ya imam paramaṁ guhyaṁ śrāvayed
brahmasaṁsadi |
prayataḥ śrāddhakāle vā tadānntyāya kalpate |
tadānntyāya kalpata iti || 17||

17. “E, aquele que repete este grande mistério numa assembléia de Brāhmaṇas, ou cheio de devoção na hora de um sacrifício Śrāddha ou fé (ou sepultamento), através disto é recompensado”.

इति काठकोपनिषदि प्रथमाध्याये तृतीया वल्ली ॥

iti kāṭhakopaniṣadi prathamādhyāye tṛtīyā vallī ||

“Assim se encerra a segunda parte intermediária, terceiro vallī, do Kāthopaniṣad”.



Segundo Adhyaya.

Quarto Valli

śloka 1

पराञ्चि खानि व्यतृणत! स्वयम्भूः
तस्मात्पराङ्पश्यति नान्तरात्मन! ।

कश्चिद्धीरः प्रत्यगात्मानमैक्षत!

आवृत्तचक्षुरमृतत्वमिच्छन् ॥ १ ॥

parāñci khāni vyatṛṇat svayambhūḥ
tasmātparāñpaśyati nāntarātman |
kaściddhīraḥ pratyagātmanamaikṣat
āvṛttacakṣuramṛtatvamicchān || 1||

1. Yamarāja disse: “Svayambhū (Manu existente) perfurou e abriu os sentidos de forma que eles localizaram-se na frente; então os homens olham para a frente, não para trás, não para dentro de si mesmos. Um homem sensato, por sua vez, com os seus olhos fechados, sendo aspirante da imortalidade, entende que o Ātmān está no interior”.

Comentário do śloka

Os olhos da mente pura não estão no rosto, mas no coração. No processo de meditação a contemplação se dá na câmara interna do coração. Este verso mostra uma clara distinção entre o corpo físico e a natureza transcendental da alma, que está além do corpo, apesar de dar vida ao corpo. Quem está sempre centrado no interior do seu coração, está sempre contemplando a Verdade Suprema, logo, sempre tem os olhos voltados para a visão interior, então o mundo material não o atinge.

śloka 2

पराचः कामाननुयन्ति बालाः

ते मृत्योर्यन्ति विततस्य पाशम! ।

अथ धीरां अमृतत्वं विदित्वा

ध्रुवमध्रुवेष्विह न प्रार्थयन्ते ॥ २ ॥

parācaḥ kāmānanuyanti bālāḥ
te mṛtyoryanti vitatasya pāśam |
atha dhīrāṁ amṛtatvaṁ vīditvā
dhruvamadhruveṣvīha na prārthayante || 2||

2. “Como crianças (os homens), seguem atrás dos seus prazeres externos, e caem dentro da armadilha da teia estendida da morte. Um homem sensato, apenas conhecendo a natureza do que é imortal, não olha para qualquer coisa estável aqui por entre as coisas instáveis”.

Comentário do śloka

Não há como encontrarmos estabilidade nas coisas instáveis, isto parece ser óbvio. De forma performativa poderemos dizer que a única coisa que é estável é a instabilidade. Este nosso mundo material todas as coisas são temporárias e passageiras, de modo que consistiria numa tolice procurar por estabilidade onde não há. Muitas pessoas acreditam que procurando uma cer-

ta estabilidade, como um emprego que lhes dê bom salário, por exemplo, ficarão livres da ansiedade e dos sofrimentos. Mas isso não é verdadeiro, porque se uma coisa fica aparentemente acomodada, outras tantas seguirão instáveis, de tal modo que a instabilidade permanece, ainda que em outro ponto.

Um homem que segue o apelo imediato dos seus sentidos é aqui comparado com uma criança, que se deixa levar até mesmo por um bandido e traficante de crianças, bastando que ele lhe ofereça um doce qualquer. Por um lado, deixa-se levar por qualquer coisa aquele que não desenvolve o auto-controle, mas, também, aquele que ignora que deve existir este auto-controle, de tal modo que o Yoga é uma proposta muito importante para regular e controlar os sentidos.

śloka 3

येन रूपं रसं गन्धं शब्दान्! स्पर्शश्च मैथुनान्! ।
एतेनैव विजानाति किमत्र परिशिष्यते । एतद्वै तत! ॥ ३ ॥

yena rūpam rasam gandham
śabdān sparśśān |
śca maithunān |
etenaiva vijānāti kimatra pariśiṣyate |
etadvai tat || 3||

3. “Por ele (Ātmān) é que nós conhecemos a forma, o sabor, o aroma, os sons, e os sentidos gozados do sexo (Maithunā), e pelos quais nós também conhecemos o que existe além. Isso é o que vós tendes perguntado para mim. Esse é aquele”.

Comentário do śloka

Yamarāja está respondendo a terceira pergunta de Naciketās, de qual é a maneira de adquirir o conhecimento e o controle da vida depois da morte e a vida eterna. Apesar dos sentidos nos limitar ao mundo grosseiro, são eles que podem nos dar os primeiros passos do “ir-além”, uma vez que nós os mantivermos sob controle adequado. Uma vez que os sentidos cessam, as impressões externas são controladas, então se atinge este ponto de controle mental onde ocorre o chamado *samādhi*, ou estado de meditação.

Na realidade, apesar dos sentidos aqui colocados neste śloka estar sendo dito que são da manifestação do Senhor, eles são manifestações externas. No *Bhagavad-gītā* existe o seguinte śloka, 7.4:

bhūmir āpo 'nalo vāyuḥ
kham mano buddhir eva ca
ahaṅkāra itiyam me
bhinnā prakṛtir aṣṭadhā

“Terra, água, fogo, ar, éter, mente, inteligência e o ego, deste modo, todos estes oito, são partes da Minha natureza separada”; Assim declarado que os elementos que constituem os sentidos são uma manifestação

externa de Kṛṣṇa, há o seguinte śloka em que Kṛṣṇa, no *Bhagavad-gītā*, 7.8, reforça o presente verso do *Kāṭha-Upaniṣad*:

raso 'ham apsu kaunteya
prabhāsmi śaśi-sūryayoḥ
praṇavaḥ sarva-vedeṣu
śabdaḥ khe pauruṣam nṛṣu

“Ó filho de Kuntī, Eu sou o sabor da água, a luz do Sol e da Lua, o praṇavaḥ om de todos os Vedas, a vibração do som no éter e a coragem nos homens”. No verso seguinte, está dito que:

puṇyo gandhaḥ pṛthivyām ca
tejaś cāsmi vibhāvasau
jīvanam sarva-bhūteṣu
tapaś cāsmi tapasviṣu

“Na Terra Eu Sou a fragrância original; no fogo, Eu Sou o calor, também sou a vida de todas as entidades vivas e a penitência dos penitentes”. No mantra do śloka 7.11, Kṛṣṇa diz para Arjuna,

kāma-rāga-vivarjitam
dharmāvīruddho bhūteṣu
kāmo 'smi bharatarṣabha

“Eu sou a força dos fortes, destituída de apego e paixão; Eu Sou o sexo que não é contrário aos princípios morais em todas as entidades vivas, ó senhor dos Bhāratas (Arjuna)!”. Poucas são as pessoas que hoje em dia entendem que o sexo é um dos mais importantes meios de controle e manutenção social. As condutas acabam por colocar medo e afligir com o pecado aquilo que é divino. Sendo assim, é perfeitamente compreensível que o inconsciente de uma pessoa, formado na opressão, tende a liberar-se pela via do contraditório, gerando toda uma série de infortúnios e falsas posições sobre esta importante via de liberação que é o sexo. O sexo que não é contrário aos princípios morais é aquele que é praticado pelo marido e pela mulher, casados por uma cerimônia religiosa, *Agnihotra*, sob as bênçãos do Guru e realizados por Brāhmaṇa, com a finalidade de gerarem devotos para o Senhor.

śloka 4

स्वप्नान्तं जागरितान्तं चोभौ येनानुपश्यति ।
महान्तं विभुमात्मानं मत्वा धीरो न शोचति ॥ ४ ॥

svapnāntam jāgaritāntam
cobhau yenānupaśyati |
mahāntam vibhumātmānam
matvā dhīro na śocati || 4||

4. “O sábio, quando ele conhece o que é isso, pelo qual ele percebe todos os objetos no sono ou acordado o grande e onipotente (Mahātama) Ser, não mais sofre”.

Comentário do śloka

Quem conhece o Brahman Supremo a tudo conhece.

śloka 5

य इमं मध्वदं वेद आत्मानं जीवमन्तिकात ।
ईशानं भूतभव्यस्य न ततो विजुगुप्सते । एतद्वै तत!

*ya imam madhvadam Veda
ātmanam jīvamantikāt |
īśānam bhūtabhavyasya
na tato vijugupsate | etadvai tat*

5. “Aquele que conhece esta alma viva - a que come o mel (que de fato percebe os objetos, e é a finalidade do fruto das ações) - como sendo o Ātmān, sempre presente, o Senhor do passado e do futuro, de aí para adiante não mais sofrerá. Esse é aquele”.

Comentário do śloka

Neste verso aparece o Mahā-vyakya ou dizer *Etadvai Tat*, que também pode ser traduzido como *Tat Tvam Asi*, ou “vós sois Ele”, onde “Ele” é uam referência ao Brahman Supremo. O Ser Supremo é o único desfrutador. Como uma testemunha silenciosa tudo observa sem Se envolver. Quem realiza o Brahman conhece o início e o fim de tudo, porque conhece a Realidade Última.

śloka 6

यः पूर्वं तपसो जातमद्भ्यः पूर्वमजायत ।
गुहां प्रविश्य तिष्ठन्तं यो भूतेभिर्व्यपश्यत । एतद्वै तत!

*yaḥ pūrvam tapaso jātamadbhyaḥ pūrvamajāyata |
guhām praviśya tiṣṭhantam yo bhūtebhivyapasyat |
etadvai tat*

6. Aquele que O conhece como sendo quem primeiro nasceu, tendo sido cultivado no coração, por intermédio da *tapasia* (austeridade), que nasceu antes da água, que, penetrando dentro do coração, obedece-O nisso, e que foi percebido destes elementos. Esse é aquele”.

Comentário do śloka

A partir do momento em que a entidade vida compreende quem é o Ātmān Supremo, e a Sua natureza transcendental de eternidade, e que Ele, o Brahman, é a origem, começo, meio e fim de tudo, compreende como não sendo diferente d’Ele.

śloka 7

या प्राणेन संभवत्यदितिर्देवतामयी ।

गुहां प्रविश्य तिष्ठन्तीं या भूतेभिर्व्यजायत । एतद्वै तत! ॥ ७ ॥

*yā prāṇena sambhavatyaditirdevatāmayī |
guhām praviśya tiṣṭhantīm yā bhūtebhivyajāyata |
etadvai tat || 7||*

7. “Ele, também, conhece Aditī, que gerara todas as Deidades (Devas, ou semideuses); que acorda o Prāṇa (ar vital), que, penetrando dentro do seu coração, permanece nele, e do qual nascem os elementos. Esse é aquele”.

Comentário do śloka

Quem quem conhece a Realidade Suprema conhece a origem de todas as coisas, sejam quais forem. Nós vimos no śloka 3, deste presente Canto, que Kṛṣṇa declara-Se como sendo o Senhor dos elementos, e estes, a manifestação da Sua energia externa, também conhecida como *māyā*. Aditī é considerada a mãe de todos os semideuses, portanto, Ela é a progenitora da bondade no coração dos homens. É dito que cada um de nós possui seu *devāta*, ou semideus (alguns preferem chamar de anjo, ou *āṅgirās*, palavra sânscrita que deu a origem a anjo) que nos dá apoio e segue nossos passos nos protegendo. Este sentimento em relação ao Devata de cada um deve ser incentivado pela prática de Mantras, devidamente instruído pelo *Guru* ou mestre espiritual.

Por sua vez, o *Prāṇa* é o ar vital que dá as diferentes formas de vibração dos chamados *tattwas* ou *mahābhūtas*, ou ainda *pañcabhūtas* (cinco elementos). O *Prāṇa* é proveniente da respiração de Hiraṇyagārbha, o Ser primordial, que também pode ser chamado de Viṣṇu ou Brahman Supremo.

śloka 8

अरण्योर्निहितो जातवेदा गर्भ इव सुभृतो गर्भिणीभिः ।
दिवे दिवे ईड्यो जागृवद्भिहविष्मद्भिर्मनुष्येभिरग्निः । एतद्वै
तत! ॥

*araṇyornihito jātavedā garbha iva
subhṛto garbhīṇībhiḥ |
dive dive īḍyo
jāgrvadbhīhaviṣmadbhirmanuṣyebhiragniḥ |
etadvai tat*

8. “Veja-se Agni, o fogo, encontra-se inteiramente oculto no interior de dois gravetos de fogo, bem guardado como uma criança (no interior do útero) por sua mãe, dia após dia para ser adorado pelos homens quando eles o despertam e executam oblações. Esse é aquele”.

Comentário do śloka

O fogo é uma energia proveniente do Sol, e ele é considerado um dos cinco elementos ou *tattwas* que fica oculto no interior dos elementos combustíveis. O sol é mantido pela Graça do Supremo. Assim como despertamos a força do fogo no interior da lenha nos rituais de sacrifício de fogo (*agni-hotra*), nosso *Ātmān* aguarda para ser descoberto pela busca incessantes da Verdade e do Supremo, por aquele que busca com tenacidade o caminho da liberação. Esta energia em forma de latência dentro de uma pessoa chama-se *Kundalinī*, sendo responsável pela iluminação da compreensão do Ser Supremo. Ela somente desperta a partir do amor puro por Deus, sendo um caminho de duas vias, ou seja, somente o amor puro desperta *Kundalinī*, e somente *Kundalinī* confere amor puro por Deus.

śloka 9

यतश्चोदेति सूर्योऽस्तं यत्र च गच्छति ।

तं देवाः सर्वे अर्पितास्तद् नृत्येति कश्चन । एतद्वै ततः ॥ ९ ॥

yataścodeti sūryo'staṁ yatra ca gacchati |

taṁ devāḥ sarve arpitāstadu nātyeti kaścana |

etadvai tat || 9||

9. “E de onde o sol se eleva, e para onde ele se põe, é onde os Devās estão encerrados, e ninguém vai além. Esse é aquele”.

Comentário do śloka

Toda a movimentação cósmica, planetária, até mesmo o simples cair de uma folha de uma árvore está sobre o controle Supremo, do Controlador Supremo. Não há nada que não esteja sobre Seu controle. Portanto, quem compreende que o Brahman está por detrás e na frente de tudo, compreende a Verdade Suprema, de que tudo é Ele.

śloka 10

यदेवेह यतदमुत्र यदमुत्र तदन्विह ।

मृत्योः स मृत्युमाप्नोति य इह नानेव पश्यति ॥ १० ॥

yadeveha yatadamutra

yadamutra tadanviha |

mṛtyoḥ sa mṛtyumāpnoti

ya iha nāneva paśyati || 10||

10. “O que é visível neste mundo, é o mesmo lá (no invisível Brahmāloka); e o que é lá é o mesmo que aqui. Aquele que vê alguma diferença aqui, entre o Brahman e o mundo, segue de morte em morte”.

Comentário do śloka

Neste *śloka* está clara a metáfora de que o mundo espiritual é tal qual o mundo material, com a diferença que não há ansiedade e nem apego ao gozo dos senti-

dos no mundo de *Brahman*. Sendo inteiramente desprovido da compreensão de que o objetivo da vida é alcançar o *Brahman*, a pessoa segue nascendo e morrendo. O *Ātmān* é o mesmo apesar da diferença aparente do fenômeno, por isso, a identidade com o corpo, com o espaço e o tempo é a causa do sofrimento.

śloka 11

मनसैवेदमाप्तव्यं नेह नानाऽस्ति किंचन ।

मृत्योः स मृत्युं गच्छति य इह नानेव पश्यति ॥ ११ ॥

manasaivedamāptavyaṁ

neha nānā'sti kiñcana |

mṛtyoḥ sa mṛtyuṁ gacchati ya iha

nāneva paśyati || 11||

11. “Mesmo pela mente o Brahman pode ser alcançado, e então, não há diferença de tudo aquilo que é. Aquele que vai de morte em morte percebe alguma diferença neste lugar”.

Comentário do śloka

A percepção da Verdade ultrapassa os três mundos, de tal modo que quem compreende que a finalidade de tudo é o *Paramātmān* ou *Brahman* fica livre da corrente de nascimentos e mortes. Por outro lado, fica evidente que a causa da morte é a ignorância do Supremo, sendo assim, é perfeitamente compreensível que a causa da reencarnação são o desejo e a ignorância; desejo em querer continuar desfrutando do que é temporário e a ignorância do que é permanente. Mesmo que a compreensão seja puramente mental, já há um pequeno espaço em direção a liberação do *Samsāra*.

śloka 12

अङ्गुष्ठमात्रः पुरुषो मध्य आत्मनि तिष्ठति ।

ईशानं भूतभव्यस्य न ततो विजुगुप्सते । एतद्वै ततः ॥ १२ ॥

aṅguṣṭhamātraḥ puruṣo madhya ātmani tiṣṭhati |

īśānaṁ bhūtabhavyasya na tato vijugupsate |

etadvai tat || 12||

12. “O Puruṣa, do tamanho de um polegar, reside no meio do Ser, como o Senhor do passado e do futuro; daqui para a frente não há mais medo. Esse é aquele”.

Comentário do śloka

Na medida em que o Ser é compreendido como o Senhor Supremo, e que a tudo controla, sendo o que está no centro do corpo, e do universo, não há mais o que temer. A referência que é feita ao *Puruṣa* como sendo do “tamanho de um polegar” significa o indivíduo. *Aṅguṣṭhama* também quer dizer que é “parte de”,

de modo que não há como definirmos o tamanho do Ser. O fato de dizer-se que o Ser está no meio, *madhya*, diz que ele é quem toma a liderança de tudo, apesar de nós não termos consciência disto plenamente. No momento em que se têm a compreensão de que o Ser está no princípio, no meio e no fim de tudo, permanecendo sempre sendo, têm-se a suprema compreensão do Ser, e isto é que se quer frisar neste *śloka*.

śloka 13

अङ्गुष्ठमात्रः पुरुषो ज्योतिरिवाधूमकः ।

ईशानो भूतभव्यस्य स एवाद्य स उ श्वः । एतद्वै तत! ॥ १३ ॥

aṅguṣṭhamātraḥ puruṣo jyotirivādhūmakah |
īśāno bhūtabhavyasya sa evādya sa u śvah |
etadvai tat || 13||

13. “Esse Puruṣa, do tamanho de um polegar, é como a luz sem fumaça; senhor do passado e do futuro; ele é o mesmo hoje e amanhã. Esse é aquele”.

Comentário do śloka

De fato, está é uma bela definição ontológica, ainda que soe redundante, o fato do Ser dizer que o Ser é o que é, porque o Ser é o que sempre está sendo. Neste sentido, não há presente, passado ou futuro, porque o que permanece é a finalidade do Ser ou o puro *Brahman*.

śloka 14

यथोदकं दुर्गे वृष्टं पर्वतेषु विधावति ।

एवं धर्मान्! पृथक् पश्यंस्तानेवानुविधावति ॥ १४ ॥

yathodakam durge vṛṣṭam parvateṣu vidhāvati |
evam dharmān prthak
paśyamstānevānuvidhāvati || 14||

14. “Como a água da chuva, caindo do pico da montanha, corre para as rochas abaixo em todos os lados, de modo semelhante faz aquele que vê diferenças entre as obrigações, correndo atrás por todos os lados”.

Comentário do śloka

Dharma é um dos aspectos importante no *Sanātana-dharma*. Sendo assim, cada um deve seguir suas próprias obrigações conforme seu *vārṇa* (posição social) e *āśrama* (etapa da vida). Contudo, a identificação do tipo “eu sou *brāhmaṇa*, ou eu sou *sūdra*”, etc., é um processo equivocado, porque as diferenças são apenas temporárias, nascidas do *māya* da identificação corporal.

Este *śloka*, ao mesmo tempo, possui um significado de que o *Ātmān* a tudo pervade, e de quem não compreende que as diferenças são apenas aparentes de uma mesma coisa. Ainda que a água se espalhe por to-

dos os lados, ela não perde a sua característica de água. A mesma água que temos nas nossas casas, encontra-se em todo o mundo; apesar de estar em locais distantes não há nenhuma diferença da água de um lado ou de outro. Todas as diferenças são colocadas pela nossa restrição mental, e pelo curto discernimento que nasce do apego aos sentidos grosseiros.

śloka 15

यथोदकं शुद्धे शुद्धमासिं तादगेव भवति ।

एवं मुनेर्विजानत आत्मा भवति गौतम ॥ १५ ॥

yathodakam śuddhe śuddhamāsiktam
tādrgeva bhavati |

evam munervijānata ātmā bhavati gautama ||
15||

15. “Conforme a água pura verte dentro remanescentes de água pura, a mesma coisa, ó Gautama, é o Ser de um pensador que conhece”.

Comentário do śloka

A água pura, ainda que penetre num local de água não pura, deixa resquícios de sua pureza. Dentro da água impura está a pureza, e a devida decantação e filtração irá mostrar o seu brilho e pureza novamente. De modo semelhante, o sábio meditante, que se dedica à purificação do seu próprio Ser, adquire a pureza do Ser na Sua plenitude, porque o Ser que está dentro do devoto é sempre puro e imaculado, apesar de estar empoeirado como um espelho sujo pelo pó da ignorância ou *Avidya*. Com o trabalho de purificação do Ser, através do constante desapego e serviço devocional, uma pessoa adquire a sublime compreensão e se regozija no Ser Supremo.

इति काठकोपनिषदि द्वितीयाध्याये प्रथमा वल्ली ॥

iti kāṭhakopaniṣadi dvitīyādhyāye prathamā vallī

||

“Assim se encerra a segunda parte, quarto vallī, do Kāṭhopaniṣad”.



Quinto Valli

śloka 1

पुरमेकादशद्वारमजस्यावक्रचेतसः ।

अनुष्ठाय न शोचति विमुश्च विमुच्यते । एतद्वै तत! ॥ १ ॥

puramekādaśadvāramajasyāvakraçetasah |
anuṣṭhāya na śocati vimukṭāśca vimucyate |
etadvai tat || 1||

1. Yamarāja continuou: “Há uma cidade de onze portões que pertence a Svayambhū (o não-nascido; Brahman), o qual o pensamento jamais deforma. Aquele que se aproxima d’Ele, não mais sofre e, liberado de todos os laços da ignorância, alcança a liberação. Esse é aquele”.

Comentário do śloka

No *Bhagavad-gītā* 5, 13-14, nós encontramos os seguintes ślokas:

*sarva-karmāṇi manasā
sannyasyāste sukhaṁ vaśī
nava-dvāre pure dehī
naiva kurvan na kārayan*

*na kartṛtvam na karmāṇi
lokasya sṛjati prabhuḥ
na karma-phala-saṁyogaṁ
svabhāvas tu pravartate*

“Quem renuncia mentalmente todas as atividades permanece feliz; controlando a ‘cidade de nove portões’, com certeza, nunca age causando reação; nunca faz as ações, nem cria as atividades dos habitantes (deste Planeta). O mestre (deste corpo de nove portões) não guarda relação do resultado das atividades, mas isso é determinado e resultado da atividade da natureza material”. De um modo geral, o corpo possui nove orifícios que permitem o contato com os sentidos, sendo que cada um deles têm uma relação direta com os cinco elementos. Olfato, tato, paladar, visão e audição são os cinco sentidos básicos. Dois orifícios são os olhos, que têm a ver, obviamente, com a visão; dois outros orifícios são os ouvidos, que se relacionam com a audição; dois orifícios relacionam-se com a olfação, são as narinas, e um orifício, a boca, que acomoda a língua, relaciona-se com a gustação. A uretra e o ânus são pontos de saída de apāna, ou *Prāṇa* que desce. O tato é um dos outros sentidos e tem a ver com a pele, não sendo propriamente um orifício, mas, abre um orifício no ar em que o corpo ocupa. E, por fim, há mente, que ocupa um local muito especial no corpo. Então, os locais dos cinco sentidos mais a mente somam onze portões.

śloka 2

हंसः शुचिषद्वसुरान्तरिक्षसद्
होता वेदिषदतिथिदुरोणसत।
नृषद्वरसदृतसद्योमसद्

अब्जा गोजा ऋतजा अद्रिजा ऋतं बृहत॥ २॥

*haṁsaḥ śuciṣadvasurāntarikṣasad
hotā vediṣadatithirduroṇasat |
nṛṣadvarasadr̥tasadvyomasad
abjā gojā ṛtajā adriajā ṛtaṁ bṛhat || 2||*

2. “Ele é o cisne – haṁsa - que habita na resplandecência do paraíso; ele é o Vasu (ar), que habita o céu; Ele é o hotā (fogo) do sacrifício, que habita a lareira; Ele é o convidado, que habita a jarra do sacrifício; Ele reside nos homens, nos deuses (vara) no sacrifício (Ṛta) no paraíso; Ele é nascido da água, na terra, no sacrifício (ṛta), nas montanhas; Ele é a verdade e grandioso”.

Comentário do śloka

No *Bhagavad-gītā*, 7.16, o Senhor Kṛṣṇa diz para Arjuna seu primo e fiel companheiro:

*ahaṁ kratuḥ ahaṁ yajñah
svadhāham ahaṁ auśadham
mantra 'ham ahaṁ evājyam
ahaṁ agniḥ ahaṁ hutam*

“Eu sou o ritual e os sacrifícios; Eu sou a oblação; Eu sou a erva curativa; Eu sou a vibração dos sons dos mantras; Eu sou, certamente, a manteiga derretida (dos sacrifícios); Eu sou o fogo e a oferenda”. Ficando claro que o simbólico é Deus, que está contido em todas as ações humanas. A jarra que se faz menção neste śloka é o reservatório de *ghī*, a manteiga derretida e clarificada que aparece com o nome de *ajyam*. A gordura de manteiga substitui o antigo sacrifício de gordura do próprio animal, que deixou de ser realizado em virtude da doutrina do *ahimsa*, ou “da não-violência”, e que foi fortemente reforçada por Śrī Buddha e Mahāvira. Śrī Kṛṣṇa diz ser todas as coisas, bem como o propósito pelo qual todas estas coisas são feitas. Sendo assim, compreende-se perfeitamente que Yamarāja está falando para Naciketās de um resumo do *Bhagavad-gītā*, justamente nesta parte onde Śrī Kṛṣṇa declara-se o Senhor de todas as coisas.

śloka 3

ऊर्ध्वं प्राणमुन्नयत्यपानं प्रत्यगस्यति ।
मध्ये वामनमासीनं विश्वे देवा उपासते ॥ ३॥

*ūrdhvaṁ prāṇamunnayatyapānaṁ pratyagasyati |
madhye vāmanamāsīnaṁ viśve devā upāsate ||*

3||

3. “Ele eleva o Prāṇa pela respiração, e arremessa o Apāna para baixo. Todos os semideuses – Devas – adoram-no, este anão, que está sentado no centro”.

Comentário do śloka

Cada um dos semideuses, aqui neste śloka dito no modo genérico, é um dos controladores dos sentidos, porque cada um deles, segundo a cosmologia védica, se encarrega de controlar um deles. Por exemplo, Indra é conhecido como o semideus dos céus, e princi-

palmente por controlar o semideus da água, Apasaya-deva. O fogo é controlado por Śrī Agni-deva; o ar por Vayu-deva, e os ventos por Varuṇa-deva, etc. Há muitos semideuses, que de um modo amplo identificam as suas ações pelos seus nomes.

Comparar o Ātmān com um anão é interessante, uma vez que há um *avatāra* de Viṣṇu chamado de Vāmanāvatāra, que veio ao mundo para instruir os reis do mundo. Deste modo, compreende-se que Yamarāja está se referindo a Viṣṇu, o Senhor Supremo, e fato que Naciketās compreende perfeitamente. Há cinco principais *prāṇas*, sendo que *Prāna*, propriamente dito é o ar vital ascendente, e *Apāna*, o descendente. Na realidade, os textos védicos, como o *Śivāgama*, falam em cinco variedades de *prāna*, cada um deles com uma atribuição diferente: 1) O *prāna* propriamente dito, que se localiza no alto da cabeça, e possui como função sutil manter a inteligência - *buddhi* -, e a mente - *manas*. Sua função grosseira mais evidente é a respiração; 2) *Vyāna*, localiza-se no coração, possuindo como principal função sutil a retração da consciência no corpo durante o sono - para que não se perca quando dormimos; 3) *Samāna*, localiza-se no Intestino Delgado, possuindo como funções manter regulado o *agni* digestivo (fogo da digestão, segundo o *Ayurveda*), igualmente regula e promove o apetite, permitindo a separação da matéria fecal da que é útil; 4) *Apāna*, localizado no reto, tendo como função o controle da defecação, eliminação da urina e a emissão seminal e 5) *Udāna*, permite a retenção da memória, além de ser o auxiliar importante na fala e na vocalização. Como vimos, o *prāna* propriamente dito é o responsável pela mente sadia; o descontrole de *prāna* causa a morte, uma vez que ele é considerado o elemento vital por excelência.

O Ātmān está no centro, porque é controlador de todas as entidades vivas, contudo, sem interferir na vontade individual; é o observador silencioso no interior de todos nós.

śloka 4

अस्य विस्त्रंसमानस्य शरीरस्थस्य देहिनः ।

देहाद्विमुच्यमानस्य किमत्र परिशिष्यते । एतद्वै ततः ॥ ४ ॥

asya visramsamānasya śarīrasthasya dehinaḥ |

dehādvimucyamānasya kimatra pariśiṣyate |

etadvai tat || 4||

4. “Quando esse incorporado (Brahman), que reside no corpo, desliga-se e liberta-se do corpo, o que fica então? Esse é aquele”.

Comentário do śloka

Quando a alma sai do corpo nada mais fica, a não ser os elementos materiais, que retornam ao seu ciclo da natureza, da *prakṛti*.

śloka 5

न प्राणेन नापानेन मर्त्यो जीवति कश्चन ।

इतरेण तु जीवन्ति यस्मिन्नेतावुपाश्रितौ ॥ ५ ॥

na prāṇena nāpānena martyo jīvati kaścana |

itareṇa tu jīvanti yasmīnnetāvupāśritau || 5||

5. “Nenhum mortal vive pelo Prāna que sobe e pelo Apāna que desce. Vive-se por outra (coisa), na qual estes dois repousam”.

Comentário do śloka

Apesar do *Prāna* ser o elemento mantenedor e que dá sustentação da vida ao corpo material, organizando as diferentes vibrações ou *tattvas*, ele não é responsável por ela, nem mesmo o *Apāna*, porque são direções para onde o ar vital circula. A alma é quem dá vida ao corpo. Na visão materialista é o *Prāna* o elemento vital, e não a alma. Contudo, o *Prāna* é apenas mais um dos agregados do corpo material, funcionando como uma espécie de eletricidade que mantém os canais de energia alimentados para poderem sustentar o *Puruṣa*.

śloka 6

हन्त त इदं प्रवक्ष्यामि गुह्यं ब्रह्म सनातनमः ।

यथा च मरणं प्राप्य आत्मा भवति गौतम ॥ ६ ॥

hanta ta idaṁ pravakṣyāmi guhyam

brahma sanātanam |

yathā ca maraṇam prāpya ātmā

bhavati gautama || 6||

6. “Então, Ó Gautama, I irei contar para vós este mistério, o veterano Brahman, e o que acontece com o Ātmān, após a chegada da morte”.

śloka 7

योनिमन्ये प्रपद्यन्ते शरीरत्वाय देहिनः ।

स्थाणुमन्येऽनुसंयन्ति यथाकर्म यथाश्रुतम् ॥ ७ ॥

yonimanye prapadyante śarīratvāya dehinaḥ |

sthānumanye'nusamyanti

yathākarma yathāśrutam || 7||

7. “Alguns entram no útero para encarnarem num corpo móvel, outros vão para dentro corpos imóveis, de acordo com suas ações (Karma), e de acordo com os seus pensamentos”.

Comentário do śloka

A escala de evolução objetiva dos seres vivos, segundo a cosmologia védica, é que primeiro há o reino mineral, depois o vegetal, segue-se o animal, e, por fim, o cosmológico. Dentro no reino animal, os peixes

estão na escala mais inferior, e, os insetos, estão mais próximos de uma reencarnação como animais de útero na próxima vida.

No *Bhagavad-gītā*, 8, 5-6, encontramos o seguinte śloka:

*yaṁ yaṁ vāpi smaran bhāvaṁ
tyajaty ante kalevaram
taṁ tam evaiti kaunteya
sadā tad-bhāva-bhāvitaḥ*

*yaṁ yaṁ vāpi smaran bhāvaṁ
tyajaty ante kalevaram
taṁ tam evaiti kaunteya
sadā tad-bhāva-bhāvitaḥ*

“5. Não há dúvida que, quem no fim da vida lembra-se de Mim, na hora de abandonar o corpo (morrer), certamente, por Minha determinação, ele a Mim alcança. 6. Certamente, obtém-se qualquer que seja o corpo, o filho de Kuntī, como àquele lembrado na hora da morte”. Compreende-se, perfeitamente, que a próxima vida não depende apenas das nossas ações nesta vida, mas, principalmente, das nossas vontades e, ainda, do último desejo no suspiro final, quando o *prāṇa* deixa de ativar o corpo e a alma sai do envoltório material. O *prāṇa*, de certo modo, é também memória, e ele leva as impressões e desejos do corpo material para um próximo corpo. A alma, sendo eterna, sempre existente, jamais perece. O agregado material é feito de memória. É por isso que a maioria das práticas espirituais sérias, bem como o elevado Yoga, apregoa que o melhor é exercitar o canto dos Santos Nomes do Senhor, no *jāpa mantra*, repetição dos nomes de Deus, como, por exemplo, o que é apregoado no *mahā mantra*, conforme é apregoado no *Kalīśantarāna-Upaniṣad* (*Upaniṣad* da era de *kali*, era de ferro): : *hare rāma hare rāma rāma rāma hare hare, hare kṛṣṇa hare kṛṣṇa kṛṣṇa hare hare*. Esta repetição constante dos nomes de Deus faz com que o devoto fique o tempo todo pensando no Supremo.

Há uma evolução subjetiva, que diz respeito ao Brahman Supremo. Esta “evolução” chama-se de conhecimento do Supremo. Somente o corpo humano pode abrigar uma alma com tendências a perguntar pelo Supremo. Salvo condições muito especiais, protagonizadas pelo Supremo, um corpo não humano poderá ter consciência de Deus, mobilizar-se em adorá-Lo, bem como fazer perguntar sobre a Sua natureza transcendental. A evolução subjetiva dá-se na intimidade do coração, quando se atinge a suprema compreensão de que Deus é a origem, meio e fim de tudo.

śloka 8

य एष सुप्तेषु जागर्ति कामं कामं पुरुषो निर्ममाणः ।
तदेव शुक्रं तद्ब्रह्म तेदेवामृतमुच्यते ।
तस्मिँल्लोकाः श्रिताः सर्वे तदु नात्येति कश्चन । एतद्वै तत!

ya eṣa supteṣu jāgarti kāmam

kāmam puruṣo nirmimāṇaḥ |

tadeva śukraṁ tadbrahma te devāmṛtamucyate |

tasmimllokāḥ śritāḥ sarve tadu nātyeti kaścana |

etadvai tat

8. “Ele, o mais elevado Ser – Puruṣa – e é quem fica desperto em nós enquanto estamos adormecidos, que possui uma amável aparência, e que é, de fato, resplandecente, que é Brahman, o único chamado de imortal. Todos os mundos estão contidos n’Ele, e não há ninguém além. Esse é aquele”.

Comentário do śloka

Durante o estado de sono profundo, onde a alma funde-se no Supremo Brahman, mas de forma inconsciente, o Puruṣa Supremo mantém-se no controle do corpo, para que a pessoa retorne depois do sono ao corpo material. O Senhor Supremo é, também, o controlador do Karma. Apenas o Brahman é imortal, porque o corpo morre e fenece, mas a alma permanece sempre sendo. Brahman é sem segundo; Ele é a Verdadeira Realidade.

śloka 9

अग्निर्यथैको भुवनं प्रविष्टो

रूपं रूपं प्रतिरूपो बभूव ।

एकस्तथा सर्वभूतान्तरात्मा

रूपं रूपं प्रतिरूपो बहिश्च ॥ ९ ॥

agniryathaiko bhuvanam praviṣṭo

rūpaṁ rūpaṁ pratirūpo babhūva |

ekastathā sarvabhūtāntarātmā

rūpaṁ rūpaṁ pratirūpo bahiṣca || 9 ||

9. “Conforme a unidade do fogo, após ele penetrar no mundo (Bhuvā), apesar de uno, torna-se diferente de acordo com o que quer que seja que queime, deste modo, o Ser que é uno, dentro de todas as coisas, torna-se diferente, de acordo com o que quer que seja que penetre, e existindo também no seu exterior”.

Comentário do śloka

O mundo fenomênico é constituído de uma série de diferentes atributos. Assim como poderemos fazer copos, xícaras, vasos, flores, e uma infinidade de coisas tendo a matéria prima como sendo o barro, do mesmo modo as diferentes manifestações fenomênicas materiais têm os mesmos átomos, em diferentes arranjos como unidade. Da mesma forma como os átomos são os elementos comuns da matéria, o Ātma ou Puruṣa é o elemento comum do em toda a manifestação subjetiva. A aparente diversidade que percebemos

no mundo fenomênico deve-se aos diferentes dos arranjos atômicos e dos elementos materiais.

śloka 10

वायुयथैको भुवनं प्रविष्टो
रूपं रूपं प्रतिरूपो बभूव ।
एकस्तथा सर्वभूतान्तरात्मा
रूपं रूपं प्रतिरूपो बहिश्च

*vāyuryathaiako bhuvanam praviṣṭo
rūpaṁ rūpaṁ pratirūpo babhūva |
ekastathā sarvabhūtāntarātma
rūpaṁ rūpaṁ pratirūpo bahiṣca*

10. “Conforme a unidade do ar, após ele penetrar no mundo, apesar de uno, torna-se diferente, de acordo com o que quer que seja que ele penetre; deste modo, o Ser que é uno, penetrando em todas as coisas, torna-se diferente, de acordo com o que quer que seja que penetre, e existindo também no seu exterior”.

Comentário do śloka

Este Śloka reforça os anteriores, que comparam a diversidade com diferentes manifestações de uma mesma coisa ou Brahman. O Brahman pode ser comparado a um camaleão transcendental, que assume diferentes cores sem perder a Sua essência. Assim como um vaso possui um lado de dentro e um lado de fora, apenas pela limiação das suas paredes, que foram construídas por um artesão, o espaço que está dentro e fora é temporário, porque quando o vaso de quebra, “dentro e fora” não faz mais sentido. Tanto o ar que está fora do vaso, como o que está dentro, é da mesma natureza, também como é o espaço.

śloka 11

सूर्यो यथा सर्वलोकस्य चक्षुः
न लिप्यते चाक्षुषैर्बाह्यदोषैः ।

एकस्तथा सर्वभूतान्तरात्मा

न लिप्यते लोकदुःखेन बाह्यः ॥ ११ ॥

*sūryo yathā sarvalokasya cakṣuḥ
na lipyate cākṣuṣairbāhyadoṣaiḥ |*

ekastathā sarvabhūtāntarātma

na lipyate lokadubkhenā bāhyaḥ || 11||

11. “Conforme o Sol, o olho do mundo inteiro, não é contaminado do pelas impurezas externas, observadas pelos olhos, assim o Ser uno, dentro de todas as coisas, jamais é contaminado pelas misérias do mundo, estando, em si mesmo, fora delas”.

Comentário do śloka

A comparação do Sol como o olho do mundo possui pelos menos dois sentidos muito especiais. Primeiro, sem a luz do Sol nós não podemos enxergar as coisas. Mesmo que no mundo moderno nós podemos contar com poderosos holofotes, seu alcance é muito limitado. De fato, o olho não pode ver sem a luz, e isto não há como negarmos. Outro fato, é que o semideus do Sol, Vivasvān, ou Sūrya-deva, recebeu as instruções do mundo espiritual diretamente do Senhor Kṛṣṇa, estabelecendo toda a ordem da sucessão discipular dos ensinamentos védicos, até chegar a nós. Neste sentido, Vivasvān acompanha todo o sofrimento do mundo sem contaminar-se por ele. No śloka 4.1, do *Bhagavad-gītā*, nós temos:

*srī-bhagavān uvāca
imam vivasvate yogam
proktavān aham avyayam
vivasvān manave prāha
manur ikṣvākave 'bravīt*

“Śrī Bhagavān disse: este conhecimento imperecível do Yoga Eu instruí ao semideus do Sol, Vivasvān; Visvasvān instruiu ao pai da humanidade Manu, e Manu disse-o ao rei Ikṣvāku”. Percebemos que o semideus do Sol foi quem diretamente recebeu as instruções para “iluminar” a humanidade com o conhecimento transcendental do Yoga. Fato muito significativo na visão mítico-poética do Hinduísmo.

A luz do sol é pura, atravessando toda a impureza. A escuridão da noite imediatamente se dissipa tão logo os raios do sol atinjam a superfície da Terra. Da mesma maneira a luz do conhecimento ilumina imediatamente aquele que alcança a Verdade Suprema.

śloka 12

एको वशी सर्वभूतान्तरात्मा

एकं रूपं बहुधा यः करोति ।

तमात्मस्थं येऽनुपश्यन्ति धीराः

तेषां सुखं शाश्वतं नेतरेषाम् ॥ १२ ॥

eko vaśī sarvabhūtāntarātma

ekaṁ rūpaṁ bahudhā yaḥ karoti |

tamātmastham ye'nupaśyanti dhīrāḥ

teṣāṁ sukham śāśvataṁ netareṣāṁ || 12||

12. “Há um controlador uno, o Ser, dentro de todas as coisas, que faz as múltiplas manifestações de formas. O sábio que O percebe dentro do seu próprio ser será eternamente feliz, não outro (que não percebe o Ser)”.

Comentário do śloka

Śrī Kṛṣṇa disse para Arjuna, no *Bhagavad-gītā*, canto 5.29:

*bhoktāram yajña-tapasām
sarva-loka-maheśvaram
suhṛdaṁ sarva-bhūtānām
jñātvā mām śāntim ṛcchati*

“Conhecendo a Mim, que Sou o beneficiário de todos os sacrifícios e o controlador Supremo de todas as entidades vivas e de todos os planetas, alcança-se a paz”. E, mais adiante, no Canto 8.9, Kṛṣṇa disse:

*kaviṁ purāṇam anuśāsītāram
aṅor aṅiyāṁsam anusmared yaḥ
sarvasya dhātāram acintya-rūpam
āditya-varṇaṁ tamasaḥ parastāt*

“O supremo é quem tudo conhece, assim como o mais velho (dos velhos), está sempre pensando; É o controlador de tudo, ainda que menor do que o átomo; É o mantenedor, cuja forma é inconcebível; sendo luminoso como o Sol e transcendental à ignorância”.

Como podemos perceber, Yamarāja está dizendo para Naciketās a essência do que está escrito neste belo *samhitā*, que é o *Bhagavad-gītā*. No momento em que o Senhor da Morte, Yamarāja, iniciou a pregação para Naciketās ele tornou-se seu *guru* instrutor, mesmo que a plataforma de serviço devocional tenha sido seguida a partir de um protocolo de etiqueta brahmínica, é mantido o respeito entre quem dá e quem recebe as instruções. De certo modo, quem instrui alguém está numa plataforma inferior da de quem aprende, porque para poder ser entendido e compreendido por ele deve colocar-se abaixo dele, porque senão não haveria nem como e nem porque instruir. Pense-se, por exemplo, que o conhecimento liberta. Sendo assim, na medida em que um *brāhmaṇa* atinge a plataforma transcendental do conhecimento não há mais porque ele se preocupar, porque é garantido nas Escrituras que quem atinge esta plataforma de conhecimento está liberto. Logo, caso fosse isso seguido à risca, não haveria ninguém para instruir os que estão na ignorância. Isto é algo muito transcendental, e deve ser visto com muito carinho por parte do discípulo e do mestre.

Do mesmo modo quando tratamos a origem de uma doença, tratamos todo o corpo, e da mesma maneira como quando irrigamos a raiz de uma árvore todos os seus ramos, folhas, flores e frutos são nutridos com água, quando tratamos do Ser, de iluminá-lo na sua refulgência transcendental, tudo é iluminado.

śloka 13

*नित्योऽनित्यानां चेतनश्चेतनानां
एको बहूनां यो विदधाति कामान् ।
तमात्मस्थं येऽनुपश्यन्ति धीराः
तेषां शान्तिः शाश्वती नेतरेषाम् ॥ १३ ॥*

*nityo'nityānām cetanaścetanānām
eko bahūnām yo vidadhāti kāmān |*

*tamātmastham ye'nupaśyanti dhīrāḥ
teṣāṁ śāntiḥ śāśvatī netareṣām || 13||*

13. “Há o Uno, o eterno pensador, pensando em coisas não eternas, que, apesar de Uno, torna realidade o desejo de muitos. O sábio que O percebe dentro do seu próprio ser, terá a paz eterna, não outro (que não percebe o Ser)”.

Comentário do śloka

A meditação no Ser interior, que reside dentro do coração do devoto promove o Samādhi ou união com o Supremo. Quem pensa, na realidade, é o Uno indissolúvel, e a entidade viva corporificada apenas age como se fosse um instrumento do Supremo.

śloka 14

तदेतदिति मन्यन्तेऽनिर्देश्यं परमं सुखम् ।

कथं नु तद्विजानीयां किमु भाति विभाति वा ॥ १४ ॥

tadetaditi manyante'nirdēśyam

paramam sukham |

katham nu tadvijānīyām

kimu bhāti vibhāti vā || 14||

14. “Eles (os sábios) percebem o elevado e indescritível prazer, dizendo, Esse é aquele. Como, então, posso eu entender isto? Tem Ele sua própria luz, ou Ele a reflete?”.

śloka 15

न तत्र सूर्यो भाति न चन्द्रतारकं

नेमा विद्युतो भान्ति कुतोऽयमग्निः ।

तमेव भान्तमनुभाति सर्वं

तस्य भासा सर्वमिदं विभाति ॥ १५ ॥

na tatra sūryo bhāti na candratāraḥ

nemā vidyuto bhānti kuto'ayamagniḥ |

tameva bhāntamanubhāti sarvaṁ

tasya bhāsā sarvamidaṁ vibhāti || 15||

15. “O Sol não brilha lá (n´Ele), nem a Lua e as estrelas, nem aqueles relâmpagos, e muito menos este fogo (comparam-se). Quando Ele brilha, tudo brilha depois d´Ele; pela Sua luz tudo é iluminado”.

Comentário do śloka

Neste *śloka* vê-se a beleza do cenário que envolve todo o ambiente onde o *Kāṭha-Upaniṣad* é falado. Na descrição de Yamarāja, percebe-se que a noite cai, porque há um fogo que ilumina o ambiente, e relâmpagos no horizonte, que quando são disparados iluminam as nuvens, pode ser o início de *Caturmāsyā*, o período

das chuvas, que vai de julho a outubro no continente indiano.

O Supremo é auto-refulgente. Não precisa de luz nenhuma para brilhar. O Brahman é origem de todas as luzes. Nada pode brilhar antes d’Ele. Tudo que emana do Supremo é lindo e inteiramente auto-suficiente.

इति काठोपनिषदि द्वितीयाध्याये द्वितीया वल्ली ॥

iti kāṭhōpaniṣadi dvitīyādhyāye pañcatīyā vallī ||

“Assim se encerra a segunda parte do Kāṭhōpaniṣad, quinto vallī”



Sexto Valli

śloka 1

ऊर्ध्वमूलोऽवाकशाख एषोऽश्वत्थः सनातनः ।

तदेव शुक्रं तद्ब्रह्म तदेवामृतमुच्यते ।

तस्मिँल्लोकाः श्रिताः सर्वे तदु नात्येति कश्चन । एतद्वै तत! ॥ १ ॥

ūrdhvamūlo'vākśākha eṣo'śvatthaḥ sanātanah |
tadeva śukraṁ tadbrahma tadevāmṛtamucyate |
tasmiँllokāḥ śritāḥ sarve tadu nātyeti kaścana |
etadvai tat || 1||

1. “Existe uma antiga árvore, aśvattha, cujas raízes crescem para cima e seus ramos crescem para baixo; de fato, isso é chamado de brilho, que é Brahman, que é o único chamado de imortal. Todos os mundos estão contidos n’Ele, e ninguém vão além. Esse é aquele”.

Comentário do śloka

Este verso do Kāṭha-Upaniṣad, aparece no 15º canto do Bhagavad-gītā, denominado de Puruṣottamayogaḥ, “Yoga do Supremo”. Vejamos o que nos dizem os mantras de 1 a 5:

śrī-bhagavān uvāca
ūrdhva-mūlam adhaḥ-sākhā
aśvatthaṁ prāhur avyayam
chandāmsi yasya parṇāni
yas taṁ Veda sa Veda-vit }}15.1}}

adhaś cordhvaṁ prasṛtās tasya sākḥā
guṇa-pravṛddhā viśaya-pravālāḥ
adhaś ca mūlāny anusantatāni
karmānubandhīni manuṣya-loke }}15.2}}

na rūpam asyeha tathopalabhyate
nānto na cādir na ca sampratiṣṭhā
aśvattham enaṁ suvirūḍha-mūlam
asaṅga-sastreṇa dṛḍhena chittvā }}15.3}}

tataḥ padam tat parimārgitavyam
yasmin gatā na nivartanti bhūyaḥ
tam eva cādyam puruṣam prapadye
yataḥ pravṛttiḥ prasṛtā purāṇī }}15.4}}

nirmāna-mohā jita-saṅga-doṣā
adhyātma-nityā vinivṛtta-kāmāḥ
dvandvair vimuktāḥ sukha-duḥkha-saṁjñair
gacchanty amūḍhāḥ padam avyayam tat }}15.5}}

O significado destes ślokas é: 1. Śrī Bhagavān (Kṛṣṇa) disse: qualquer dos conhecedores dos Vedas, dizem que, Aśvatthaṁ, a Figueira-de-bengala, que possui as raízes para cima, e, seus galhos para baixo, é comparada ao conhecimento eterno, cujas folhas são como os hinos védicos; 2. Seus galhos estendem-se para baixo e para cima; como no mundo humano, os sentidos brotam e se desenvolvem, segundo as qualidades materiais; a raízes estendem-se para baixo, tal qual nos ligamos ao karma (trabalho); 3. A forma real da Aśvattham - Figueira-de-bengala - não possui começo nem fim; não é possível perceber seu início, tampouco onde estão suas fundações e raízes. Só é possível cortá-la, munido da força do desapego; 4. Isto deve ser feito, tal qual, como se vai em busca daquilo que não tem retorno; rendendo-se ao Ser original, que é muito antigo, de onde tudo se origina e é Sua extensão; 5. Quem conquista o respeito da associação com o Ser Superior eterno, sem ilusões e luxúria; que não se identifica com a dualidade da alegria e do sofrimento, este é chamado de liberado, pois conquista, de forma inconfundível, isto que se chama O Eterno.

É fato que existe uma árvore com estas características, uma vez que possui as chamadas raízes austórias e aéreas. O seu nome científico é *ficus religiosa*, e é popularmente conhecida como “Figueira de Bengala”. A duração de vida desta árvore ultrapassa seis mil anos, e é adorada como deidade em muitos locais da Índia. Seu crescimento é muito lento, sendo que uma árvore destas, com cerca de 300 anos, atinge uma altura não superior a seis metros. Comparado com a possibilidade de viver mais de 6.000 anos, uma árvore com aquela idade, de 300 anos, é um bebê. Desta forma, podemos perceber muitas analogias com este belo śloka do Kāṭha-Upaniṣad. Uma delas, diz respeito à construção do conhecimento, que se dá de forma lenta, não raro tendo que romper com tradições e dogmas materiais. Outra delas, é que há uma imensa quantidade de pensamentos, idéias, posições, e uma enormidade de seitas, mestres, Gurus, etc., que professam ou defendem um determinado ramo ou “folha” do conhecimento, sendo que todos, de um modo ou de outro, convergem para um único mesmo tronco. O Senhor Kṛṣṇa disse para Arjuna que os conhecedores das Escrituras vêm nas folhas da figueira, comparando-as com o co-

nhecimento dos hinos védicos, que cada folha é como um verso de um dos *Vedas*.

O vizez filosófico de comparar a Figueira de Bengala com o conhecimento é um enfoque epistêmico holobrangente. Sabemos que o conhecimento verdadeiro é eterno, imutável e sempre existente, por isso ele não pode ter começo, meio ou fim. A nossa capacidade limitada intelectual não pode conceber uma coisa perfeita sem nela adjudicar imperfeições. Muito dos conhecimentos do que os mestres explicam para as pessoas, geralmente ávidas por especulações e novidades, não se apercebem na sua essência, uma vez que se perdem em querer avaliar e analisar àquilo que está evidente pelo seu próprio solipsismo.

śloka 2

यदिदं किं च जगत! सर्वं प्राण एजति निःसृतम।
महद्भयं वज्रमुद्यतं य एतद्विदुरमृतास्ते भवन्ति ॥ २ ॥

*yadidaṁ kiṁ ca jagat sarvaṁ prāṇa
ejati niḥsṛtam |
mahadbhayaṁ vajramudyatam ya
etadviduramṛtāste bhavanti || 2||*

2. “Qualquer coisa que há em todo este mundo, quando sai do Brahman, treme por Sua respiração. Esse Brahman é um grande terror, tal qual o sacar de espadas. Aquele que O conhece torna-se imortal”.

Comentário do śloka

O ruído que faz uma espada quando sai da sua bainha aterroriza os oponentes. O uso de muitas alegorias figurativas nos versos nos *Upaniṣads* são importantes, porque são textos que se destinam a *Sannyasis*, verdadeiros guerreiros do Senhor. Com o uso de imagens e comparações, por analogia, torna-se mais fácil exprimir as emoções que se pretende passar ao ouvinte. Brahman é a energia terrivelmente divina, do qual tudo se origina e converge.

śloka 3

भयादस्याग्निस्तपति भयात्तपति सूर्यः।
भयादिन्द्रश्च वायुश्च मृत्युर्धावति पञ्चमः ॥ ३ ॥

*bhayādasyāgnistapati bhayāttapati sūryaḥ |
bhayādirindraśca vāyuśca
mrtyurdhāvati pañcamah || 3||*

3. “Do terror de Brahman o fogo queima; do Seu terror o Sol queima; do Seu terror Īndra, Vāyu e Mrtyu (o Senhor da morte, Yamārāja), estes cinco, fogem”.

Comentário do śloka

Yamārāja é o Senhor da Morte, mas neste verso notamos que ele fala da morte em si mesma, *mṛtyu*. Neste sentido, os elementos mais importantes para um sacrifício de fogo a saber: o próprio fogo, o Sol, que está no interior das coisas que queimam na forma latente, e os semideuses mais importantes, como Īndra, Vāyu e Yamārāja, rendem-se diante do esplendor e poder terrivelmente divino do *Brahman*. A morte não tem vez junto ao *Brahman*, que é eterno e sempre existente, o todo-poderoso.

śloka 4

इह चेदशकद्वोद्धुं प्राक्षरीरस्य विस्त्रसः।

ततः सर्गेषु लोकेषु शरीरत्वाय कल्पते ॥ ४ ॥

*iha cedaśakadbodhuṁ prākṣarīrasya visrasaḥ |
tataḥ sargeṣu lokeṣu śarīratvāya kalpate || 4||*

4. “Se um homem não pode entender-se diante da descida separada do seu corpo, então ele tem que pegar novamente um corpo nos mundos da criação”.

Comentário do śloka

Este verso diz que até que se entenda que o corpo material é distinto, aqui dito separado, do *Brahman*, ele deverá retornar a um dos mundos materiais possíveis para realizar esta compreensão. A cosmologia védica não vê o planeta Terra como o único local onde há vida. Cada um dos semideuses possui seus próprios planetas, e é dito que se pode alcançar estes planetas e viver neles de acordo com o próprio desejo. Apesar destes planetas oferecerem muito desfrute material, eles ainda são materiais, logo, não concedem a liberação da alma, que permanece atada ao condicionamento do mundo material. Este liame chama-se *sāmsāra*, ou “roda da existência material”, e aparece na expressão “*śarīratvāya kalpate*”, neste *śloka*.

śloka 5

यथाऽऽदर्शे तथाऽऽत्मनि यथा स्वप्ने तथा पितृलोके।

यथाऽप्सु परीव ददृशे तथा गन्धर्वलोके

छायातपयोरिव ब्रह्मलोके ॥ ५ ॥

yathā''darśe tathā''tmani yathā

svapne tathā pitṛloke |

yathā'psu parīva dadṛśe tathā gandharvaloke

chāyātapayoriva brahmaloke || 5||

5. “Como num espelho, o Brahman deve ser visto claramente aqui neste corpo; como um sonho, ao mundo dos pais; como na água, ele é visto sobre o mundo dos Gandharvas; como nas luzes e sombras, no Brahmaloaka (mundo superior de Brahman)”.

Comentário do śloka

Este verso do *Kāṭha-Upaniṣad* é um dos tantos que forneceu grande influência para a metafísica. A entidade viva possui múltiplas identidades com aquilo que a cerca. Deste modo, compara-se aos diversos tipos de reflexo da verdadeira pessoa com o ambiente ou o local onde esta pessoa se olha. Ao olharmos num espelho nós podemos ver a nossa imagem, mas, percebemos que a imagem é diferente de nós mesmos. O sonho é um importante fenômeno em que se experimenta outra atividade da mente. De modo semelhante, retornamos aos corpos materiais após morrermos neste mundo material, em corpos fabricados pelos nossos pais. Os *Gandharvas* são os grandes músicos dos céus. Suas melodias encantam as pessoas, e o mundo onde eles vivem é voltado à arte e a beleza da música, mas também são grandes guerreiros, e certa feita ajudaram numa grande batalha os irmãos *Pāṇdavas*. Apesar dos encantos deste mundo de *Gandharvas*, ele é apenas um reflexo da verdadeira beleza e da inefável música do mundo de *Brahman*. De certo modo, este verso nos dão uma visão muito poética de um mundo perfeito, do qual todas as coisas vieram, como o nosso mundo, que é um arremedo do mundo espiritual e um mundo de sombras; sombras estes refletidas, por exemplo, estando as pessoas no fundo de uma caverna, de costas para a luz da entrada da caverna, e pensam que as sombras refletidas na parede é a realidade, quando, de fato, trata-se de apenas um reflexo da realidade.

O coração empoeirado pela ignorância não descortina o *Brahman*. Assim como devemos limpar um espelho muito cuidadosamente para que seu real brilho seja mostrado, da mesma forma deve-se ser persistente na prática ou *Sādhana* espiritual para ir removendo a poeira da ignorância e alcançar a compreensão de *Brahman*. Um *Sādhana* será perfeito tanto mais estiver aos pés do *Guru* ou mestre espiritual, porque é quem viu e realizou a Verdade Suprema em si mesmo.

śloka 6

इन्द्रियाणां पृथग्भावमुदयास्तमयौ च यत ।
पृथगुत्पद्यमानानां मत्वा धीरो न शोचति ॥ ६ ॥

indriyāṇāṃ pṛthagbhāva-
mudayāstamayau ca yat |
pṛthagutpadyamānānām
matvā dhīro na śocati || 6||

6. “Uma vez tendo compreendido que os sentidos são distintos do Ātman, e que eles se levantam e se assentam (eles acordam e dormem), associando-se indistintamente em sua existência, o homem sábio não mais sofre”.

Comentário do śloka

É dito que o *Ātmān*, a alma suprema, permanece sempre desperta, mesmo quando vamos dormir ele se mantém vigilante, mesmo que esteja inteiramente

mergulhado no *Brahman* quando em sonho profundo. Este *śloka*, enfatiza que uma vez que se percebe que o *Ātmān* está no corpo, mas é diferente deste, não mais se sofre, porque o *Ātmān* associa-se ao corpo, mas é distinto dele. A compreensão transcendental de que somos almas espirituais ou puros *Ātmans* tendo experiência corporais é de suma importância para a realização da Realidade Suprema.

śloka 7

इन्द्रियेभ्यः परं मनो मनसः सत्त्वमुत्तमम् ।
सत्त्वादधि महानात्मा महतोऽव्यमुत्तमम् ॥ ७ ॥

indriyebhyaḥ paraṃ mano
manasaḥ sattvāmuttamam |
sattvādādhi mahānātmā
mahato'vyaktamuttamam || 7||

7. “Além dos sentidos está a mente, além da mente está o grande Ser criado. Mais elevado que a entidade, está o Mahānātmā a Grande Alma ou o Avyakta - imanifesto”.

Comentário do śloka

Brahman é o Supremo Imanifesto, a causa de todas as causas, origem de todas as origens, e do qual não há um segundo. Nada há antes de *Brahman*

śloka 8

अव्याक्तु परः पुरुषो व्यापकोऽलिङ्ग एव च ।
यं ज्ञात्वा मुच्यते जन्तुरमृतत्वं च गच्छति ॥ ८ ॥

avyaktāttu paraḥ puruṣo
vyāpako'liṅga eva ca |
yaṃ jñātvā mucyate
janturamṛtatvaṃ ca gacchati || 8||

8. “Além do Imanifesto está o Puruṣa, o que a tudo pervade, e é inteiramente imperceptível. Cada criatura que O conhece é liberada, e alcança a imortalidade”.

Comentário do śloka

Sem dúvida, este *śloka* mostra-nos a identidade absoluta entre o conhecedor e o Conhecido. A via da libertação pelo conhecimento - *mukti jñāna mārga* - está muito intimamente ligada a via do *bhakti-mārga*, ou via da devoção. Isto tudo é muito significativo, porque, como já diziam os pensadores védicos, “ninguém ama aquilo que não conhece”, por isso, na medida em que nos aproximamos de Deus, pela via inquisitiva, alcança-se o amor puro por Ele.

No *Bhagavad-gītā* nós temos o seguinte śloka:

*catur-vidhā bhajante mām
janāḥ sukṛtino 'rjuna
ārto jīṅāsura arthārthī
jñānī ca bhāratarṣabha*

“Quatro tipos de pessoas determinadas rendem-se a Mim, ó maior entre os descendentes de Bhārata: os piedosos, o aflito, o inquisitivo e o jñānī (aquele que pratica jñāna yoga, yoga do conhecimento)”.

São muitas as vias que se pode utilizar para chegar ao Supremo, contudo, todas terminam em amor por Ele. Sendo assim, é um grande atalho, desde o início, apegar-se ao Senhor, recebendo Sua plena bênção. Quando o Sadhaka compreende a Suprema Realidade de Brahman compreende a Verdade Suprema, e da qual não há mais nada para compreender.

śloka 9

न संदृशे तिष्ठति रूपमस्य
न चक्षुषा पश्यति कश्चनैनम।
हृदा मनीषा मनसाऽभिकृप्तो
य एतद्विदुरमृतास्ते भवन्ति ॥ ९ ॥

*na sandṛṣe tiṣṭhati rūpamasya
na cakṣuṣā paśyati kaścanainam |
hṛdā manīṣā manasā'bhikṛpto
ya etadviduramṛtāste bhavanti || 9||*

9. “Sua forma não pode ser vista; ninguém pode vê-lo com os olhos; Ele é percebido pelo coração, pelo conhecimento, pela fé. Aqueles que o conhecerem se tornam imortais”.

Comentário do śloka

Somente pelo *Samādhi* ou união com o Supremo é que se pode experimentar a Verdade Suprema e comungar com o Supremo *Brahman*. O processo de chegar-se à compreensão do supremo chama-se meditação na câmara interna do coração. No *Śrīmad Bhāgavatam*, canto 3.28, há um importante processo de meditação em Īśvara Supremo, e que fornece passo a passo descrição das maravilhosas qualidades ou Saguṇa Brahman do Paramātman ou Brahman Supremo. A descrição do Senhor Kṛṣṇa no interior do coração de todas as entidades vivas, de pé sobre o lótus no interior do coração, é simplesmente maravilhosa e o *Samādhi* na forma do Senhor é indescritível, inefável, e quem O experimente compreende a unidade de Brahman.

O Senhor Kṛṣṇa é o Brahman personificado. No *Brahman-saṁhitā*, ou “Néctar de Brahman”, é descrito a imensa beleza do Senhor Kṛṣṇa, e como é o Seu mundo transcendental. No primeiro verso do canto 5 daquela bela Escrita sagrada, encontramos:

*īśvaraḥ paramaḥ kṛṣṇaḥ
sac-cid-ānanda-vigrahaḥ*

*anādir ādir govindah
sarva-kāraṇa-kāraṇam*

“Śrī Kṛṣṇa, o Controlador Supremo, cuja forma é eterna, plena de consciência e bem-aventurança, não possui princípio; é a causa de todas as causas, e a origem de todas as criaturas”. Tudo se origina do Senhor Supremo, portanto, da suprema Personalidade de Deus, Śrī Kṛṣṇa, o “todo atrativo” das Escrituras. Através da fé no Senhor Supremo, que está além de formas e religiões, o devoto alcança a plataforma de *Jivanmukta*, um liberado do mundo material.

śloka 10

यदा पञ्चावतिष्ठन्ते ज्ञानानि मनसा सह।
बुद्धिश्च न विचेष्टते तामाहुः परमां गतिम॥ १० ॥

*yadā pañcāvatiṣṭhante jñānāni manasā saha |
buddhiśca na viceṣṭate tāmāhuḥ
paramām gatim || 10||*

10. “Quando os cinco instrumentos do conhecimento ficam parados junto com a mente, e quando o intelecto não faz movimentos, isto é chamado o destino transcendental”.

Comentário do śloka

Cada um dos sentidos é regulado pelos cinco elementos, também chamados de *pañca-tāttwa-bhūtas* a saber: *Ākāśa* (éter ou espaço) comanda a audição; *Vāyu* (ar), responsável pelo tato; *Tejas* ou *Agni* (fogo), controla a visão; *Pṛthivī* (terra) governa o olfato e, *Apas* (água), responsável pela gustação. O controle destes *tāttwas* é obtido mediante exercícios do *yogī*, sendo o *prāṇāyāma* o mais indicado para isto. O controle da respiração é um dos passos para atingirmos o controle da mente, uma vez que é uma das poucas atividades fisiológicas que podem ser voluntariamente mantidos sob controle do praticante.

Tanto o *śloka* anterior como este do *Kāṭha-Upaniṣad*, possuem uma parte do *śloka* 8.21 do *Bhagavad-gītā*, que diz o seguinte:

*avyakto 'kṣara ity uktas
tamāhuḥ paramām gatim
yam prāpya na nivartante
tad dhāma paramam mama*

“Deste modo, Eu te disse sobre esta Minha morada Suprema, imanifesta e infalível, que é conhecida como destino último; quem a ganha nunca retorna”. Este é um *śloka* com o conteúdo semelhante ao do terceiro *valli*, 8, do *Kāṭha-Upaniṣad*. Os filósofos védicos viam perfeitamente que as primeiras impressões do mundo material chegavam até a consciência objetiva através dos sentidos. Sendo assim, tudo, de alguma maneira, do mundo fenomênico, para estar na consci-

ência, havia passado antes pelos sentidos. A mente, um aspecto movido pelos sentidos grosseiros, uma vez que está sob controle e vigilância do *Yogī*, permite que o sentimento puro, advindo do amor por Deus, manifeste a verdadeira realidade o *Ātmān*. A morada suprema do Senhor, *Brahmaloka*, que é imanifesta para os sentidos grosseiros e a mente material, é o lugar final, e a cessação de todo o sofrimento e dor.

śloka 11

तां योगमिति मन्यन्ते स्थिरामिन्द्रियधारणाम् ।
अप्रमत्तस्तदा भवति योगो हि प्रभवाप्ययौ ॥ ११ ॥

*tām yogamiti manyante sthirāmindriyadhāraṇām |
apramattastadā bhavati
yogo hi prabhavāpyayau || 11||*

11. “Este controle dos sentidos e da mente, firmemente segura por detrás dos sentidos, é o que se chama de Yoga. Este estado necessita ser livre da falta de atenção, portanto, para o Yoga ir e vir”.

Comentário do śloka

Yoga significa o controle total da mente e dos movimentos dos pensamentos. Não há controle da mente se não tiver o controle dos sentidos. Os sentidos movem a mente e vice e versa. Yoga, portanto, é um processo de atingir o absoluto controle da mente e dos sentidos.

Śrī Patañjali Mahārṣī, nos seus *Yogasūtras*, define, em última análise, que *Yoga* é o controle da mente e dos sentidos. Os oito passos de *Yoga* ou *āṣṭaṅga-yoga*, enumerados pelo sábio, necessários para que se atinja a beatitude ou *samādhi*, são, na sua realidade, procedimentos de autocontrole e disciplina mental. Os cinco sentidos, *indriyas*, servem tanto como suporte como impecilho. É por isso que sempre é enfatizado que o controle dos sentidos oportuniza um controle da mente. O *śloka 2*, do canto 1 do *Yoga* de Patañjali diz textualmente que: “*yogaḥ chitta vṛtti nirodhaḥ*”, “*Yoga* é o refreamento das ondas mentais”, e explica os passos para que se consiga atingir este “controle efetivo” e atingir o Supremo, o *sama-ādhi*, ou seja, a união com *Brahman*. Por isso se entende que para que o *Yoga* se estabeleça é necessário o devido controle mental.

śloka 12

नैव वाचा न मनसा प्राप्तुं शक्यो न चक्षुषा ।
अस्तीति ब्रुवतोऽन्यत्र कथं तदुपलभ्यते ॥ १२ ॥

naiva vācā na manasā prāptuṁ śakyo na cakṣuṣā

*astīti bruvato'nyatra katham tadupalabhyate ||
12||*

12. “O Ser (Ātmān) não pode ser atingido pela palavra, pela especulação mental ou pelos olhos. Como se pode apreendê-lo, com a exceção de dizermos: “Ele é?”.

Comentário do śloka

Na filosofia, no aspecto ontológico, a definição do Ser diz que “o Ser É”. O fato de nenhuma palavra dizer o Ser é algo também significativo, porque se pode dizer o Ser de muitos modos, mas nenhum deles diz o que é o Ser. Esta compreensão só pode ser percebida na compreensão extra intelectual, que se dá no *samādhi*.

śloka 13

अस्तीत्येवोपलब्धव्यस्तत्त्वभावेन चोभयोः ।

अस्तीत्येवोपलब्धस्य तत्त्वभावः प्रसीदति ॥ १३ ॥

*astītyevopalabdhyastattvabhāvena cobhayoḥ |
astītyevopalabdhasya tattvabhāvaḥ prasīdati || 13||*

13. “Ele é compreendido pelas palavras “Ele É”, e pela realidade de ambos (o Brahman invisível e o mundo material visível, como advindo do Brahman). Quando ele for compreendido pelas palavras “Ele É”, então a realidade desvela-se em si mesma”.

Comentário do śloka

Neste Mantra deste *śloka* há uma profunda metafísica ontológica. A tradição que a forma que o verbo diz o ser, é, de fato, uma decorrência fenomênica. O Ser é númeno por excelência, logo, não pode simplesmente ser apreendido pela palavra. Por isso fala-se em *bhava*, ou “força de querer”, ou, ainda, de “fé em querer” entender este Ser que É através da fé, advinda pela devoção ao Supremo.

Todos os *Upaniṣadḥ* possuem expressões que os caracterizam. A palavra *kāṭham*, refere-se ao interrogativo “Como”, ou seja, “de que modo”, pode-se entender e compreender o Ser. O fato de Yamarāja estar dando as instruções para Naciketās, sobre o que há além da morte, nos deixa claro que “o que É está sempre sendo”. O Ser é “sempre sendo” por excelência, uma vez que a Sua finalidade é ficar e passar. O princípio movente do ser é a Sua finalidade, e esta é o Ser. *Brahman* é o Ser Supremo, sem nenhum segundo.

śloka 14

यदा सर्वे प्रमुच्यन्ते कामा येऽस्य हृदि श्रिताः ।

अथ मर्त्योऽमृतो भवत्यत्र ब्रह्म समश्नुते ॥ १४ ॥

yadā sarve pramucyante kāmā ye'sya hṛdi śritāḥ |

*atha martyo'mṛto bhavatyatra
brahma samaśnute || 14||*

14. “Quando todos os desejos residentes no coração sessam, então, o mortal torna-se imortal, e se conquista o Brahman”.

Comentário do śloka

O *Bhagavad-gītā*, no *śloka* 2.71, traz a informação do Senhor Kṛṣṇa dizendo o seguinte:

*vihāya kāmān yaḥ sarvān
pumāṁś carati niḥsprhaḥ
nirmamo nirahaṅkāraḥ
sa śāntim adhigacchati*

“Após a renúncia de todos os desejos, e atuando sem eles, sem querer apropriar-se e sem egoísmo, a pessoa alcança a paz perfeita”. De acordo com os *Vedas* - e aqui está explícito neste *Gītā* - os desejos de apropriação do resultado das ações, e de desfrutar delas, são a causa de todo o sofrimento. A entidade viva está sempre querendo desfrutar do efêmero gozo dos sentidos. Desta maneira, perseguindo aqui e ali algum tipo de desejo, e prazeres passageiros, crê-se satisfeita, mas, na realidade, não há como se satisfazer os desejos dos sentidos, porque eles são corrompidos com o tempo, e são imperfeitos. Somente o *Brahman* é perfeito, incorruptível, e uma vez que O atingimos ficamos inteiramente satisfeitos. Uma vez demovida a ignorância que cobre a luz da Verdade no coração, *Brahman* se manifesta como a única realidade, inteiramente transcendental ao mundo fenomênico e material.

śloka 15

यथा सर्वे प्रभिद्यन्ते हृदयस्येह ग्रन्थयः ।

अथ मर्त्योऽमृतो भवत्येतावद्धयनुशासनम् ॥ १५ ॥

*yathā sarve prabhidante hṛdayasyeḥa granthayaḥ |
atha martyo'mṛto bhavatyetaāvaddhyanuśāsanam ||*

15||

15. “Quando todos os nós no coração são desfeitos aqui no coração, então o mortal torna-se imortal, neste ponto encerra-se o ensinamento”.

Comentário do śloka

É esplêndida a comparação da ignorância com os nós no coração; “*hṛdayasyeḥa granthayaḥ*” é uma expressão que encerra muito conteúdo, um vez que o coração é considerado o centro de amor universal, e é nele que *prema* acontece. Se há nós no nosso coração, ou seja, se há confusões, misturas, fé impura, falsas crenças e falso amor, então não se poderá alcançar o Supremo.

Uma vez que todos os sentidos estão satisfeitos na plenitude do Ser, e que a compreensão do eterno fir-

ma-se definitivamente do coração do devoto, este estará livre do sofrimento do ciclo de nascimentos e mortes, por isso, alcançará a comunhão com o Supremo, obtendo todo o conhecimento e toda a compreensão. Logo, não há mais nada além disto.

śloka 16

शतं चैका चं हृदयस्य नाड्यः

तासां मूर्धानमभिनिःसृतैका ।

तयोर्ध्वमायन्नमृतत्वमेति

विष्वङ्ङन्या उत्क्रमणे भवन्ति ॥ १६ ॥

śataṁ caikā caṁ hṛdayasya nāḍyaḥ

tāsāṁ mūrdhānamabhiniḥsṛtaikā |

tayordhvamāyannamṛtatvameti

viṣvaṅṅnyā utkramaṇe bhavanti || 16||

16. “Existem cento e uma nādīs que partem do coração, uma delas penetra na coroa da cabeça. Movendo-se para o alto; por ela, uma pessoa quando morre atinge o Imortal. As outras Nadīs estão a serviço de diferentes direções”.

Comentário do śloka

A palavra sânscrita *nādī*, também se refere a “rio”. Assim como os rios transportam a água até os oceanos, há um canal central na energia do corpo, chamado de *suśumna*, que leva-a até o alto da cabeça. Contudo, não devemos confundir a anatomia comum com a anatomia energética do nosso corpo espiritual. Os textos védicos falam de múltiplos canais, chamados *nādīs*, que aqui aparecem como que partindo do coração. A ciência védica de medicina, conhecida como *Ayurveda*, (ciência da longevidade, ou ciência da saúde) é uma ciência muito avançada, e em grande parte é desconhecida de muitos estudiosos e pesquisadores ocidentais, o que gerou alguns equívocos achando que aqui se trata de artérias ou veias. Esta ciência milenar da arte médica dos *Vedas* é tão perfeita que até mesmo cirurgias neurológicas eram feitas na época védica, isto há mais de 7.000 anos atrás. Além da anatomia tradicional, que hoje é ensinada nas faculdades de medicina, estudava-se, pelos *kavirājas* (médicos sábios) Hindus, a anatomia dos *mārmās*, ou pontos de captação de energia, e que passou para o oriente próximo da Índia como sendo os pontos de acupuntura. De qualquer maneira, aqui se faz referências aos *nādīs* do coração, que partem do *chakra* cardíaco, o *anāhata-chakra*, o qual se localiza nas imediações anatômicas medianas do coração, percorrendo o canal sutil interno, é o *Chakra* central, e que do qual tudo se distribui.

Há outros canais de energia que seguem em outras direções, até mesmo porque há toda uma atividade de *prāṇa* em vários órgãos ou funções.

Há no *Bhagavad-gītā* 8.11, o seguinte *śloka*:

*prayāṇa-kāle manasā'acalena
bhaktyā yukto yoga-balena caiva
bhruvor madhye prāṇam āveśya samyak
sa taṁ param puruṣam upaiti divyam*

“Aquele que, através do controle da mente, sem desviar-se, estiver unido ao Supremo em devoção, pelo poder do yoga, com certeza, concentrar seu ar vital - prāṇa - no meio das duas sobranceiras (na raiz do nariz), estabelecendo completamente, e de forma transcendental, uma ligação com o Ser Supremo, com certeza, alcança o mundo espiritual”. O mundo espiritual é um mundo sem fenômenos materiais. Quando se fala pelas Escrituras védicas de “mundo Espiritual”, se está falando da morada Surpema de Brahman, e não o que ordinariamente é conhecido como “mundo dos espíritos”, que pela visão védica trata-se de casarão de Anarthas, que subistem por algum tempo num “campo elétrico sutil”, mas não tem nada a ver com *Brahmaloka*, a morada do Senhor Śrī Kṛṣṇa ou *Vaikuntha*. O coração é a morada da alma, que observa a si mesma a partir da Sua natureza pura e Divina. O *Ahāmkāra* ou ego, tolamente supõem-se como sendo o causador das coisas, e enreda-se no gozo dos sentidos. Este corpo chamado ego é sutil, e desfaz-se com o tempo. Os agregados psicológicos possuem tempo, lugar e circunstâncias para se manifestar. Eles causam o eterno retorno da entidade vida porque desejam desfrutar do que é grosseiro, efêmero e passageiro, crendo tola-mente que os fenômenos são eternos, enquanto são meras aparências, sujeitas a corrupção e degeneração do tempo.

śloka 17

अङ्गुष्ठमात्रः पुरुषोऽन्तरात्मा
सदा जनानां हृदये संनिविष्टः ।
तं स्वाच्छरीरात्प्रवृहेन्मुञ्जादिवेषीकां धैर्येण ।
तं विद्याच्छुक्रममृतं तं विद्याच्छुक्रममृतमिति ॥ १७ ॥

*aṅguṣṭhamātraḥ puruṣo'ntarātmā
sadā janānām hṛdaye sanniviṣṭaḥ |
taṁ svāccharīrātpravṛhenmuñjādiveśīkāṁ dhairyeṇa
|
taṁ vidyācchukramamṛtaṁ
taṁ vidyācchukramamṛtamiti || 17||*

17. “O Puruṣa, do tamanho de um polegar, está sempre sentado no coração dos homens. Deixe um homem extrair o Ser do seu corpo, com estabilidade, como se retira o talinho de uma palha. Dexai-o conhecer o Ser como o brilho, como o imortal; sim, assim como o brilho e como imortal”.

Comentário do śloka

O *Puruṣa*, o Ser Supremo, é o vigor e a imortalidade, porque é o sempre existente. A comparação de “retirar” o Ser do seu corpo como se fosse um “talinho” de palha é interessante, porque Ele, de fato, é quem dá a sustentação para o corpo, para a vida, sendo, bem por isso, a coluna vertebral de toda a vida. Olhando-se a anatomia dos *sat-cakras*, percebe-se que eles são é como uma coluna, porém de luz, que percorrem todo o corpo energético do homem. A origem da luz é Brahman, Ele é o eterno brilho imortal, que comanda, controla, dá início, meio e fim de tudo. Quem se funde na luz de Brahman, funde-se na Verdade Suprema.

śloka 18

मृत्युप्रों नचिकेतोऽथ लब्ध्वा
विद्यामेतां योगविधिं च कृत्स्नम् ।
ब्रह्मप्राप्तो विरजोऽभूद्धिमृत्युः
अन्योऽप्येवं यो विदध्यात्ममेव ॥ १८ ॥

*mṛtyuproktāṁ naciketo'tha labdhvā
vidyāmetāṁ yogavidhiṁ ca kṛtsnam |
brahmaprāpto virajo'bhūdhimṛtyuḥ
anyo'pyevam yo vidadhyātmameva || 18||*

Diz o narrador:

18. “Tendo recebido este conhecimento do Yoga através do Senhor da Morte (Mṛtyu, ou Yamarāja) e todas as regras, Naciketās tornou-se livre da paixão e da morte, e alcanço Brahman. Do mesmo modo isto irá ocorrer com aqueles que conhecerem isso que se relaciona ao Ātmān.

Comentário do śloka

Quem conhece a Realidade Suprema da unidade de Brahman; quem compreende que Śrī Kṛṣṇa é o Brahman Supremo *Saguṇa*, eu que é também *Nirguṇa*, torna-se perfeitamente liberto, porque tudo torna-se absolutamente secundário a partir de então.

śloka 19

सह नावतु । सह नौ भुनु । सह वीर्यं करवावहै ।
तेजस्विनावधीतमस्तु मा विद्विषावहै ॥ १९ ॥

*saha nāvavatu |
saha nau bhunaktu |
saha vīryaṁ karavāvahai |
tejasvināvadhītamastu mā vidviṣāvahai || 19||*

19. “Que Ele nos proteja a todos! Que Ele nos divirta a todos! Que nosso conhecimento seja iluminado! Que nós jamais discutamos querelas”.

Comentário do śloka

Esta instrução final, para que o discípulo não se disperse em discussões efêmeras e em querelas, é de cunho moral e instrutor, ou seja, o discípulo deve eras-se de discussões que não estão dentro das escrituras. Um sinal de respeito ao mestre é o de seguir as Suas instruções. É por isso que os *Ūpaniṣads* são considerados “instrutores da retidão”, de modo a oportunizar ao praticante a compreensão dos Seus ensinamentos, não dissociados da realidade da boa convivência e do reto agir, *dharma*. Que todos possamos mergulhar na bem-aventurança de Brahman!

ॐ शान्तिः शान्तिः शान्तिः ॥

om śāntiḥ śāntiḥ śāntiḥ ||

Om! Paz! paz! paz!

इति काठकोपनिषदि द्वितीयाध्याये तृतीया वल्ली ॥

iti kāṭhakopaniṣadi dvitīyādhyāye tṛtīyā vallī ||

“Assim se encera o sexto valli, segunda parte, do Kāṭha-Upaniṣad”

ॐ तत! सत! ॥

om tat sat ||



Māṇḍukya-ūpaniṣad

Tradução, comentários e significados dados por

Śrī Swāmi Kṛṣṇapriyānada Saraswātī

© Sociedade da Vida Divina Brasil

2004



2004 – SVDB – SOCIEDADE DA VIDA DIVINA BRASIL

Māṇḍukyaūpaniṣad, tradução do sânscrito, transliteração latina, e significados dos *mantras*, para o português, realizados por Śrī Kṛṣṇapriya dās Caitanya Saraswātī – Desimon, Olavo Orlando

Editado pelo departamento de livros clássicos do Instituto IVES.

CNPJ 02.830.399/0001-63

Av. Cel. Lucas de Oliveira, 2884/2

CEP.: 90460-000 - email: svdb@sivananda.org.br

Porto Alegre, RS – Verão de 2004

Os leitores interessados em aprofundar os assuntos tratados neste livro devem se corresponder com a secretaria pelo endereço acima ou por meio eletrônico.

© Direitos Autorais reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem a autorização expressa dos editores.

Índice para catálogo sistemático:

1. *Māṇḍukya-ūpaniṣad*: Livros Sagrados; Hinduísmo, 294.5924
2. Filosofia Hindu: 181.4
3. *Ūpaniṣads*: Livros Sagrados: Hinduísmo: 294.5925
4. Hinduísmo: 294.55

Māhā pūjā

ओम्श्री सद्गुरु शिवानन्द स्वामिने नमः
ॐ नमो भगवते शिवानन्दय

*Om śrī sadguru śivānanda svāmine namaḥ
Om namo bhagavate śivānandaya*

“Om, ao nosso mestre espiritual, sadguru Śrī Swāmi Śivānanda, prestamos nossas reverências. Om, saudações e reverências para o mestre espiritual, totalmente auspicioso.”

Do guru gītā

गुरुर्ब्रह्मा गुरुर्विष्णुर्गुरुर्देवो महेश्वरः ।

गुरुः साक्षात् परं ब्रह्म तस्मै श्रीगुरवे नमः ॥ ४ ॥

*om gururbrahmā gururviṣṇurgururdevo maheṣvarap
gururp sākṣāt paraṁ brahma tasmai śrīgurave namaḥ |4|*

“OM Guru é Brahmā. Guru é Vishnu. Guru é Śiva. Guru é o Supremo Brahman em si mesmo. Presto reverências para este Guru (4)”.

ज्ञानतिमिरान्धस्य ज्ञानाञ्जनशलाकया ।

चक्षुरुन्मीलितं येन तस्मै श्रीगुरवे नमः ॥ ५ ॥

*ajñānatimirāndhasya jñānañjanaśalākayā,
cakṣurumlitaṁ yena tasmai śrīgurave namaḥ, 5,*

“Presto reverências para este Guru que, por intermédio do colírio do conhecimento, abre o olho daquele que está cego pela obscuridade da ignorância (5)”.

Agradecimento especial

Śrī Śaṅkarācārya

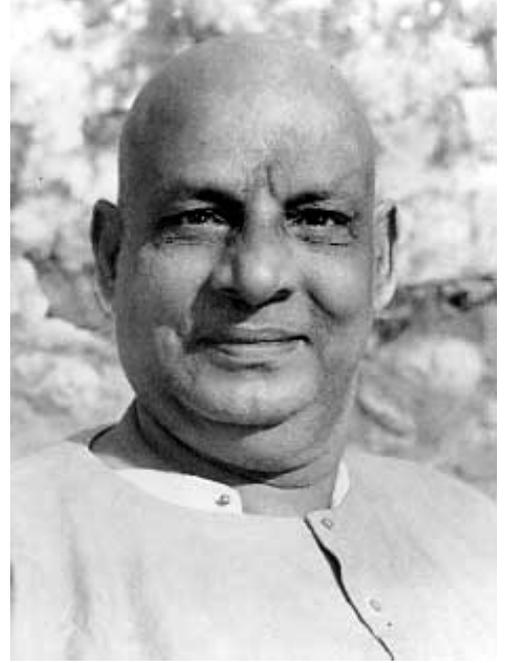


*Guru charanam, bhaja charanam,
Satguru charanam, bhava haranam.
Mānasa bhajare, guru charanam,
Dustara bhava sāgara taranam.*

*Guru maharāj guru jaya jaya,
Para brahma satguru jaya jaya*

“Presto minhas humildes reverências a este Guru, que é Sat-Chit-Ananda, Verdade, Bem-aventurança e Conhecimento Supremos. Supremo Devoto do Senhor Supremo. Que remove toda a escuridão da ignorância, que é o Guru dos Gurus. Salve Śrī Śaṅkarācārya”

**Agradecimentos
Swāmi Śivānanda Mahārāj**



Sua Santidade

Swāmi Śivānānda Saraswātī Mahārāja
Fundador acārya da The Divine Life Society
*Om Namō Bhagavate Śivānandāya
Jaya Śivānandajī!*



Māṇḍukya-ūpaniṣad

Por

Śrī Swāmi Kṛṣṇaprīyānanda Saraswātī



Śrī Kṛṣṇa, o OM personificado

Comentário Introdutório

Nós devemos ter sempre em mente que os *Upaniṣads* referem-se àquelas instruções dadas em aulas sobre os *Vedas*, conferidas por um mestre espiritual a um grupo de discípulos iniciados, e de que estas aulas eram dadas em audiências, muitas vezes ao ar livre, junto a um seletivo grupo de ouvintes. Então o leitor poderá perceber que o preceptor do *Māṇḍukya-ūpaniṣad* instrui num local onde há lamparinas, e é possível ver a natureza. Várias vezes o Guru refere-se ao ambiente a aponta para seu próprio corpo, dando exemplo do que é o Brahman e onde Ele se encontra localizado nos seres vivos, etc.

O *Māṇḍukya-ūpaniṣad* encerra em Si o néctar das instruções sobre o Brahman. O fato de aqui se enfatizar que Brahman é o OM, nomeado pela letra “*omkāra*”, é de grande relevância, porque afasta de modo definitivo quaisquer idéias de impersonalismo do Supremo Brahman. Este *Ūpaniṣad* é composto de apenas 12 *ś lokas* ou versos, mas Ele possui uma grande complexidade nas Suas instruções. Uma pessoa iniciante na ciência do *Yoga* e do *Vedānta* poderá ter dificuldades de entender o significado profundo destas instruções, por isso recomenda-se a leitura dos textos referidos nos comentários dos *ślokas*, bem como, na medida do possível, deverá o leitor instruir-se

diretamente com um *Guru* ou mestre espiritual realizado nestes ensinamentos.

Sāmit Pūja

Nos tempos de outrora, um pretendente ao conhecimento das escrituras sagradas, ia até a presença de um preceptor espiritual realizado, e pedia-lhe para ser iniciado pelo mestre, levando, de forma simbólica, um feixe de varinhas de madeira, pedindo para que fossem queimadas no sacrifício do “fogo do conhecimento”, liberando-o, assim, das amarras do *Karma* acumulado por milhares e milhares de vidas, estas, vividas no desfrute dos objetos dos sentidos grosseiros. A cerimônia de iniciação tinha por objetivo queimar os *Vāsanas* ou *Tṛśnas*, ou seja, desfazer os desejos materiais, responsáveis pelo atrelamento na roda de nascimentos e mortes ou *samsāra-cakra*. Sivānanda māharaj, referindo-se a ética védica, dos tempos de outrora, escreve que: “*Um aspirante aproximava-se de um Guru, com um pacote de varinhas (Sāmit), em suas mãos, para as instruções espirituais. O que isto indicava? Ele pedia ao seu preceptor: ‘Ó adorável Guru! Deixe este maço de meus pecados e Vāsanas mundanos, serem queimados no fogo do conhecimento, por intermédio de Sua graça. Deixe a chama divina brotar em mim. Permita-me alcançar a elevada iluminação. Faça-me realizar o interno auto-refulgente Ātman. Deixe meus sentidos, mente, Prāṇa e egoísmo serem dados como uma oblação no fogo do conhecimento. Permita-me brilhar como a Luz das luzes’.* A graça do Guru remove o véu da ignorância do discípulo. A graça do Guru penetra o coração do discípulo e desperta o *Brahmākara-vṛtti* nele. O elevado e exaltado *Brahmaniśtha Guru*, para o qual não há o mundo, desce do seu estado elevado para ensinar o seu discípulo”.

Desvelamento da Verdade Suprema

A leitura dos *Upaniṣads* é de um profundo significado espiritual, e o leitor deverá saber que se trata de um conhecimento milenar, e que está muito além do viés materialista das tradicionais filosofias especulativas do Ocidente. Os *Upaniṣads* tratam-se de textos adquiridos por desvelamento durante o processo de profunda meditação, realizada pelos mestres das mais antigas eras. Eles não são fruto de uma mentalidade criativa humana; pelo contrário, Eles são a expressão mais fidedigna da Suprema Personalidade de Deus. Uma vez adquirido o conhecimento, pelo processo da meditação, o mestre espiritual explicava-O para seus discípulos, tal qual o havia escutado, perpetuando Seus significados.

Outra característica de um *Upaniṣad* é que Ele era ensinado com comparações objetivas. Quando lemos um verso, como por exemplo, o que está sendo explicado no *śloka* 2, na expressão, “tudo isto”, podemos mentalizar o mestre espiritual apontando ao ambiente ao seu redor; e quando ele diz, “este *Ātman*”,

com certeza, ela apontaria para o seu próprio coração, o local onde as escrituras dizem ser a residência do *Paramātmān* ou Alma Suprema (o mesmo que Brahman). Tal era a dinâmica dos *Ūpaṇiṣads* de outrora.

É importante que o leitor tenha em mente a dinâmica do processo de instruções dos *Upaniṣads*, para que assim possa entender a forma natural das Suas explicações, como sendo decorrentes de instruções dadas por mestres iluminados, e tendo como objetivo principal, o ato de aclarar o conhecimento a cerca da Verdade Suprema, removendo a ignorância, *Avidya*, e instalando a sabedoria, *Vidya*, no coração do *Yogī* devoto.

Hari Om Tat Sat



O Que são, os Upaniṣaḍ?

Śrī Swāmi Śivānanda escreve que: “Os *Ūpaṇiṣaḍ* contêm a essência dos *Vedas*. Eles são a porção conclusiva dos *Vedas*, e a origem da filosofia *Vedānta*. Profundos, originais, elevados, e sublimes pensamentos surgem de cada um dos seus versos. Eles contêm a experiência espiritual direta ou as revelações dos sábios ou profetas, os *Rṣis*. Eles são o produto do mais elevado conhecimento do Supremo e Divino Conhecimento. Portanto, eles mexem com o coração das pessoas e as inspiram.

As glórias ou as grandezas dos *Upaniṣaḍ* não podem ser adequadamente descritas por palavras, porque as palavras são finitas e a linguagem é imperfeita. Os *Upaniṣaḍ*, de fato, têm contribuído enormemente para a paz e o consolo da humanidade. Eles são altamente elevados e mexem na alma. Milhões de aspirantes têm traçado suas inspirações e se guiado pelos *Upaniṣaḍ*; Eles são a nata dos *Vedas*. Eles são um tesouro de valor incalculável. Eles são ricos em pensamentos profundamente filosóficos. Os Seus valores intrínsecos são notáveis. Há uma profundidade imensa de significados nas passagens e nos versos. Sua linguagem é maravilhosa.

Os *Upaniṣaḍ* dão uma vívida descrição da natureza do *Ātman*, a Alma Suprema, numa variedade de caminhos, e dispõem os métodos adequados e o apoio para alcançar o Brahman Imortal, e o Puruṣa, o mais elevado. Os tempos têm passado desde que eles foram apresentados pela primeira vez para o mundo; mesmo hoje Eles são bastante doces e encantadores. O vigor dos *Upaniṣaḍ* é único. Sua fragrância é penetrante. Nos dias de hoje, muitos não podem viver sem estudar os *Upaniṣaḍ* diariamente. É dito que Schopenhauer, um renomado filósofo do Ocidente, tinha sempre um livro dos *Upaniṣaḍ* sobre a sua mesa, e ele tinha o hábito, antes de dormir, de realizar suas ações devocionais (orações) de Suas páginas. Ele dizia: “Em todo o mundo não há estudos assim tão benéficos e tão elevados como aqueles dos *Upaniṣaḍ*. Eles têm sido o consolo para a minha vida, e eles irão me consolar na minha morte”.

Os *Upaniṣaḍ* têm exercido, indubitavelmente, e irão continuar a exercer uma influência considerável na religião e na filosofia da Índia. Eles apresentam uma visão da realidade da qual certamente satisfará o cientista, o filósofo, bem como as aspirações religiosas do homem”.

Importância e Ideal

“O conhecimento dos *Ūpaṇiṣaḍ* destrói a ignorância, a semente do *Śamsāra*. “*Shad*” significa “romper” ou “destruir”. Pela obtenção do conhecimento dos *Ūpaṇiṣaḍ* ficamos aptos para sentarmos junto ao Brahman, i.e, para alcançarmos a auto-realização. Portanto, aí está o nome “*Upaniṣaḍ*”. O conhecimento do Brahman é chamado de

“*Upaniṣaḍ*”, porque ele conduz ao Brahman, e ajuda os aspirantes a alcançar o Brahman. O termo “*Upaniṣaḍ*” aplica-se tanto para os livros como também no seu sentido secundário como “com cortesia”.

As duas idéias seguintes predominam nos ensinamentos de todos os *Upaniṣaḍ*: (1) a emancipação final pode ser alcançada apenas pelo conhecimento da Realidade Última, o Brahman (*Brahmajñāna*); (2) aquele que está equipado com os quatro meios de salvação, a saber: *Viveka* (diferenciação; discriminação); *Vairagya* (renúncia); *Śaḍ-sāmpat* (tesouro de seis partes; autocontrole, etc.), e *Mumukṣutva* (sentimento por liberação), pode alcançar o Brahman. Os *Upaniṣaḍ* ensinam a filosofia da unidade absoluta.

A meta dos homens, de acordo com os *Upaniṣaḍ*, é a realização de Brahman. Somente a auto-realização pode dissipar a ignorância e conceder a imortalidade, bem-aventurança e paz eternas. Apenas o conhecimento do Brahman pode remover todas as sombras, ilusão e dor.

Os *Upaniṣaḍ* são corretamente chamados de *Vedānta*, a finalidade dos *Vedas*, a qual está reservada para aqueles que têm se libertado a si próprios das amarras da religião formal.

Os *Ūpaṇiṣaḍ* não têm em vista as massas, uma vez que eles contêm uma investigação filosófica elevada. Eles se direcionam apenas para poucos selecionados, que estão aptos e dignos para receber as Suas instruções. Por conseguinte, o termo “*Ūpaṇiṣaḍ*” significa primeiramente “ensinamento secreto”, ou “doutrina secreta”. Conforme já declarado, *Sādhana-Catuṣṭaya* (o meio quádruplo) é a qualificação primária para o aspirante de *Jñāna-yoga*, ou àquele que busca o conhecimento dos *Ūpaṇiṣaḍ*.

Estudem os *Ūpaṇiṣaḍ* sistematicamente. Adquiram os quatro meios de salvação. Meditem no *Ātman* não-dual ou Brahman, e obtenham a eterna e permanente bem-aventurança”.

Oṃ tat sat

Māṇḍukya-ūpaniṣad

Evocação e louvor de Śrī Śaṅkarācārya

ॐ भद्रं कर्णेभिः शृणुयाम देवा भद्रम् पच्येमाक्षभिर्यजत्राः ।
स्थिरैरङ्गैस्तुष्टुवाꣳसस्तनूभिर्व्यशेम देवहितं यदायुः ॥
स्वस्ति न इन्द्रो वृद्धश्रवाः स्वस्ति नः पूषा विश्ववेदाः ।
स्वस्ति नस्तार्क्ष्यो अरिष्टनेमिः स्वस्ति नो बृहस्पतिर्दधातु ॥
ॐ शान्तिः शान्तिः शान्तिः ॥

*om bhadrāṅ karēebhiṁ ṣāṅyāma devā
bhadram paṅyemākṅabhiryajatrāḥ |
sthirairāṅgaistuṣṭuvāꣳsastanūbhirvyāṣema
devahitāṅ yadāyūḥ ||
svasti na indro vṛddhaśravāḥ
svasti naṁ pūṣā viṣvavedāḥ |
svasti nastārkyo ariṣṭanemiḥ
svasti no bṛhaspatirdadhātu ||
om ṣāntiḥ ṣāntiḥ ṣāntiḥ ||*

om= *om*; *bhadram*= o qual é auspicioso; *karṇebhiḥ*= através da audição; *śṛṇu*= ouvido; *yāma*= controle; *devā*= ó semideuses; *bhadram*= o qual é auspicioso; *paṅyema-akṣabhir-yajatrāḥ*= que nós possamos ver com nossos olhos; *sthiraiḥ*= com firmeza; *aṅgaiḥ*= braços; *stuṣṭuva-āmsastanūbhīḥ*= tendo satisfeito com a força; *vyaṣema*= (expressão de interrogação - ?); *devahitam*= o que é saudável ou favorável aos Devās; *yadāyū*= vida longa; *svastiḥ*= toda a paz; *na*= não; *indraḥ*= o Senhor Īndra; *vṛddhaḥ*= envelhecimento; *śravāḥ*= tendo escutado; *svastiḥ*= toda a paz; *naḥ*= por nós; *pūṣā*= o Senhor do Sol; *viṣvavedāḥ*= quem compreende o mundo (*viśva*); *svastiḥ*= toda a paz; *nastārkyo*= deixe Tārkyo ou Garūda fazer o bem para nós; *ariṣṭanemiḥ*= apelação para Garuda; *svasti*= toda a paz; *no*= não; *bṛhaspatiḥ*= Bṛhaspāti (o Criador do mundo material); *dadhātu*= nos dê; *om*= *om*; *śāntiḥ*= paz; *śāntiḥ*= paz.

Om! Ó semideuses, que nossos ouvidos ouçam o que é mais auspicioso. Que nós, entusiasmados em adoração, possamos ver tudo o que é auspicioso. Que nós, cantando suas glórias, tenhamos uma vida de boa saúde até a velhice.

Toda a Paz! Que Īndra, o Senhor glorificado pelos nossos ancestrais, e Puṣna, nos dê todo o conhecimento. Toda a Paz! Que Tārkyo, o protetor dos danos, e Bṛhaspati, o Criador do Mundo, e Senhor de nossas orações, confira-nos prosperidade.



॥ अथ माण्डुक्योपनिषत् ॥

॥ *atha māṅḍukyopaniṣat* ॥

atha= agora; *māṅḍukya-upaniṣat*= *Māṅḍukya-upaniṣad*.

Agora, o *Māṅḍukya-upaniṣad*.

Śloka 1

ॐ इत्येतदक्षरमिदꣳ सर्वं तस्योपव्याख्यानं
भूतं भवद् भविष्यदिति सर्वमोङ्कार एव
यच्चान्यत् त्रिकालातीतं तदप्योङ्कार एव ॥ १ ॥

*om ityetaḍakṣaramidaḥ sarvaṅ
tasyopavyākhyānāṅ
bhūtaṅ bhavad bhaviṣyaditi
sarvamoiḅkāra eva yaccānyat
trikālātētaṅ tadapyoiḅkāra eva*

om= o Om; *iti*= este; *etat*= estas; *akṣaram*= *Brahmam* Supremo; *idam*= neste; *sarvam*= todo; *tasya*= seu; *avyākhyānaṁ*= imperecível; *bhūtam*= criaturas; *bhavad*= torna-se; *bhaviṣyad*= futuro; *iti*= como que; *sarva*= tudo; *oiḅkāra*= a letra *om*; *eva*= certamente; *ya*= quem; *ca*= e; *ānyat*= outro; *trikālā*= dos três tempos; *ītam*= transcende; *tada*= naquele momento; *api*= também; *oiḅkāra*= a letra *Om*; *eva*= certamente.

Om! Todo este mundo compreende o Omkāra imperecível. Uma explicação para Ele (a letra) é o que foi, o que é, e o que será; tudo isto é o Omkāra, o som primordial. O que está além do presente, passado e futuro; tudo isso, certamente, é Ele.

Comentário do śloka

O *om* é tudo; bem como todos os *Vedas* se originam d'Ele, de modo que o *prāṅāva om*, ou o *omkāra* é a sílaba original que dá começo para tudo. Isto está bem claro no *Bhagavad-gītā*, 9.17, onde Kṛṣṇa diz:

*pitāham asya jagato
mātā dhātā pitāmahaḥ
vedyaṁ pavitram omkāra
ṛk sāma yajur eva ca*

“Eu sou o pai deste Universo; a mãe, o avô, e o conservador; o que deve ser conhecido; o que purifica, e a sílaba *om* - *omkāra* - e, certamente, o *Rg-veda*, o *Sāma-veda* e o *Yajur-veda*”. Fica-nos muito claro que Śrī Kṛṣṇa é o próprio *om* personificado, e que Ele é a Consciência Plena e Absoluta. O tempo não deixa de ser uma das qualidades materiais, e, portanto, está sujeito a ser tragado no final da criação pelo próprio Senhor Supremo. A palavra sânscrita, “*kṛṣṇa*”, possui,

também, uma tradução de “o todo atrativo”, ou seja, que diz respeito “Ao que tudo atrai”. Como dizem os *Vedas*, todas as qualidades materiais, até mesmo a própria *Prakṛti* (natureza material em si mesma), será atraída para o retorno ao *Puruṣa* no final da dissolução do universo - realizada pelo Senhor Śiva, também uma das formas do *Om̐kara* -, e depois retornará, num ciclo infundável, a formar-se-á novamente. A entidade viva somente liberta-se deste eterno ciclo da criação-destruição, também chamado de *Samsara*, quando atingir a suprema compreensão de que é escrava do gozo dos sentidos grosseiros, que a prende nesta roda de nascimentos e mortes chamada de *samsāra chakra*. *Om̐* é o som original que deu início a tudo. No *Bhagavad-gītā*, 10.33, Śrī Kṛṣṇa diz para Arjuna:

*akṣarāṇām akāro 'smi
dvandvaḥ sāmāsikasya ca
aham evākṣayaḥ kālo
dhātāham̐ viśvato-mukhaḥ*

“Das letras, Eu Sou a primeira (*om̐*), e no conjunto Eu Sou a junção. Eu Sou o tempo perdurável, e como *Brahmā*, Meu rosto se volta para todas as partes”. No alfabeto sânscrito, a primeira letra é a expressão *om̐*, e pode ser comparada com a letra “a”, do nosso alfabeto. A Suprema Personalidade de Deus, Śrī Kṛṣṇa, deixa claro na sagrada obra *Bhagavad-gītā*, o *siddhānta* – resumo conclusivo - de todos os textos védicos, que Ele é o *om̐* personificado. Apesar de Kṛṣṇa estar presente na batalha de *Kurukṣetra*, Ele está além do tempo, de modo que possui a consciência plena, que também está além do tempo presente, passado ou futuro.

Śloka 2

सर्वं ह्येतद् ब्रह्मायमात्मा ब्रह्म सोऽयमात्मा चतुष्पात् ॥ २ ॥

*sarvaḥ hyetat brahmāyamātmā
brahma so'yamātmā catuṣpāt*

sarvaḥ= tudo; *hi*= certamente; *etat*= este; *brahma*= *Brahman*; *ya*= quem; *ātma*= *Ātma*; *brahma*= *Brahman*; *esa*= isso; *ya*= quem; *catuṣpāt*= quatro.

Tudo isto é Brahman; o Ātman é Brahman, e este Ātman possui quatro partes.

Comentário do śloka

A afirmação deste *śloka* contém um dos quatro *Māha-vakyas* ou citações da Verdade Suprema conhecida como *Anubhavabodha-vakya*, e é expressada como: *Ayam Ātma Brahman*, ou seja, “Este Ser é Brahman”. Vimos no *śloka* anterior que o *Om̐* é Brahman, e que *Om̐* é *Om̐kāra*, de modo que compreendemos que Brahman é Kṛṣṇa. Arjuna disse muito claramente no *Bhagavad-gītā*, 10.12:

*arjuna uvāca
paraṁ brahma paraṁ dhāma
pavitraṁ paramaṁ bhavān
puruṣaṁ śāśvataṁ divyam
ādi-devam̐ ajaṁ vibhum̐*

“Arjuna disse: Tu és (*kṛṣṇa*) o Supremo Brahman, o Supremo sustento, a suprema pureza, o Supremo *Puruṣa*, o mais original dos seres, o não-nascido, o transcendental, o primeiro Senhor, o maior”. Como vemos, não há nenhuma dúvida de que o Senhor *kṛṣṇa* é o próprio Brahman personificado, ou a Suprema Personalidade de Deus, origem de todas as coisas, mas que não É afetado por nenhuma delas.

Śloka 3

जागरितस्थानो बहिष्प्रज्ञः

सप्ताङ्ग एकोनविंशतिमुखः स्थूल

भुग्वैश्वानरः प्रथमः पादः ॥ ३ ॥

*jāgaritasthāno bahiṣpraññāḥ
saptāṅga ekoṇaviṁśatimukhaḥ sthūla
bhuga-vaiśvānaraḥ prathamāḥ pādau*

jāgaritasthāḥ= estado de vigília; *bahiṣ*= externo; *praññāḥ*= cognição; *saptāṅga*= sete partes; *ekonavaḥ-śatim̐*= dezenove; *mukhaḥ* = bocas; *sthūla*= matéria grosseira; *bhuga*= desfrute; *vaiśvānaraḥ*= *Vaiśvānara*; *prathamāḥ*= primeiro; *pādau*= parte.

A primeira parte é Vaiśvānara. Define-se no estado de vigília, da consciência externa com os objetos grosseiros, voltada ao exterior pelas portas dos sentidos, e que assiste aos sete membros e dezenove bocas que desfrutam – Bhuga – da matéria grosseira – Sthūla.

Comentário do śloka

A palavra sânscrita “*vaiśvānara*” refere-se ao estado de vigília. O estado de vigília é chamado, também, de “o estado da ação consciente”, mas é onde a pessoa atua pensando ser a causadora dos resultados, e desfruta do mundo material; é o estado de desfrute, e ocupa cerca de 2/3 da vida de uma pessoa. Este estado de identificação da ação com o resultado é chamado de *Avīdya*, ou ignorância, porque, na verdade, quem tudo controla é *kṛṣṇa*, ou a Suprema Personalidade de Deus, mas a alma condicionada crê ser a causa das coisas. No *Bhagavad-gītā*, 15.14, Śrī Kṛṣṇa diz para Arjuna:

*aham̐ vaiśvānaro bhūtvā
prāṇinām̐ deham̐ āśritaḥ
prāṇāpāna-samāyuktaḥ
pacāmy annam̐ catur-vidham̐*

“Eu Sou *Vaiśvānara*, o estado desperto em todas as entidades vivas, bem como o *Prāṇa* (ar ascendente), e

o *Apāna* (ar descendente), mantendo-os unidos; também sou o que digere os quatro tipos de alimentos”. Os alimentos seguem os modos da natureza material, e, apesar de toda a variedade que eles possuem na natureza, tudo sai da terra, e possui dentro de si a energia do sol acumulada. Até mesmo a água é proveniente do fogo, como dizem as escrituras, de modo que se compreende que a água é um tipo de alimento mineral importante. De acordo com a ciência védica do *Ayurveda*, medicina dos *Vedas*, existem sete tecidos vitais conhecidos como *Dathūs* que constituem o corpo humano. Estes *dathūs* geram-se uns aos outros, segundo esta ordem: 1. *Rāsa*, que corresponde ao plasma ou linfa; 2. *Rakta*, que é o tecido sanguíneo; 3. *Mamsa*, que são os músculos; 4. *Meda*, que é a gordura; 5. *Aśthi*, que se trata dos ossos; 6. *Majja*, que é a medula nervosa e os nervos, e 7. *Śukra* ou *Vīrya*, que é o sêmen ou o óvulo respectivamente. Estes sete tecidos são nutridos pelos alimentos, que se distribuem através dos condutos naturais chamados de *rotas*. Há dezenove *rotas* mais importantes, que se encarregam de distribuir os alimentos bem como os elementos da natureza material para manter a hegemonia no corpo. Estes sistemas possuem funções muito importantes, porque é através deles que a energia é dirigida no corpo. Basicamente, há três grupos que se subdividem de acordo com a função e os *dathūs*, a saber: 1. *Prāṇavahas śrotas*, responsáveis pela condução dos ares vitais como *Prāṇa*, propriamente dito, mais *Āpaṇa*, *Samāṇa*, *Vyāna* e *Udhāna*, do meio ambiente para o interior dos pulmões, e ao coração, até chegar na corrente sanguínea; 2. *Annavāha śrotas* ou *Māha-ś rota*, responsável pela condução do alimento sólido bem como líquido, desde a boca até o ânus, e 3. *Ambhūvada śrotas*, é o sistema que transporta e regula as substâncias líquidas no corpo, inclusive o soro e a linfa. Cada um dos sete *Dathūs* possui o seu *śrota* correspondente, além da função mental e dois sistemas que são exclusivos das mulheres, como a amamentação e a menstruação, somando ao todo, dezenove sistemas ou bocas que conduzem a energia e realizam as funções orgânicas.

Śloka 4

स्वप्नस्थानोऽन्तः प्रज्ञाः सप्ताङ्ग एकोनविंशतिमुखः

प्रविविक्तभुक्तैजसो द्वितीयः पादः ॥ ४ ॥

svapnasthāno'ntaṁ prajñāṁ saptaṅga

ekonaviṅṣatimukhaṁ

praviviktabhuktaijaso dvitīyaṁ pādaṁ

svapnasthāna= estado sono com sonho; *antaḥ*= parte; *prajñāḥ*= *Prajñā*; *saptaṅga*= sete partes; *ekonaviṁ*= dezenove; *mukhaḥ*= boca; *pra-vivikta*= solitários; *bhukta*= desfrute; *dviīyaḥ*= segundo; *pādaḥ*= parte.

A segunda parte é Tajjasa ou brilhante, define-se no

estado de sonho ou cognição interna dos objetos sutis. Possui sete membros, e dezenove bocas, desfrutadores solitários.

Comentário do śloka

Cada canal, e sistemas físicos, possuem o seu correspondente sutil. Agora são falados de sete centros energéticos, de onde se derivam sete membros e dezenove bocas. Podemos dizer que o corpo humano é percorrido por muitos canais de energia chamados de *nadīs*. Destes há dezenove *nadīs* que atuam nesta distribuição e interação de energia com os alimentos. Os três mais importantes *nadīs* são, o *sušumnā nadī* ou *Brahmanadī*, o canal central medular; *idā-nadī*, o canal esquerdo lateral da coluna, e *piṅgala-nadī*, o canal direito. Devido a complexidade do tema, iremos nos limitar neste livro às suas referências sem enumerá-los. Importante, também, é o que trata dos sete centros sutis chamados de *cakras* (lê-se *chakras*). Há sete centros energéticos sutis mais importantes, e são conhecidos no *Yoga* como sendo *chakras* ou rodas de captação, e distribuição do *prāṇa*. Os sete principais *cakras* são, de baixo para cima: *muladhāra-cakra* ou *cakra* raiz; *svādhiṣṭhāna-cakra* ou *cakra* da identidade; *maṇipūra-cakra*, ou *cakra* da ancestralidade; *viśuddha-cakra* ou do aprendizado pela palavra; *anāhata-cakra* ou *cakra* do coração; *ājñā-cakra* o *cakra* da terceira visão ou do aprendizado pela visão, e, por fim, no alto da cabeça, o *sahasrāra-cakra*, o da sabedoria.

Os raios solares estão carregados de *prāṇa*, a energia vital, que mantém os organismos vivos, e os alimentos. Por sua vez, também, os alimentos libertam o *prāṇa* que captaram do Sol na ocasião do fenômeno conhecido como fotossíntese, e cada um dos centros energéticos distribui esta energia para todo o corpo. O *śloka* III.5 do *Praśna-ūpaṇiṣad* diz que “*madhye tu samānaḥ*”, ou seja, *samāna* é a energia vital ou *prāṇa* que está no centro, e se encarrega de distribuir os alimentos na forma de energia para as diversas partes do corpo *etad-hutam-annam samam nayati*. O *prāṇa* alimenta cada um dos *cakras* de acordo com as suas atividades de manutenção e distribuição da energia.

A vida de uma pessoa é feita de forma intercalada entre o sono e a vigília. Contudo, mesmo que uma pessoa diga que está plenamente consciente, agindo assim no estado de vigília, ela apenas realiza o aparente, e não o real. Podemos dizer que não é real porque contém imperfeições. A Verdadeira Realidade ou Realidade Suprema é desprovida de imperfeições. Uma vez que ordinariamente se compreende e se vive o mundo a partir dos seus fenômenos, e estes fenômenos chegam até nós pelos órgãos dos sentidos, apenas temos uma compreensão parcial da realidade, ou uma compreensão fenomênica da realidade.

A palavra sânscrita “*bhukta*” está relacionada ao prazer sensorial. Um *Yogī* perfeito torna-se um “*bhakta*”, porque ele busca um prazer superior, ou o prazer supremo, ou o *seva* eterno para a Suprema

Personalidade de Deus, Śrī kṛṣṇa. Segundo os *Vedas*, há dois caminhos pelos quais uma pessoa pode se dedicar, um deles chama-se *Pravṛtti-mārga*, que é o caminho do gozo dos sentidos grosseiros, e o outro é *Bhakti-mārga*, ou *Nivṛtti-mārga*, ou o caminho da liberação trilhado pelo serviço amoroso a Deus através da devoção.

O senhor Kṛṣṇa fez no *Bhagavad-gītā* uma severa crítica àquelas pessoas de pensamento medíocre, que ficam especulando a cerca da Verdade Suprema, contentando-se com as palavras floridas dos *Vedas* (*Bhagavad-gītā*, 2.42-43), e estas pessoas estão, por assim dizer, apegadas “... ao desfrute e opulências, com suas idéias confusas, determinados em si próprios [suas convicções], suas inteligências nunca se iluminam, mesmo que se encontrem em firme *samādhi*”. Ainda que o verdadeiro *samādhi* seja a união com o Supremo, uma pessoa não pode atingir a liberação se ficar apegada as suas próprias interpretações e experiências pessoais, querendo com isso generalizar como sendo o todo. Num estado de sonho, uma pessoa pode sentir-se como sendo a origem de todas as coisas, mas, ao despertar, se dará conta que não pode fazer muito do que sonhou. Ao despertar para a verdadeira realidade, ou para a consciência superior, uma pessoa desperta para o que há de real e verdadeiro, e se apercebe que suas idéias, sem um fundamento nas Escrituras desveladas, não passam de um sonho, ainda que seja brilhante.

Śloka 5

यत्र सुप्तो न कञ्चन कामं कामयते न कञ्चन स्वप्नं पश्यति तत्

सुषुप्तम् । सुषुप्तस्थान एकीभूतः प्रज्ञानघन एवानन्दमयो

ह्यानन्दभुक् चेतो मुखः प्राज्ञस्तृतीयः पादः ॥ ५ ॥

*yatra supto na kaścana kāmāḥ kāmāyate na
kaścana svapnaḥ paśyati tat suṣuptam |
suṣuptasthāna ekābhūtaḥ
prājñānaghana evānandamayo
hyānandabhuk ceto mukhaḥ
prājñāstātēyaḥ pādau*

yatra= em que; *suptāḥ*= sono profundo; *na*= não; *kaścana*= deseja; *kāmāḥ*= desejo; *kāmāyate*= desejos; *na*= não; *kaścana*= deseja; *svapnaḥ*= sonho; *paśyati*= em paz; *tat*= isso; *suṣuptam-asthāna*= sem sonho; *ekā bhūtaḥ*= as criaturas; *prājñā*= *Prajñā*; *na*= não; *ghana*= *Ghana*; escuro; *eva*= certamente; *ānandamayo*= *Ānandamāya* (bem-aventurança Suprema); *hi*= certamente; *hyānandabhuk*= satisfação; *ceto*= da mente; *mukhaḥ*= bocas; aberturas; *prājñāḥ*= *Prājñā*; *trītyaḥ*= terceiro; *pādau*= parte.

A terceira parte, é a do sono profundo ou Susupta, que é o estado de paz, onde o sonho e os desejos estão ausentes. Esta é a condição da cognição –

Prajñā - onde a experiência está integrada, e a cognição torna-se indefinida (escura); Ghana, ganhando satisfação da liberação – Ānandamāya - sendo a porta que define a cognição dos outros estados.

Comentário do śloka

Esse *śloka* diz que há uma certa experiência de bem-aventurança no estado de sono profundo. Num certo sentido, a alma condicionada no mundo material, neste estado de sono sem sonhos, está como que liberada da identidade corpórea ou em *Samādhi* ou *Turīya*. A diferença fundamental entre o estado chamado de sono sem sonho, e o *samādhi*, é que no primeiro caso não há nenhuma consciência, e, no segundo, há consciência plena. O fato de aqui estar sendo dito que o estado de *Prajñā* ou “cognição sem definição” ser a “porta que define” ou “boca”, dos outros estados, é importante. Em primeiro lugar, a liberação do condicionamento material da *Jīva* é o verdadeiro propósito de todo o *Yoga*. Em segundo lugar, uma pessoa plenamente consciente dos condicionamentos materiais pode ter uma experiência real, ainda que numa proporção muito limitada, do que vem a ser a bem-aventurança suprema, de união ao Brahman, no eterno serviço devocional. *Prajñā* pode ser definido como um tipo de conhecimento transcendental ou superior, bem por isso inefável. Sem nenhuma dúvida, Brahman, ou Kṛṣṇa, é a origem e o mais transcendental de todos os Conhecimentos, porque Ele é a origem, meio e fim de todas as coisas.

Śloka 6

एष सर्वेश्वरः एष सर्वज्ञ एषोऽन्तर्याम्येष योनिः सर्वस्य

प्रभावाप्ययौ हि भूतानाम् ॥ ६ ॥

*eṣa sarveśvaraḥ eṣa sarvajña
eṣo'ntaryāmyeṣa yoniḥ sarvasya
prabhavāpyayau hi bhūtānām*

eṣa= este; *sarva-īśvaraḥ*= senhor controlador de todos; *eṣa*= este; *sarvajña*= onisciente; *eṣa*= este; *āntaryāmy*= mestre interno; *eṣa*=este; *yonih*= origem; *sarvasya*= de todos; *prabhava*= fonte; *āpyayau*= desaparecimento; *hi*= certamente; *bhūtānām*= entidades vivas.

Este é o senhor controlador de todos, Sarveśvara; Este é Sarvajña, onisciente; e Este é o mestre interior, Antaryāmi; a fonte, Yonī; a origem, e o fim de todas as entidades vivas.

Comentário do śloka

Brahman é o controlador ou *Īśvara* Supremo, e é experimentado intimamente na profunda comunhão com a alma individual no estado de *samādhi*. Ainda que conheçamos que os *Guṇāvatāras*, como Brahṁā,

Viṣṇu e Śiva, sejam responsáveis, respectivamente, pela criação, manutenção e destruição do mundo material, tudo é Brahman ou a Suprema Personalidade de Deus, Śrī Kṛṣṇa. O fato de Kṛṣṇa aparecer como Brahmā, Viṣṇu ou Śiva é um acidente transcendental, porque tudo emana d'Ele, e para Ele volta no final de um ciclo.

Śloka 7

नान्तःप्रज्ञं न बहिष्प्रज्ञं नोभयतःप्रज्ञं

न प्रज्ञानघनं न प्रज्ञं नाप्रज्ञम् ।

अदृष्टमव्यवहार्यमग्राह्यमलक्षणं

अचिन्त्यमव्यपदेश्यमेकात्मप्रत्ययसारं प्रपञ्चोपशमं

शान्तं शिवमद्वैतं चतुर्थं मन्यन्ते स आत्मा स विज्ञेयः ॥ ७ ॥

*nāntaūprajñā à na bahiṣprajñā à
nobhayataūprajñā à na prajñānaghana à
na prajñā à nāprajñam |
adāṅmavyavahāryamagrāhyamalakṣṇā à
acintyam-avyapadeśyamek ātma
pratyayasāra à prapañcōpaśama à
śānta à śivamadvaita à caturtha à
manyante sa ātmā sa vijñeyau*

na= não; *antaḥ-prajñam*= internamente compreensível; *na*= nem; *bahiṣ-prajñam*= captado externamente; *na*= não; *prajñā-anaghanam*= nem inteligível por ambos os meios; *na*= não; *prajñam*= vago; *na*= nem; *naprajñam*= não-vago; *adrṣta*= não visto ou não perceptível; *avyaḥ*= inesgotável; *āryamagra*= incapturável; *āhyam*= aceitável; *alakṣaṇam*= além do explicável; *acintyam*= inconcebível; *avyaḥ*= inesgotável; *upadeśa-yamek*= instrução em si; *ātmā*= Ātma, o Ser; *pratyaya-asāram*= sem essência fenomênica; *prapañcō-paśama*= além dos cinco sentidos; *śātam*= pacífico; *śivam*= auspicioso; *advaitam*= não dual; *caturtham*= quarto; *manyante*= pensamento; *sa*= Ele (Brahman); *ātmā*= Ātma – Ser; *sa*= ele; *vijñeyau*= para ser conhecido.

A quarta parte, de acordo com o conhecimento, está além da cognição de qualquer forma ou maneira, tanto interna como externamente. Ela é imperceptível por ambos os meios (internos e externos). Ela é a forma básica da cognição que é comum a todos os estados de consciência, tanto vaga como não-vaga. Ela é a cognição com sua pureza, onde não se relaciona com qualquer fenômeno ou experiência. Ela é inesgotável e inconcebível, e está além dos cinco sentidos. Ela é o estado não dual – Advaita - último de bem-aventurança. Ela é o Ser – Brahman, Ātma – que tem que ser realizado.

Comentário do śloka

O estado de absoluta independência das qualidades materiais é chamado de *asamprājñata-samādhī*, ou *Turya*, onde a mente mundana está completamente ausente, onde se experimenta a Verdadeira Realidade. Neste estado de comunhão com o Supremo, a alma individual, ou *Jīva*, experimenta a bem-aventurança da não-dualidade, típica do mundo material. Śrī Pātañjali diz nos seus *Yogasūtras*, 1.14, que, “*Mantendo a supremacia da consciência no desapego, Vairāgya, atinge-se o que é dito nas escrituras sagradas: Samādhī*”. Por conseguinte, compreende-se que não se pode alcançar o *samādhī* sem antes termos desenvolvido as qualidades de pureza da mente, e de desapego do gozo dos sentidos. Śrī Kṛṣṇa deu uma instrução no *Bhagavad-gītā*, 2.45 para Arjuna determinar-se além do condicionamento dualista comum do mundo. O verso diz:

*traiguṇya-viṣayā vedā
nistrai-guṇyo bhavārjuna
nirdvandvo nitya-sattva-stho
niryoga-kṣema ātmavān*

“Os Vedas dizem respeito às três qualidades materiais, *guṇas*, ó Arjuna; determina-te além delas, num equilíbrio sem dualidades – *nir-advaita* - pois o teu Ser não precisa desta proteção”. A diferença entre a alma individual e a alma Suprema está na relação que estas mantêm com o mundo material. Enquanto a alma individual, *Jīva*, está condicionada aos três modos da natureza material – *traiguṇas* – Brahman não está, de modo algum, condicionado a eles. O Ser, ou *Ātman*, não precisa das qualidades da energia material para existir, mas a mente, estando condicionada no gozo dos sentidos, crê-se a controladora dos resultados das suas atividades. De fato, conforme diz Kṛṣṇa, podemos ser responsáveis pelas ações, mas não pelos seus resultados, porque nunca se é causa do fruto da ação. Há o verso do *Bhagavad-gītā*, 2.47, sobre isto que diz:

*karmāṇy evādhikāras te
mā phaleṣu kadācana
mā karma-phala-hetur bhūr
mā te saṅgo 'stv akarmaṇi*

“É teu direito executar corretamente tua ação devida, mas nunca, em qualquer tempo, aos resultados dela decorrentes. Nunca se é causa do fruto da ação, tampouco, nunca te apegues em não fazê-la”. Isto quer dizer que uma pessoa não deve negligenciar as suas ações, mas não deve achar-se a causa dos resultados. Este conhecimento é o conhecimento perfeito, porque o *Yogī* adquire a real cognição de que o agente Supremo ou Īśvara Supremo é Śrī Kṛṣṇa, e não ele próprio, com seus condicionamentos materiais e limites de tempo, lugar e circunstâncias.

Śloka 8

सोऽयमात्माध्यक्षरमोङ्करोऽधिमात्रं पादा मात्रा मात्राश्च पादा

अकार उकारो मकार इति ॥ ८ ॥

*so'yamātmādhyaṅkārām oikaro'dhimātrāṃ
pādā mātrā mātrāṅca pādā
akāra ukāro makāra iti*

saḥ= este; *ayam*= dele; *ātma*= *Ātma*; *adhy-akṣaram*= indestrutível e abundante; *Om̐kara*= *Om̐kara* ou o *Om̐*; *adhimātram*= superior; *pāda*= parte; *mātrā*= quarta; *mātrāṅś*= quarta; *ca*= e; *pāda*= parte; *akāra*= letra “A”; *ukāro*= letra “O”; *makāra*= letra “M”; *iti*= deste modo.

Este Ātman é o mesmo abundante e indestrutível Om̐kara – Om̐ - dito acima nas quatro partes, e são as letras “A”, “U” e “M”, partes d’Ele.

Comentário do śloka

O *Om̐kara* ou a palavra *om̐* é composta por três letras, e quatro sons, a saber: “A”, “U”, “M” e “M”, sendo que esta última é a nalização completa da letra “M”, e um som que está além da articulação comum, podemos comparar este último ao *Bindu*, essência, de um som chamado em sânscrito de *Nada*. Por seu turno, o que se reforça neste *śloka* é o fato de que não há diferenças entre as sílabas que evocam o Santo Nome do Senhor e o próprio Senhor. Como Kṛṣṇa diz no *Bhagavad-gītā*, 10.33 (ver comentário no *śloka* 1, deste *Māṇḍukya-upaṇiṣad*), Ele, Śrī Kṛṣṇa, é o próprio *Om̐*, ou a personificação do *Om̐kara*. Cada uma destas letras do sagrado *prāṇava om̐* diz respeito a um dos estados explicados anteriormente, de modo que será esclarecedor vermos os seus significados nos *ślokas* seguintes.

Śloka 9

जागरितस्थानो वैश्वानरोऽकारः

प्रथमा मात्रा ऽप्टेरादिमत्त्वाद्

वाऽऽप्नोति ह वै सर्वान् कामानादिश्च भवति य एवं वेद ॥ ९ ॥

*jāgaritasthāno vaiśvānaro'kāraḥ prathamā
mātrā 'pṭerādimattvād vā 'pnoti ha vai sarvān
kāmanādiṅca bhavati ya evaṃ veda*

jāgaritasthā= no estado de vigília; *vaiśvānara*= *Vaiśvānara*; *akārah*= letra “A”; *prathamā*= a primeira; *mātrā*= quarta parte; *apṭerā-ādimattvād*= tendo um começo; *vā*= ou; *apnoti*= alcança; *ha*= certamente; *vai*= ênfase; *sarvān*= todos; *kāmanādiṅca*= objeto dos sentidos; *bhavati*= torna-se; *ya*= quem; *evam*= assim; *veda*= conhecimento.

Vaiśvānara, que corresponde ao estado de vigília, é a letra “A”, a primeira parte dos quatro sons,

porque ambos estão impregnados e possuem um começo. Aquele que conhece isto, certamente, alcança todos os desejos dos objetos dos sentidos e identifica-se com o primeiro.

Comentário do śloka

Vaiśvānara é o fogo digestivo que transforma toda a matéria grosseira em energia, responsável pela manutenção de todo o corpo. O estado de vigília é onde a pessoa realiza as suas atividades, e, portanto, é o estado onde a pessoa procura a gratificação dos sentidos. Assim como no alfabeto a primeira letra é a letra “A”, o *Om̐kara* é o começo, o meio e o fim de todas as coisas, e, ao mesmo tempo, está além delas. De fato, tudo é sustentado e mantido pelo *Om̐kara*, que é o Supremo Īśvara ou o Controlador Supremo. Kṛṣṇa já dissera que Ele é a letra “A”, bem como o próprio *Om̐kara*, de modo que quem conhece o primeiro conhece a tudo, e alcança tudo o que deseje, porque Ele é a fonte de todas as coisas (ver comentário no *śloka* 1).

Śloka 10

स्वप्नस्थानस्तैजस उकारो द्वितीया मात्रोत्कर्षात्

उभयत्वाद्द्वोत्कर्षति ह वै ज्ञानसन्ततिं समानश्च भवति

नास्याब्रह्मवित्कुले भवति य एवं वेद ॥ १० ॥

*svapnasthānastaijasa ukāro dvitīyā mātrotkarṣāt
ubhayat-vādvotkarṣati ha vai jñāna-santatiṃ
samānaṅca bhavati
nāsyābrahmavitkule bhavati ya evaṃ veda*

svapnaḥ-asthāna= o estado de sonho; *taijasa*= *Taijasa*; *ukāro*= letra “U”; *dvitīyā*= segundo; *mātro*= dos quatro; *karṣāt*= atraído; *ubhayat*= ambos; *vā*= ou; *ha*= certamente; *vai*= ênfase; *jñāna-santatiṃ*= conhecimento da repetição; *samānaṅś*= igual que; *ca*= e; *bhavati*= torna-se; *nāsyā-abrahma*= ninguém nas ignorante de Brahman; *vitkule*= na família; *bhavati*= situa-se; *ya*= quem; *evam*= assim; *veda*= conhece.

Taijasa, o qual representa o estado de sonho, é a letra “U”, é a segunda da quarta parte (do Om̐kara); certamente, o estado de sonho é considerado superior ao estado de vigília. Aquele que conhece isto se torna grande em conhecimento, e ninguém nasce ignorante de Brahman em sua família.

Comentário do śloka

As leis do *karma* – ação e reação – acentuam que se uma pessoa adquire o conhecimento acerca do Supremo, ela alcança o Brahman. Qualquer impedimento que possa ocorrer na vida do *Yogī* irá reiniciar, numa próxima vida, no exato ponto em que ele interrompeu o processo. Atividades no modo da

bondade, *sattva-gūṇa*, conferem um bom *karma*, fazendo com que o *Yogī* nasça numa família de *Brāhmanas* eruditos, fato que faz com que ninguém que nasça naquela família seja ignorante do Brahman. No *Bhagavad-gītā*, 6.41-42, está escrito: “Após realizar as atividades piedosas, esse *yogī* vive muitos anos nos planetas dos piedosos; após residir ali, aquele que caiu da senda do yoga, nasce na casa de pessoas prósperas, ou então, certamente, na família de *yogīs* eruditos, dotados de grande sabedoria, apesar deste nascimento ser muito raro no mundo”.

Śloka 11

सुषुप्तस्थानः प्राज्ञो मकारस्तृतीया मात्रा मितेरपीतेर्वा

मिनोति ह वा इदं सर्वमपीतिश्च भवति य एवं वेद ॥ ११ ॥

*suṣuptasthānaḥ prājño makārastātēyā
mātrā miterapētervā minoti
ha vā idaṁ sarvamapētiṣca
bhavati ya evaṁ veda*

suṣupta= sono profundo; *asthānaḥ*= sono; *prājña*= *Prajña*; *makāra*= letra “M”; *astṛīyā*= no terceiro; *mātra*= quarto; *miter*= *standart*; *api*= certamente; *iti*= este ; *vā*= ou; *minoti*= como um fim; *ha*= certamente; *vā*= ou; *idaṁ*= este; *sarva*= todos; *bhavati*= torna-se; *ya*= quem; *evaṁ*= assim; *veda*= conhecimento.

Prajña, o estado de sono profundo – Susupta – representa a letra “M”, a terceira da quarta parte (do Om), porque, certamente, é o padrão o qual terminam as outras duas (letras). Aquele que conhece isto. Torna-se possuidor do entendimento compreensível.

Comentário do śloka

A letra “M” encerra a três partes sonoras diretas do *Om*. A quarta parte, que veremos no *śloka* a seguir, trata-se da parte inefável, que é representada pela letra “Ṃ”. O fato da quarta parte não possuir um equivalente material, mesmo com a alma condicionado no mundo material, é muito transcendental, porque desvela a natureza espiritual da alma, e não material. Esta relação entre o som e o seu significado é algo muito elevado pelo ponto de vista espiritual.

Śloka 12

अमात्रश्चतुर्थोऽव्यवहार्यः प्रपञ्चोपशमः शिवोऽद्वैत

एवमोङ्कार आत्मैव संविशत्यात्मनाऽऽत्मानं य एवं वेद ॥ १२ ॥

*amātraṣcaturtho 'vyavahāryaḥ
prapañcōpaśamaḥ śivo 'dvaita
evamoikāra ātmaiva
saaviṣatyātmanā 'tmānaḥ ya evaṁ veda*

amatraḥ= dos quatro; *caturtho*= quarta parte; *avyava*=

êxito; *āryaḥ*= *arya*; *prapañca*= cinco sentidos; *paśamaḥ*= além; *śiva-advaita*= não dualismo auspicioso; *evaṁ*= assim; *Om̐kara*= o *Om̐kara*; *ātma*= *Ātma*; *iva*= como; *saṁvit*= grupo; *śatya*= verdade; *ātmanā*= *Ātma*; *ātamānam*= *Ātma*; *ya*= quem; *evaṁ*= assim; *veda*= conhecimento.

O conjunto dos quatro, que está além dos cinco sentidos, é o não dualista e auspicioso Om̐kara, a realidade última – Ātman – que está além de toda a manifestação. Aquele ariano que assim realiza este conhecimento sobre a Verdade do Ātman vê dentro dele a mesma realidade do todo-penetrante Ātman.

Comentário do śloka

Percebemos que o vidente da Verdade Suprema toma conhecimento de que o *Ātma*, que a tudo pervade, é o mesmo em tudo e em todos, e que está além dos cinco sentidos. A realização de um conhecimento ariano deve ser feita por um ariano autêntico. Isso quer dizer que deverá seguir as leis e regras determinadas nas escrituras védicas de forma incondicional e incontestável. Apesar de estar claro que a realidade última é o Brahman Supremo – *Om̐kara* – muitos deixam passar despercebido o fato de que quem percebe algo é uma entidade individual. Isto é importante, porque não há observado sem observador. Por conseguinte, não há como falarmos de uma realidade Suprema ou até mesmo entrarmos em contato com uma realidade Suprema, e com Ela ter uma comunhão, se não há esta diferença entre o Todo e a parte. A *Jīva*, ou entidade viva ou alma espiritual individual, é quem entra em contato com a realidade última ou o Supremo Brahman – Śrī Kṛṣṇa. Em um certo sentido, quem contempla a realidade Suprema contempla-se a si mesmo, por isso é que considera-se o conhecimento da Verdade como um monismo puro e Absoluto ou *Kevala-advaita*, porque há uma íntima relação entre o Todo e a parte, apesar do Todo ser diferente da soma das partes. Como vimos no *śloka* 7, citando o verso 2.45 do *Bhagavad-gītā*, há o conselho expresso para nos afastarmos da idéia dualista do Ser individual e da alma Suprema, razão pela qual muitos conceitos mundanos como raça, credo, pátria, religião, etc., resvalam por serem incoerentes em si mesmos, porque a verdadeira realidade é o Senhor Supremo na união das diversidades, e não a divisão do Senhor Supremo na dualidade.

A vibração sonora do *om̐* é idêntica ao Supremo, por isso se diz que o canto dos Seus Santos Nomes traz a recompensa da liberação da roda do *saṁsāra*. As partes que compõe o *mantra om̐*: “A”, “U”, “M”, quando articuladas juntas, entoam o “Ṃ”, o som anasalado, que se trata do resultado final do sagrado *praṇāva om̐* ou Santo Nome do próprio Senhor Supremo, Śrī Kṛṣṇa, conforme podemos confirmar no comentário no *śloka* 1, e a descrição de cada um dos 3 *lokas* deste *Ūpaṇiṣad*.

Hari om tat sat



iti māṇḍukya-ūpaṇiṣad śrī kṛṣṇa priya dās

**Assim foi descrito o Māṇḍukya-ūpaṇiṣad,
Por Sua Santidade Śrī Adi Śaṅkarācārya, nos
significados dados por Śrī Kṛṣṇaprīyānanda
Saraswātī, em Janeiro de 2003.**



Glossário

ācārya= preceptor espiritual que ensina pelo exemplo; mestre da filosofia védica.
abhāyam: destemido.
abhimāna: egoísmo; identificação com o corpo.
abhyasa: prática espiritual.
adhikari: uma pessoa qualificada.
adhiṣṭhāna: substrato; suporte.
adhyāsa: sobreposição ou falsa atribuição de propriedades de um coisa em outra.
adhyātma: espiritual.
adhyayāna: estudo.
advaita: não dualismo ou monismo.
agrahya: incognoscível.
ahaṅkāra: egoísmo.
ahimsa: não violência, em pensamentos, palavras e obras
aiśvarya: poder divino.
ajaram: desprovido de envelhecimento.
alabdhabhumikatva: o sentimento de que é impossível ver a realidade
amāra-puruṣa: ser imortal.
amṛtam: imortal.
ānadi: sem princípio.
anāhata: som místico do coração dos *Yogis*.
ānanda: bem-aventurança; felicidade, alegria.
ānanda-ghāna: nuvem de bem-aventurança.
ānanda-svarūpa: da forma de Bem-aventurança.
ānandamāya: cheio de plena felicidade.
āntahkarāna: instrumento interno como a mente, o intelecto, o ego e a mente subconsciente.
ānantarīn: infinidade.
āntarātman: ser interno.
āntaryamin: testemunha interna.
anubhāva: experiência.
āryano: que segue as injunções dos *Vedas*.
āsaṃprajñāta: o mais elevado estado de superconsciência onde a mente é completamente aniquilada e experiência a realidade.
āsana: o posicionamento físico ou postura.
āśram: monastério; habitação isolada; etapa devocional.
aṣṭāṅga: oito partes.
asuric: demoníaco.
ātmā-jñāna: conhecimento do Ser.
ātmā-svarup: a essencial natureza do Ser.
ātmān: o Ser.
avadhūta: um sábio renunciante.
avidyā: ignorância.
ayurveda: ciência médica da antiga Índia.
benares: um sagrado centro de peregrinação dos Hindus, agora conhecido como Varanāsi em Uttar Pradesh, Índia.
bhagavad-gīta: uma escritura sagrada que contém os ensinamentos do Senhor Kṛṣṇa.
bhāgavata: nome de um *Purāṇa* (trabalho sagrado que trata sobre a doutrina da criação, etc.),

bhajan: cântico ou som devocional
bhakta: devoto de Deus.
bhakti: devoção.
bhārata-varṣa: índia.
bhāva (na): sentimento; atitude mental.
bhayanaka-śabda: um medo induzido pelo som.
bhogī: desfrutador.
bhūma: o incondicionado; o grande infinito Brahman.
bhuta-siddhi: um poder físico, pelo seu domínio sobre um elemento (da natureza).
brahmā-chintana: pensamento constante em *brahman* (o Ser Supremo).
brahmā-jñāna: conhecimento direto de Brahman.
brahmā-niṣṭha: aquele que estabelece, que se firma, o seu conhecimento no Brahman.
brahmā-śrottri: aquele que conhece os *Vedas* e as *Ūpaṇiṣads*.
brahmā-śūtras: escritura Védica clássica.
brahmā-tejas: halo espiritual.
brahmā-vidya: a ciência de Brahman; conhecimento de Brahman; estudo relativo ao Brahman ou a Realidade Absoluta.
brahmācarya: prática de celibato; pureza por pensamentos, palavras e ações.
brahmamuhūrta: período entre 4 e 6 horas da madrugada.
brahman: realidade Absoluta; Deus.
brihadaranyaka: nome de uma *Upanishad*.
caitanya: consciência Pura.
cakras: centros de energia sutil no corpo humano.
caṅdogya: nome de uma *Upanishad*.
chitta: mente subconsciente.
daivic: divino.
dama: controle dos sentidos.
darśan: visão; graça.
daya: misericórdia.
deha: corpo.
devā: ser celestial.
dharana: concentração.
dharma: reto agir; viver conforme as virtudes das sagradas escrituras.
divya-dṛiṣṭi: percepção divina.
dvaita= dualismo.
dveśa: repulsão; ódio, antipatias.
gaṅgā: rio Ganges.
gāyatrī: um dos mais sagrados *mantras* védicos; Deusa dos *Vedas*.
gītā: literalmente “canção”, refere-se a *Bhagavad-Gītā*, “Canção do Senhor”.
guṇa: qualidade nascida na natureza.
guru: professor; educador; aquele que dá instruções e iniciação para o discípulo.
havan: sacrifícios sagrados.
hiranyagarbha: inteligência cósmica; o Supremo Senhor do Universo; mente cósmica.
Īndra: semideus da chuva; o governador do céu.
indriyas: sentidos.
īśvara: senhor; Deus; controlador.

jada: insensível.
japa: repetição dos Nomes do Senhor
jīva: alma individual.
jīvanmukta: aquele que conseguiu liberar-se nesta vida.
jñāna: conhecimento; sabedoria.
jñāna-īndriyas: organismos do conhecimento e da percepção.
jñānī: (Pronuncia-se *guiāni*). Pessoa sábia.
kaivalya: emancipação; estado de independência absoluta.
karma: ações realizadas por intermédio da “lei de causa e efeito”; trabalho; atividade.
karma-īndriyas: órgãos da ação: língua, mãos, pés, órgãos genitais e o ânus.
karma-kāṇḍī: aquele que observa estritamente as obrigações ordenadas nas escrituras.
karmaṣrāya: receptáculo das ações.
karuna: compaixão
kaśaya: desejos escondidos.
kevala= total; absoluto.
kīrtan: cânticos de sons devocionais.
kriyā: um tipo de exercício do *Hatha Yoga*.
Kṛṣṇa: a Suprema Personalidade de Deus, que incarnou no início da *Kali-yuga*.
kśama: perdão.
kuṇḍalinī: a energia cósmica primordial que está localizada no indivíduo.
kurtir: um pequena casa; choça.
liṅga-śarīra: corpo sutil ou corpo astral.
lobha: ambição.
mahā: grande.
māhābhārata: um épico Hindu.
mahānt: grande sábio.
mahāpuruṣa: o Ser Supremo.
Mahārṣi: grande sábio.
mahāsamādhī: a despedida de um santo auto-realizado do enredamento da morte.
mahātmā: grande alma.
maitri: amizade.
mānas: mente.
manonasa: destruição da mente.
mantra: sílaba sagrada, ou grupo de palavras que através da repetição ou da reflexão consegue-se alcançar a perfeição.
māyā: poder enganoso de Deus.
moha: paixão cega; apego.
mokṣa: liberação.
mouṇa: juramento de silêncio.
mouni: aquele que observa o silêncio.
mukti: liberação.
mumukṣu: aquele que aspira obter a liberação.
munī: um asceta; sábio
mūrti: ídolo (imagem sagrada de Deus).
nadā: som místico.
nirodha: controle ou moderação.
nirvāṇa: liberação; emancipação final.
nirvikalpa-samādhī: estado de superconsciência onde não há variação na mente.

nityā-siddha: alma liberada de maravilhoso poder que está sempre presente no plano astral.
nivṛtti: renúnciação.
niyāma: o segundo passo no *Raja-yoga*; observância de pureza, contentamento, austeridades, etc.
ojas: energia espiritual.
om: a monossílaba sagrada que simboliza o Brahman ou Kṛṣṇa.
parivrājaka: monge que se desviou do caminho.
param-dhama: morada Suprema.
paramahansa: a mais elevada classe de Sannyasin.
paśu-svabhava: natureza animal; natureza bestial.
Pātañjali: o autor dos *Yoga-Sutras*; também chamados de *Ashtanga Yoga*.
prakṛti: mãe natureza; causa material.
prāṇa: energia vital presente no ar, captada pela respiração.
pranāva: o sagrado OM.
prāṇāyāma: prática de exercícios respiratórios sob controle.
prema: amor divino.
pṛthivi: o elemento terra.
purāṇas: mitos e lendas Hindus.
purṇa-jñani: um sábio de máximo conhecimento.
purṇa-yogi: um *Yogi* pleno.
puruṣa: o Ser Supremo.
raga: ligação.
rāja: rei.
rajas: uma das três qualidades da *prakṛiti* (natureza) a qual gera paixão e inquietação.
rāja-yoga: um sistema de *Yoga*, geralmente refere-se ao que foi proposto por Patañjali; *Ashtanga Yoga*.
rājaśuya-yajña: um sacrifício realizado por um monarca
rāmāyāṇa: a sagrada narrativa épica do Senhor Rama.
rasa: sabor.
rasaśvāda: experimentação do bem-aventurança do *samādhī*.
ṛṣi: sábio.
ṛṣikesh: um lugar sagrado no Himalaya.
rūpa: forma.
sādhaka: aspirante espiritual.
sādhana: prática espiritual.
sādhū: um sábio e piedoso homem.
sagāra: oceano.
sahasrānāma: os mil nomes do Senhor
sakṣi: testemunha.
sakti: poder; força; aspecto feminino da divindade.
sakti-sañcar: transferência de poder pelo desenvolvimento do *Yogi*.
sama: serenidade; controle da mente.
samādhī: o estado de superconsciência, onde é experienciada a perfeição atendendo todo o conhecimento, alegria, na unificação do Ser.
saṁsāra: o processo da vida terrena.
samskaras: impressões no subconsciente da mente.
samyama: contenção perfeita; uma total e completa condição de equilíbrio e repouso, contração, meditação

e *Samādhi*.

Śāṅkara: o bem conhecido professor da filosofia *Vedānta*. O preceptor *ācārya vaiṣṇava* original.

saṅkīrtan: canto de sons divinos (Divino Nome).

sannyāsī: aquele que abraçou a vida de renúncia completa das coisas materiais.

sat-cid-ānanda: existência Absoluta (*Sat*), Conhecimento Absoluto (*Chid*), Bem-aventurança Absoluta (*Ānanda*).

satsang: associação com os sábios.

sattva: a unidade pura das três qualidades da Natureza; equilíbrio.

satya-yuga: a era da Verdade; a primeira das quatro do ciclo de tempo Hindu.

śabda: som.

siddhi: poder psíquico; poderes sobre a matéria grosseira.

śiva: literalmente: auspiciosidade; o Senhor Śiva – concede auspiciosidades aos seus devotos.

śloka: verso.

sparsā: tato.

śraddhā: fé.

śrī: auspiciosidade; um nome é qualificado colocando na sua frente “Śrī”, como uma marca de cortesia e auspiciosidade.

śotra: hino.

suddha: puro.

sukha: felicidade.

suśumna: o principal entre os tubos astrais no corpo humano, que circundam a coluna vertebral.

sūtra: aforismo.

svādhyaya: estudo das escrituras.

svarūpa: natureza essencial; realidade.

tamas: uma das três qualidades do mundo material, a qual é a inércia, preguiça, embotamento, sonolência e tola paixão ignorante.

tanmatra: sutil; raiz indiferenciada dos elementos materiais.

tapas: austeridade.

tapascārya: praticante de austeridades.

tattva: essência; princípio.

tehsildar: rendição oficial.

tripuṭī: a tríade vidente, olhar e visão.

triśna: anelamento.

turiya: o estado de superconsciência; o quarto estado transcendente da vigília, sono e estado de sono profundo.

tyaga: renúnciação (do egoísmo, dos desejos e do mundo).

uddālaka: um grande sábio de outrora.

upadeśa: aviso espiritual.

ūpaṇiṣads: literalmente: “estar diante de”; revelação; textos que tratam com a verdade última e a sua realização.

vairagya: desapego; ausência de paixão.

vaiṣṇava: adorador do Senhor Viṣṇu ou Kṛṣṇa.

vāsana-kṣya: ausência de desejo.

vāsanas: desejos sutis.

vastu: artigo.

vedānta: a escola de pensamento do Hinduísmo (baseada, primeiramente nos *ūpaṇiṣads*; finalidade dos *Vedas*).

vedāntin: pessoa que segue os caminhos do *Vedānta*.

vedas: o mais antigo das autênticas escrituras do Hinduísmo; uma escritura revelada, e, portanto, livre de imperfeições.

vīrya: energia seminal.

vetta: conhecedor.

vichara: investigação da natureza interior do Ser. Verdade absoluta; Brahman.

vṛgraha: ataque.

vikṣepa: o jogo mental.

viśaya: objetos dos sentidos.

viveka: discriminação.

vṛtti: uma onda no “lago mental”.

vyavahara: (mundanamente) atividade.

yajñavalkya: um grande sábio de outrora.

yāma: primeiro passo do *Raja Yoga*. Juramento eterno: não-violência, verdade, etc.

yoga: união; união como o Ser Supremo – qualquer coisa que contribui para união com o Supremo.

yogī (n): pessoa que pratica *Yoga*; aquele que está estabelecido no *Yoga*.

yonī: origem.

